



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO -
POSTRAD

MIGUEL FILHO FERREIRA DE OLIVEIRA

**PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE QUALIDADE EM
TRADUÇÃO EM JULIANE HOUSE**

BRASÍLIA
08/2022

MIGUEL FILHO FERREIRA DE OLIVEIRA

**PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE QUALIDADE EM TRADUÇÃO
EM JULIANE HOUSE**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO DO DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

Área de habilitação: Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Gleiton Malta

Defendida e aprovada em: 30 de agosto de 2022

Banca examinadora formada por:

Prof. Dr. Gleiton Malta
Universidade de Brasília e Universidade Federal da Bahia (UnB/UFBA)
Orientador e Presidente

Prof. Dr. Luis Carlos Ramos Nogueira
Universidade de Brasília (UnB) - Examinador Interno

Prof^a. Dra^a. Marcia do Amaral Peixoto Martins
PUC/Rio de Janeiro - Examinadora Externa

Prof^a.Dra^a. Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Universidade de Brasília (UnB) – Examinadora Suplente

BRASÍLIA
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço

À minha família, meus incondicionalmente amados: Woodinho, Biel, Lili, Dri e Preta.

A todos os meus mestres, em especial aos professores do LET/UnB.

Aos professores examinadores, Luis Carlos Ramos Nogueira e Marcia do Amaral Peixoto Martins.

Ao meu primeiro mestre Jean Moscarola.

Aos estimados professores Hans Theo Harden e Alessandra Ramos de Oliveira Harden.

Aos meus diletos amigos Luadne Fernandes e Luis Gualberto.

Agradeço em especial ao meu estimado orientador, professor Gleiton Malta, a quem sou eternamente grato pela disposição, pela paciência, pelos aconselhamentos, pelo incentivo, pela confiança. Saiba *teacher*, que foi a sua presença, mais do que meu amor pela pesquisa e pelo tema, que não me deixou desistir nos muitos baixos vividos ao longo deste trabalho. Obrigado, Mestre!

FICHA CATALOGRÁFICA

F048p FERREIRA DE OLIVEIRA, MIGUEL FILHO

PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE QUALIDADE EM TRADUÇÃO EM JULIANE HOUSE / MIGUEL FILHO FERREIRA DE OLIVEIRA; orientador GLEITON MALTA. -- Brasília, 2022. 90 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução) - Universidade de Brasília, 2022.

1. QUALIDADE EM TRADUÇÃO. 2. AVALIAÇÃO DA QUALIDADE EM TRADUÇÃO. 3. TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT. I. MAGALHAES, GLEITON MALTA, orient. II. Título.

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo teórico que visa *problematizar o conceito de qualidade em tradução em Juliane House*. Sua realização seguiu os princípios de uma pesquisa conceitual comparada, centrada no cotejamento entre o conceito de qualidade de que faz uso Juliane House no seu modelo de avaliação da qualidade em tradução (HOUSE, 2015) e os preceitos dos principais conceitos de qualidade praticados no âmbito da disciplina Gestão da Qualidade da Fileira da Administração. Os resultados obtidos indicam que para House “qualidade significa equivalência e equivalência significa qualidade”. O conceito de qualidade retido pela autora é circunscrito ao aspecto linguístico da tradução, baseado no conceito de **equivalência** linguística, incidindo no produto e executado *a posteriori*, após o término do processo tradutório; características estas diametralmente opostas ao conceito global, amplo e antecipativo como é praticado no âmbito da disciplina Gestão da Qualidade. A metodologia seguida foi baseada no método comparado e na análise de conceitos.

Palavras-chave: Qualidade em Tradução, Avaliação da Qualidade em Tradução, TQA, Crítica de Tradução, Juliane House.

ABSTRACT

The present work presents a theoretical study that aims to render problematic the concept of quality in translation in Juliane House. Its realization followed the principles of comparative conceptual research, centered on the comparison between the concept of quality used by Juliane House in her model of quality assessment in translation (HOUSE, 2015) and the precepts of the main concepts of quality practiced in the discipline Quality Management of the Administration Rank. The results obtained indicate that for House “quality means equivalence and equivalence means quality”. The concept of quality retained by the author is limited to the linguistic aspect of the translation, based on the concept of linguistic equivalence, focusing on the product and executed *a posteriori*, after the end of the translation process; these characteristics are fully opposed to the global, broad and anticipatory concept as practiced within the scope of the Quality Management discipline. The methodology followed was based on the comparative method and the analysis of concepts.

Keywords: Translation Quality, Translation Quality Assessment, TQA, Translation Criticism, Juliane House.

SOMMAIRE

Ce travail présente une étude théorique qui vise à problématiser le concept de qualité en traduction chez Juliane House. Cette réalisation a suivi les principes de la recherche conceptuelle comparative, centrée sur la comparaison entre le concept de qualité utilisé par Juliane House dans son modèle d'évaluation de la qualité en traduction (HOUSE, 2015) et les préceptes des principaux concepts de qualité pratiqués dans la gestion de la qualité de la discipline du grade d'administration. Les résultats obtenus indiquent que pour House « la qualité signifie l'équivalence et l'équivalence signifie la qualité ». La notion de qualité retenue par l'auteure est limitée à l'aspect linguistique de la traduction, basée sur la notion d'équivalence linguistique, centrée sur le produit et exécutée *a posteriori*, après la fin du processus de traduction; ces caractéristiques sont carrément opposées au concept global, large et anticipatif tel qu'il est pratiqué dans le cadre de la discipline Management de la Qualité. La méthodologie suivie était basée sur la méthode comparative et l'analyse des concepts.

Mots-clés : qualité de la traduction, évaluation de la qualité de la traduction, TQA, critique de la traduction, Juliane House.

LISTA DE ABREVIACÕES

A	- <i>Assessment</i> (Avaliação)
DC	- Disciplina Cedente
DR	- Disciplina Recipiente
FIT	- Federação Internacional de Tradutores
H1	- Hipótese da transparência do conceito de qualidade
H2	- Hipótese da minimização da importância do conceito de qualidade
PC-TQA	- Pirâmide Conceitual TQA
PE	- Paradigma da equivalência
PQ	- Paradigma da qualidade
Q	- <i>Quality</i> (Qualidade)
QA	- <i>Quality Assessment</i> (Avaliação da Qualidade)
QG	- Qualidade em Gestão
Q = E	- Equação de House
T	- Translation (ou Tradução)
TC	- Texto de chegada
TP	- Texto de partida
TQ	- <i>Translation Quality</i> (Qualidade em Tradução)
TEA	- “ <i>Translation Equivalence Assessment</i> ”
TQA	- <i>Translation Quality Assessment</i> (Avaliação da Qualidade em Tradução)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide Conceitual TQA.....	15
Figura 2 – Qualidade como atributo de uma relação	30
Figura 3 – Modelo Esquemático de comparação de conceitos.....	50
Figura 4 – Mapeamento do conceito de qualidade	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Termos e repositórios pesquisados.....	51
Tabela 2 – Qt. de artigos e periódico de publicação do corpus “qualidade”...	57
Tabela 3 – Qt de ocorrências por termo	60
Tabela 4 – Qt. de ocorrências dos termos <i>Translation</i> , <i>Quality</i> e <i>Assessment</i> ...	62

Sumário

1	INTRODUÇÃO	10
2	ARCABOUÇO TEÓRICO	14
2.1	A pirâmide conceitual TQA (PC-TQA).....	14
2.1.1	Características da pirâmide conceitual “PC-TQA”.....	16
2.1.2	Deduções derivadas da estrutura PC-TQA.....	17
2.2	A ideia de conceito como substância segunda.....	20
2.3	O conceito de qualidade (Q).....	24
2.3.1	As três vertentes da qualidade.....	24
2.3.2	As cinco abordagens da qualidade.....	27
2.3.3	Qualidade como atributo de uma relação.....	28
2.3.4	Modelagem do conceito de qualidade.....	30
2.4	Qualidade em tradução (TQ).....	32
2.5	Qualidade no modelo de Juliane House.....	37
2.5.1	O modelo de avaliação da qualidade de Juliane House.....	41
3	METODOLOGIA	43
3.1	O método comparativo.....	43
3.2	Pesquisa conceitual.....	45
3.3	Enquadramento da pesquisa: Holmes e TQA.....	48
3.4	O método de investigação e os recortes adotados.....	49
3.5	Ensaio auxiliares usando corpora.....	51
4	RESULTADOS	52
4.1	O estágio evolutivo do conceito de qualidade.....	52
4.2	“Enfoques” do conceito de qualidade.....	52
4.3	“Vertentes” do conceito de qualidade.....	53
4.4	“Dimensões” do conceito de qualidade.....	53
4.5	Escala de variáveis de expressão do conceito de qualidade.....	54
4.6	Time da avaliação da qualidade.....	55
4.7	Posição do cliente/leitor no sistema.....	55
4.8	Mapeamento preliminar do termo “qualidade”.....	57
4.9	Frequência do termo “ <i>Translation Quality Assessment</i> ” (TQA).....	59
4.10	Frequência dos termos “ <i>quality</i> ” e “ <i>Translation Quality Assessment</i> ” (TQA) na obra de referência de Juliane House.....	61
4.11	Imprescindibilidade do texto original.....	63
4.12	Princípio do 3º Incluído.....	63
5	CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
	APÊNDICE A – Títulos dos artigos que compõem o corpus utilizado no mapeamento preliminar do termo “qualidade” (item 4.8 do relatório)	74
	APÊNDICE B – Telas de saída do AntConc do mapeamento preliminar do termo “qualidade” (item 4.8)	81
	APÊNDICE C – Telas de saída do AntConc do mapeamento preliminar dos termos “quality” e “translation quality assessment (item 4.10)	88

“Não se gerencia o que não se mede, não se mede o que não se define, não se define o que não se entende, e não há sucesso no que não se gerencia.”

William Edwards Deming.

(1900-1993)

Estatístico e pai do controle de qualidade moderno

1 INTRODUÇÃO

Se fôssemos apontar o termo de maior relevância para este trabalho, ele seria, muito provavelmente, “qualidade em tradução”, seguido do seu correlato geral “qualidade”. Reconhecidamente complexo, multifacetado, de “contornos fluidos” (CARY; JUMPELT, 1963, p. xvi), que em certa ocasião foi parafraseado pelo tradutor Pierre-François Caillé¹ (CARY; JUMPELT, 1963, p. xviii) como “condição essencial da nossa profissão”, o termo “qualidade” comporta “[...] elementos sutilmente subjetivos e padrões às vezes difíceis a definir [...]” (CARY; JUMPELT, 1963, p. 8) nas palavras desse tradutor, o que, por conseguinte, dificulta a compreensão metódica do conceito, mesmo quando submetido ao escrutínio de uma investigação mais reflexiva (esses termos são empregados irrefletidamente no diálogo coloquial sem causarem maiores problemas de comunicação entre os falantes).

Tamanha dificuldade não vem sem consequências. Nesta pesquisa, ela proporciona ao pesquisador sensação semelhante àquela que experimentou o cego da antiga parábola indiana do elefante e os sete cegos²: uma tarefa desafiadora pela proximidade com o desconhecido e, pela mesma razão, gratificante pela possibilidade da descoberta. Sem ter certeza de muita coisa, portanto, mas tão somente desconfianças recolhidas aqui e ali ao cabo dessas reflexões, o que nos resta é contar a história desse périplo sinuoso a que fomos impelidos e guiados pelo fluxo do raciocínio analítico que se iniciou de uma curiosidade trivial, típica de um estrangeiro que chega em visita a uma terra estranha. A essa indagação primeira acorreram postulações de respostas, que, por sua vez, geraram novas indagações, criando um emaranhado de veredas possíveis, mas de difícil orientação. Algumas delas foram percorridas, outras, tão somente identificadas, na esperança de um retorno futuro, outras, como a via que levava à

¹ Tradutor francês (1907-1979). Foi presidente da Sociedade Francesa de Tradutores (STF) de 1951 a 1973, e um dos pioneiros na fundação da Federação Internacional de Tradutores (FIT) e seu presidente. Foi também diretor do periódico Babel.

² Uma das versões da lenda diz que certo dia um príncipe indiano mandou chamar um grupo de cegos que nunca tinham enxergado. Ao mesmo tempo mandou trazer um elefante e o colocou diante do grupo. Em seguida, pediu que cada um dos cegos, apalpando o animal, dissesse aos demais de que coisa se tratava. Um tocando o rabo, disse tratar-se de uma vassoura, outro, tocando a orelha do animal, disse tratar-se de um leque, ao que outro, tocando a tromba, afirmou estar diante de uma mangueira, e assim por diante. As opiniões díspares deram origem a uma enorme confusão entre eles; ao que o príncipe interrompeu dizendo: – “O elefante é tudo isso que vocês falaram”, explicou. “Tudo isso que cada um de vocês percebeu é só uma parte do elefante. Não devem negar o que os outros perceberam. Deveriam juntar as experiências de todos e tentar imaginar como a parte que cada um apalpou se une com as outras para formar esse todo que é o elefante.” Esta lenda é também uma boa metáfora para o problema da qualidade em tradução.

equivalência linguística, foram evitadas, uma vez que desaguavam em terrenos por demais pantanosos e, por fim, outras que necessitaram do auxílio da carpintaria matemática e filosófica para improvisar pequenas pontes comunicantes ligando seções separadas.

Os questionamentos e as incongruências apontados nas seções seguintes indicam que há espaço e motivos para **problematizar o conceito de qualidade em tradução em Juliane House**, o que foi estabelecido como **objeto geral da pesquisa** alavancado pela pergunta geral que consiste em saber: **Qual é o conceito de qualidade retido por Juliane House no seu modelo de avaliação da qualidade em tradução?**

Em suma, o que temos em mãos é o relato de uma história de pesquisa teórico-conceitual levada a cabo segundo uma abordagem interdisciplinar com o objetivo geral de, reiterar-se, problematizar um conceito, qual seja, o conceito de qualidade em tradução de Juliane House.

Especificamente, a reflexão aqui proposta perpassa por:

- 1) Contrastar o conceito de qualidade retido por Juliane House (HOUSE, 2015) com outro elaborado no escopo da disciplina Gestão da Qualidade da Fileira da Administração, ou mesmo aquele preconizado pela norma ISO 17100:2015³, especialmente voltada à qualidade em tradução.
- 2) Considerando que um problema de avaliação da qualidade em tradução compreende, em última instância, três problemas menores, complementares, mas de naturezas distintas (1º – definição de um conceito de qualidade em tradução, 2º – tradução desse conceito em características inerentes ao objeto e 3º – avaliação dessas características), outro objetivo específico é analisar se esses problemas parciais teriam sido tratados separadamente ou em bloco, como se fossem um só e único problema. Tratando-se de questões de natureza diferentes, não seria mais apropriado considerá-los sistemicamente, mas separadamente, dado suas idiosincrasias?

E pela verificação das seguintes hipóteses:

- 1) H1, ou hipótese da transparência do conceito de qualidade, que consiste em considerar que o termo “qualidade” estaria sendo retido por Juliane House (levando

³ A norma de qualidade ISO 17100:2015, publicada em 2015 pela Organização Internacional de Normalização, tem como objetivo definir requisitos de qualidade e certificar os serviços de tradução durante as diferentes fases do processo de tradução, recursos humanos e tecnológicos, gestão da qualidade, registo de projetos, enquadramento jurídico, procedimentos, serviços de valor acrescentado e definição de termos (<https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:17100:ed-1:v1:en>) e (<https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:17100:ed-1:v1:fr>).

em conta o recorte apresentado) como um termo “transparente”, sem complexidade, ou por demais óbvio, não requerendo, portanto, maiores considerações e atenção. De antemão, essa hipótese não se coaduna com o fato de existir uma disciplina Gestão da Qualidade, da Fileira da Administração, voltada ao estudo do conceito – reconhecidamente complexo.

2) H2, ou hipótese da importância minimizada do conceito de qualidade, que consiste em considerar que Juliane House minimizou a importância do conceito de qualidade em detrimento de outros conceitos considerados mais importantes, como os conceitos de tradução, equivalência e fidelidade.

Problematizar o conceito de qualidade associado à tradução sob diferentes vieses é relevante, uma vez que repercute tanto no ramo teórico como no ramo aplicado do campo disciplinar. O conceito incide tanto nos produtos quanto nos processos tradutórios (passíveis de serem avaliados), dentro do ramo teórico; como na formação de tradutores e na criação de novas tecnologias de apoio ao tradutor, dentro do ramo aplicado. Assim, a reflexão aqui proposta pode abrir novos horizontes na área da pesquisa, cujos resultados poderão reverberar em futuras aplicações práticas, seja nos modelos de avaliação de qualidade voltados para a formação de professores, seja nos critérios de avaliação de qualidade, tanto de produtos como de processos tradutórios, o que inclui, via de regra, traduções, tradutores e formadores de tradutores. Além disso, a relevância deste estudo se dá por diversas razões:

1) A cultura da qualidade é um fator estratégico da maior importância em todos os setores da sociedade. É vetor de fortalecimento e prosperidade de empresas, profissionais, economias, países, ciências, disciplinas. A presente pesquisa visa trazer uma pequena parcela à construção dessa cultura nos Estudos da Tradução.

2) Apesar da importância e imprescindibilidade do tema da qualidade, registra-se pouco debate e pequena produção acadêmica no Brasil relacionada ao tema. Desta forma, este trabalho visa contribuir com o povoamento desse espaço.

3) A noção de qualidade é instável e variante (relativa), o que requer seu permanente acompanhamento. O presente trabalho visa contribuir com o registro dessa trajetória conceitual.

Para responder às indagações, levamos em consideração o traço contrastivo-comparativo da ideia inicial e sua fundamentação na ideia de conceito.

Essas escolhas foram suficientes para classificar a pesquisa como uma pesquisa conceitual e contrastivo comparada. Considerando o plano mais restrito dos Estudos da Tradução, é um trabalho que se insere no ramo “crítica de tradução” do mapeamento de Holmes (1972/1988) e na subárea TQA (*Translation Quality Assessment-Avaliação da Qualidade em Tradução*) do campo disciplinar.

Os movimentos metodológicos empregados foram estruturados da seguinte maneira:

- 1º) Identificação dos preceitos essenciais do conceito de qualidade na disciplina Gestão da Qualidade (Resultado A).
- 2º) Identificação dos preceitos essenciais do conceito de qualidade em Juliane House, restrito ao escopo da obra de referência da autora (Resultado B).
- 3º) A partir do contraste entre A e B, formula-se uma conclusão a respeito da pergunta geral.

Esta pesquisa dialoga com outras disciplinas, além da Gestão da Qualidade, da qual foram extraídos os preceitos essenciais do conceito de **qualidade**: filosofia, ao fazermos uso da noção aristotélica de conceito como substância segunda; matemática básica, quando empregamos o “princípio fundamental da contagem⁴” no modelo matemático do conceito de qualidade e rudimentos da teoria do conhecimento.

Este trabalho está organizado em capítulos e seções. Além desta Introdução, o Capítulo 2, no qual apresentamos o arcabouço teórico que versa sobre o conceito de qualidade, o Capítulo 3, dedicado à Metodologia, o Capítulo 4, no qual listamos os resultados obtidos, e por fim, o Capítulo 5, em que são apresentadas as considerações finais referentes às possibilidades do estudo, suas fortalezas e debilidades. Dois apêndices com algumas telas de saída do software AntConc e as Referências Bibliográficas fecham o trabalho.

⁴ Seja A um conjunto finito com n elementos (simbolizado por $\#A = n$), e $P(A)$ o conjunto das partes de A. Então, a cardinalidade de $P(A)$, simbolizada por $\#P(A)$, é igual a 2^n , i.e., $(\#P(A)=2^n)$.

Um arcabouço teórico pode ser visto como um conjunto de ideias que alicerçam e formam a base estrutural de um projeto. São como vigas e pilares dando sustentação a uma passarela por onde evolui o raciocínio inquiridor do pesquisador. No caso do tema da presente pesquisa, o arcabouço (denominado aqui de “pirâmide conceitual TQA” ou “PC-TQA” e representado na Figura 1) é constituído de sete elementos teóricos conceituais articulados entre si conforme descrito no item 2.1. São eles: a ideia de conceito (C), o conceito de tradução (T), o conceito de qualidade (Q), o conceito de avaliação (A), o conceito de qualidade em tradução (TQ), o conceito de avaliação da qualidade (QA) e o conceito de avaliação da qualidade em tradução (TQA). Três deles, os elementos C, Q e TQ (regiões assinaladas na cor azul na Figura 1), delimitam o terreno no qual se articula a questão desta pesquisa. Por isso eles são descritos adiante, nos itens 2.2, 2.3 e 2.4, respectivamente. Subvertendo, em parte, o princípio metodológico de não incluir resultados na seção teórica do relatório de pesquisa, cada descrição vem acompanhada de conclusões (parciais) obtidas por meio daquele elemento de teorização. A justificativa para tal transgressão é atribuída à natureza teórica do trabalho e à comodidade propiciada ao leitor do relatório.

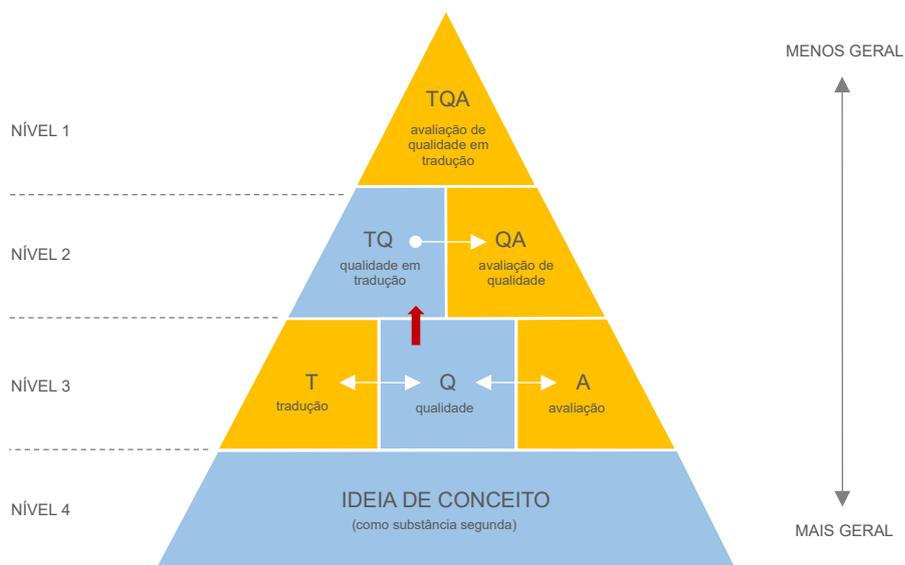
2.1 A pirâmide conceitual TQA (PC-TQA)

Considerando o objetivo geral de problematizar o conceito de qualidade de que faz uso Juliane House no seu modelo de avaliação da qualidade de tradução, o elemento teórico que emerge em primeiro plano, emoldurando os demais, é a ideia trivalente de “avaliação da qualidade em tradução” (TQA). Os resultados parciais colhidos ao longo da pesquisa indicaram ser este o elemento seminal, de onde partem; e ao mesmo tempo o elemento final, para onde convergem⁵ os raciocínios relacionados com o problema em tela. TQA é uma ideia que tanto serve de ponto de partida, porque dela podemos derivar raciocínios (ver análise exegética do termo no item 2.1.2, subitem 6), quanto de ponto de chegada, porque é a síntese desses mesmos juízos. Mas guardar TQA como pilar teórico significa – estruturalmente – guardar seus constituintes, dando origem a uma segunda camada mais interna e mais abstrata de conceitos. Assim, em

⁵ A natureza “vinculante” do conceito de qualidade foi o principal motivo para a adoção do tema da “qualidade em tradução” pelo III Congresso da FIT de 1959.

consequência, e derivadas do primeiro pilar, surgem as ideias bivalentes de “qualidade em tradução” (TQ⁶) e “avaliação da qualidade” (QA⁷). A primeira (TQ), de natureza “estática” e definitiva, foca no conceito de qualidade relativamente ao contexto de tradução, e a segunda (QA), de natureza “dinâmica”, centrada na ação de “avaliar” aplicada à qualidade. Seguindo o mesmo raciocínio, surgem no terceiro nível, as ideias mais gerais, pois mais desvinculadas de contexto, de “tradução” (T), “qualidade” (Q) e “avaliação” (A). Por fim, no quarto nível, mais interno e mais abstrato, localizamos a noção de “conceito” (C) – categoria de coisa a qual pertencem todos os elementos citados. Estes são os elementos conceituais que compõem a parte estática do arcabouço teórico proposto (outras configurações são igualmente verossímeis).

Figura 1 – Pirâmide Conceitual TQA (PC-TQA)



Fonte: elaboração própria do autor.

No entanto, para que esse conjunto de elementos se converta numa estrutura de fato produtiva, que autorize, inclusive, conclusões, proporcione a descoberta de conhecimento novo, gere hipóteses, etc., seus elementos precisam ser articulados entre si. No presente arcabouço teórico este comportamento “dinâmico” da estrutura se vale da relação hierárquica naturalmente existente entre os sete componentes citados, e é produzido pela aplicação do método comparado (descrito no

⁶ *Translation Quality.*

⁷ *Quality Assessment.*

Capítulo 3) aplicado aos componentes, além da exegese linguística incidente no termo TQA.

Tomando como fator discriminador o nível de abstração e a natureza dos elementos elencados, o conjunto assume um arranjo hierarquizado de conceitos, sugerindo uma representação pictórica na forma de uma “pirâmide”, conforme representado na Figura 1.

As principais características da estrutura “Pirâmide Conceitual TQA” (PC-TQA) e as deduções dela decorrentes são:

2.1.1 Características da pirâmide conceitual “PC-TQA”

1) Os sete conceitos da estrutura são distribuídos em quatro níveis hierarquizados. O nível 1 (N1), constituído de um único elemento – o conceito TQA (avaliação da qualidade em tradução). O nível 2 (N2), constituído de dois elementos: os conceitos TQ (qualidade em tradução) e QA (avaliação de qualidade). O nível 3 (N3) é constituído de três elementos: T (conceitos de tradução), Q (conceitos de qualidade), e A (conceitos de avaliação) e o nível 4 (N4), constituído de um único elemento, a ideia de conceito (C).

2) O elemento Q é o “centro de gravidade” do arranjo conceitual e o elemento que “liga” e direciona os demais, T e A. Daí sua importância. Este resultado contrasta com a posição “quase secundária” dada a esse conceito no modelo de Juliane House. A autora cita 168 vezes o termo “*quality*” (dos quais 106 como parte integrante do termo TQA) no texto de referência, contra 1.046 do termo “*translation*” (ver Tabela 4).

3) Os elementos da pirâmide PC-TQA podem ser cotejados considerando um mesmo nível hierárquico (T com Q, Q com A, etc.) ou níveis diferentes (QA com A, TQ com Q). No primeiro caso incluiria, por exemplo, a análise de uma teoria de tradução (T) do ponto de vista da qualidade (Q), conforme desenvolvido no item 2.5, ou a análise de um conceito de qualidade (Q) do ponto de vista das métricas avaliativas (A). O presente estudo é um exemplo do segundo caso, em que aproximamos TQ e Q.

4) Os níveis possuem abstrações diferentes. O nível N1 é mais exterior e mais específico, e o nível N4 é mais interno e mais geral. Assim, TQA é um conceito

“mais específico” do que TQ e QA; e pela mesma relação, estes são “mais específicos” do que T, Q e A, que, por sua vez, são “mais específicos” do que C. De maneira equivalente, pode-se dizer, inversamente, que C é “mais geral” do que T, Q e A, e assim por diante para os outros níveis. Um nível mais interno realiza um nível mais externo.

2.1.2 Deduções derivadas da estrutura PC-TQA

1) Desse arranjo deriva-se a conclusão (um truísmo na realidade) de que Q (mas também T e A) são instâncias de C (Q “é um tipo de C”). Este resultado autoriza Q a “receptionar” resultados já capitalizados no âmbito de C. O principal achado nesse sentido diz respeito à natureza de Q herdada de C e sintetizada no seguinte silogismo: sendo C substância segunda (conforme descrito no Capítulo 3), e Q um tipo de C, logo, Q é também substância segunda (no sentido aristotélico).

2) Da conclusão (1) decorre que Q não existe *per se*. Q só existe na mente do indivíduo cognoscente e, portanto, somente pode ser “visto” por meio das características (objetivas e subjetivas) das coisas – a substância primeira. Esse resultado tem outras consequências importantes no âmbito dos Estudos da Tradução relacionadas com a subjetividade e a variabilidade, atribuídas, normalmente, ao conceito de Q em tradução. Elas estão comentadas no Capítulo 3.

3) O objetivo geral estabelecido consistindo da problematização do conceito de qualidade em Juliane House por meio da sua comparação com o conceito de qualidade em gestão define TQ, Q, T e C como o *locus* onde se situa o problema em tela (assinalado com seta vermelha na Figura 1).

4) O fato de a ideia de conceito (C) ocupar o centro de interesse de várias disciplinas coloca os “problemas (do tipo) TQA” (problemas que consistem na avaliação da qualidade da tradução) e a própria disciplina Estudos da Tradução em contato com outras disciplinas, favorecendo assim a interfertilização mútua. Além de C, os elementos Q e A de N3 (componentes do terceiro nível da pirâmide PC-TQA composto dos conceitos T, Q e A), em particular, oferecem uma espécie de “janela comunicante” com os problemas TQA. O potencial da disciplina Gestão da Qualidade (Q) em favor do problema da qualidade em tradução é parcialmente utilizado na

subseção 2.3. O elemento A está no centro de interesse de várias disciplinas, dentre elas a Estatística e a Metrologia⁸, voltadas à importante questão da mensuração de fenômenos que poderiam – segundo nossa avaliação – enriquecer as abordagens de resolução dos problemas do tipo TQA.

O modelo de House, por ser um modelo essencialmente linguístico, não explora essas “janelas” comunicantes, com exceção para a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday da qual provêm as variáveis que compõem a grade de observação do texto original e texto traduzido. O conceito de qualidade que a autora emprega é baseado na noção de equivalência linguística entre texto-fonte (TF) e texto-alvo (TA), e o método de avaliação é baseado numa escala nominal⁹ (é igual / é diferente), na maioria dos casos.

5) A organização da pirâmide indica que um problema TQA compreende, em termos dos elementos de N2, dois problemas distintos de naturezas diferentes: o primeiro (TQ), que consiste em definir (ou explicitar) um conceito de qualidade em tradução, e o segundo (QA), que consiste em avaliar as características em que foram “traduzidas” o conceito de qualidade. Resultados decorrentes da exegese do termo TQA (apresentados a seguir) mostram que existe uma ordem entre os elementos de TQA. Assim, TQA escrito como uma expressão matemática, em termos dos elementos do nível N2, seria notado por $TQA = [(TQ) + QA]^{10}$.

O modelo de House não trata em separado esses dois problemas. No texto de referência, House também não cogita o emprego de outros conceitos de qualidade além do conceito de equivalência linguística, nem de outros métodos avaliativos além do critério da igualdade. A maior parte dos esforços de avaliação é direcionada para o detalhamento do conjunto de variáveis (escolhidas à luz da Linguística Sistêmico Funcional de Halliday) que respondem pelo perfil do TF e TA. Estes indícios classificam o modelo de House como um modelo de avaliação

⁸ Ciência da medição que abrange todos os aspectos teóricos e práticos relativos às medições, qualquer que seja a incerteza, em quaisquer campos da ciência ou tecnologia (INMETRO, 2000, p. 23).

⁹ A estatística classifica as escalas de medida em quatro categorias: a escala nominal (a mais “pobre”, no sentido de oferecer menos alternativas de cálculo), a escala ordinal, a escala intervalar e, por fim, a mais “rica”, a escala de razão. Todas as estatísticas permitidas para uma escala são também permitidas para um nível de escala superior (mais “rico”).

¹⁰ Na notação matemática, as partes entre parênteses e mais internas de uma expressão devem ser resolvidas em primazia. Nesse caso, o parêntese envolvendo TQ indica que essa parte do problema deve ser resolvida em primeiro lugar. Pelo mesmo raciocínio não estariam corretas as equações $TQA = TQ + QA$ ou $TQA = [TQ + (QA)]$. A primeira, porque exclui a noção de ordem, e a segunda, porque coloca a resolução do termo QA em primeiro lugar.

essencialmente linguístico voltado ao produto (tradução) no qual aspectos (inerentes a uma tradução-produto) como o econômico, o funcional e o processual não são levados em consideração.

6) A exegese do termo TQA indica que ele é dotado de ordem. Do ponto de vista da gramática sintagmática, o termo TQA é classificado como um sintagma nominal (SN), e como tal, apresenta-se constituído de um núcleo (T), expandido, no presente caso, por outros dois SN, a saber, Q e A, no caso da língua inglesa, ou por dois sintagmas adverbiais (preposição + artigo + Q e preposição + A), no caso da língua portuguesa. O conjunto TQA coloca em evidência e em relação os três principais constructos constituintes do problema. Sintagmas nominais são estruturas endocêntricas, coesas, organizadas e estruturadas em torno de um núcleo e dotados de relações de hierarquia, dependência e ordem entre seus elementos constituintes. O núcleo é o centro referencial do SN, que determina um referente no mundo, sobre o que se está a falar, no caso, a “tradução”. Os elementos que acompanham o núcleo são ditos limitadores. Em TQA, o núcleo (T) é o termo principal e, portanto, imprescindível, que subordina e define o conjunto de limitadores “candidatos” Q (diretamente), que, por sua vez, define um conjunto de limitadores “candidatos” A (indiretamente, ou melhor, transitivamente, por intermédio de Q). Essas definições ocorrem por meio de duas relações (primárias) hierárquicas que estabelecem a ordem linear da estrutura. Na primeira relação, T define¹¹ Q ($T \rightarrow Q$), e na segunda, Q define A ($Q \rightarrow A$). Ora, se a ordem de definição é $T \rightarrow Q \rightarrow A$ regidas, portanto, transitivamente pelas duas relações primárias (T define Q e Q que define A), é razoável concluir: 1º) que o elemento intermediário (Q) seja elipsado na fala/referência seguindo o silogismo “se $T \rightarrow Q$ e $Q \rightarrow A$, logo $T \rightarrow A$ ”, no qual se coloca em evidência a premissa e a conclusão desprovidas do termo mediano Q. De fato, no estudo levado a cabo por Thelen (2008), o termo “*Translation assessment*” (sem o termo intermediário “*quality*”) aparece em terceiro lugar na preferência de uso, ficando atrás apenas dos termos “*Translation quality assessment*” (1º lugar) e “*Translation quality control*” (2º lugar). Em 2º lugar, conclui-se que o começo de uma reflexão sobre problemas TQA possa, apropriadamente, se dar por T, uma vez ser este o elemento definidor, determinante do resto da cadeia¹². Num sentido prático, isto significa que é a forma como T é concebido

¹¹ Com a expressão “X define Y” queremos dizer que para concepções diferentes de X temos diferentes opções de Y.

¹² Sob esta concepção, concluir pela identidade de uma obra (se é ou não uma tradução) não está no escopo da TQA. Este e outros problemas (cito, por exemplo, o problema dos gêneros textuais *versus*

(qual é o conceito de “tradução” retido) que vai tornar elegível esse ou aquele Q (qual é o conceito de “qualidade” retido¹³), e de maneira idêntica, é a forma como Q é concebido que vai admitir esse ou aquele A (qual é o conceito de “avaliação” retido). A leitura inversa também é possível: um dado A subentende um conjunto de Q possíveis, e um dado Q subentende um conjunto de T. As palavras de Juliane House a seguir resumem o raciocínio que acabamos de relatar: “Avaliar a qualidade de uma tradução pressupõe uma teoria da tradução. Assim, diferentes visões da tradução levam a diferentes conceitos de qualidade da tradução e portanto a diferentes maneiras de avaliá-la¹⁴” (HOUSE, 1997, p. 1). Essa ordem de prevalência entre os elementos do termo TQA é um dos princípios retidos neste trabalho.

2.2 A ideia de conceito como substância segunda

É um truísmo afirmar que a linguagem humana é um recurso com o auxílio do qual podemos realizar uma quantidade incalculável de atividades. Que por meio dela modelamos e agimos sobre o mundo. Difícil, senão impossível, seria imaginar uma obra ou realização humana que não contasse com a intermediação da linguagem. Quanta fala foi necessária no seio das organizações e nos empreendimentos humanos (os feitos humanos são preponderantemente elaborados por meio de trabalho colaborativo e, portanto, mediados pela linguagem¹⁵) para a consecução de obras, como as pirâmides do Egito ou a muralha da China! Mesmo Michelangelo, quando solitário, retirava o seu David d’*O Gigante*, o fazia mediante a linguagem. Essas brevíssimas constatações empíricas, reforçando o caráter ubíquo e motriz da linguagem para as atividades humanas, aportam um estímulo à compreensão do princípio bakhtiniano de que a realidade é mediada pela linguagem. “[...] não se tem acesso direto à realidade, uma vez que ele [o real] é sempre mediado pela linguagem. O real apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente” (FIORIN, 2017, p. 22). A partir dessa formulação chega-se à conclusão de que existe uma relação entre as coisas do

estratégia de tradução e o problema da equivalência) estão associados ao problema da TQA, mas ou o antecedem ou estão foram do escopo da TQA.

¹³ Por exemplo, na época *Augustan* “[...] a prática generalizada era traduzir, atualizar ou adaptar as obras de outros escritores sem referência às fontes” (MILTON, 2010, p. 41). Uma prática assim inviabilizaria, por exemplo, um processo de avaliação da qualidade da tradução baseado no texto original como referencial como o método de Juliane House.

¹⁴ Tradução nossa de: “*Evaluating the quality of a translation presupposes a theory of translation. Thus different views of translation lead to different concepts of translational quality, and hence different ways of assessing it*” (HOUSE, 1997, p. 1).

¹⁵ A linguagem é um fator *sine qua non* para o trabalho colaborativo, mas segundo Jacques Girin (1989), é raramente considerada como um recurso pelas Organizações.

mundo e a linguagem, como afirma (BLIKSTEIN, 2003, p. 17), e que esta relação é baseada em princípios racionais comuns aos dois domínios, caso contrário não seria possível o conhecimento por parte do sujeito. A Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday demonstrou amplamente que existe uma espécie de “isomorfismo” entre aspectos do contexto de situação¹⁶ e as estruturas léxico-gramaticais da oração (FUSER; CABRAL, 2014).

Tal resultado empírico também encontra reforço na voz de Chauí, (2006, p. 61). Para muitos filósofos as coisas do mundo são dotadas de uma razão objetiva (a realidade é racional em si mesma) semelhante, em essência, à razão subjetiva (o homem é racional) manifesta na linguagem. Também é o que Maria José Figueiredo¹⁷ consigna como suposição na introdução de sua autoria em Aristóteles (2000, p. 18): “A dependência da estrutura da nossa linguagem relativamente à estrutura da realidade parece ser aqui¹⁸ mais óbvia” e o que anima a pergunta de Blikstein: “Até que ponto o universo dos signos linguísticos coincide com a realidade extralinguística?” (BLIKSTEIN, 2003, p. 17).

Esse princípio teórico, consistindo de uma espécie de “isomorfismo” entre os domínios da linguagem e realidade, é particularmente fértil para os Estudos da Tradução, haja vista a quantidade e o alcance das suas implicações. Citemos duas relacionadas com o conceito de verdade como *veritas*¹⁹, fundamental para os tradutores. No estudo sobre as proposições, Aristóteles considera que “verdade consiste em *dizer* que as coisas são como *na realidade* elas são”, isto é, “a verdade consiste em pensar que está separado o que está separado e que está junto o que está junto”. (Aristóteles, 2000, p. 20). A noção latina de verdade como *veritas* entre os filósofos também encontra abrigo nesse princípio teórico. Segundo Chauí (2006, p. 96), “verdadeiro [...] refere-se a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram”, muito

¹⁶ No ordenamento Hallidayano, “contexto de situação” é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando. Halliday também define “contexto de cultura” associando-o a práticas mais amplas existentes em diferentes países, grupos étnicos e práticas institucionalizadas em grupos sociais, como escola, família, Igreja, Justiça, etc.

¹⁷ Faculdade de Letras de Lisboa.

¹⁸ Nesse trecho, a autora comenta os escritos de Aristóteles (ARISTÓTELES, 2000) referentes aos conceitos de *homônimos*, *sinônimos* e *parônimos*.

¹⁹ O conceito de *verdade*, como conhecemos hoje, foi forjado ao longo da história com base em três concepções diferentes: *alethéia*, da cultura grega, que quer dizer “o não escondido”, o “não dissimulado”; *veritas*, da cultura latina, que se refere “à precisão, ao rigor de um relato, no qual se diz, com detalhes, pormenores e fidelidade, o que realmente aconteceu”; e *emunah*, da cultura hebraica, que quer dizer confiança em algo anunciado ou prometido (CHAUÍ, 2006, p. 95-96). Nosso entendimento é que as três concepções estão presentes na atividade do tradutor, sobretudo “verdade” como *veritas*, que se apresenta como o pano de fundo do importante conceito de equivalência em tradução, caro para House.

próximo (é o nosso pensamento) do princípio geral de equivalência em tradução utilizado por House como principal fundamento do seu modelo de avaliação da qualidade em tradução.

Esse “isomorfismo racional” entre mundo e linguagem é um dos alicerces em que se fundamenta a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), base do modelo de avaliação da qualidade de House: “[...] uma abordagem sistêmico-funcional permite-nos investigar como a experiência humana é construída em termos semânticos e como essa experiência se manifesta nos diferentes estratos da língua.” (FUSER; CABRAL, 2014, p. 25). Concluimos, portanto, pela existência de um terceiro domínio com *locus* na relação recíproca entre linguagem e mundo, condizente com as palavras do professor Adriano Naves Brito²⁰, consignadas no excerto a seguir, em que ele explica sua motivação para o estudo dos nomes próprios: “A motivação central [...] é compreender a relação entre a linguagem e o mundo mediante uma dupla perspectiva, a que vai do nome ao objeto e a que vai do objeto ao nome, quer dizer, mediante o entrelaçamento da semântica com a ontologia” (BRITO, 2003, segunda orelha).

Se nessa estrutura de mediação pela linguagem considerarmos apenas as sentenças que afirmam algo sobre o mundo (A *Eneida* de Virgílio foi traduzida por John Dryden), distinguimos ali dois tipos de elementos básicos: “um [que] está por aquilo sobre o que se fala, e o outro constitui o que sobre isso se fala” (BRITO, 2003, p. 23). Os conceitos, na sua acepção linguística relacionada com as propriedades e características comuns aos elementos de uma classe de coisas, inserem-se no primeiro grupo.

Comparativamente aos dois domínios já citados, os conceitos constituem um terceiro domínio à parte, os quais, apesar de referidos por palavras, não são apenas palavras; como constata Maria José Figueiredo ao se questionar sobre o conceito de “homem” (“o que é *o homem*?”, mas que bem poderia ser “o que é *qualidade*?”, “o que é *tradução*?”, “o que é *avaliação*”, etc.): “Entramos aqui num novo domínio, o dos conceitos, que temos de juntar ao das palavras e ao das coisas.” (Aristóteles, 2000, p. 11). No entanto, segundo Koselleck (1992), nem toda palavra pode tornar-se um conceito como, por exemplo, “oh!”, “ah!”²¹. É preciso que a palavra suscite certo nível

²⁰ Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

²¹ Na sua trajetória evolutiva, os conceitos podem ser criados a partir de termos de uso comum da linguagem cotidiana, podendo, em alguns casos, gerar um tipo particular de dificuldade ao tradutor, como assinala a tradutora Vera Pereira: “Uma característica bastante complicada e comum às

de teorização, sugira associações e pressuponha um mínimo de sentido comum; enfim, é preciso que a palavra detenha uma história. É o que também afirma a tradutora Vera Pereira em Benedetti (2007, p. 147): “[...] conceitos implicam uma visão teórica, especificam relações [...]”.

O termo “qualidade”, central na nossa análise, possui (assim como os conceitos de tradução e avaliação) uma longa história de teorias surgidas principalmente a partir da primeira metade do século XX. O primeiro grande acontecimento referente à qualidade em tradução foi o III Congresso da Federação Internacional de Tradutores (FIT) de 1959 ocorrido em Bad Godesberg, Alemanha, inteiramente dedicado à problemática da “qualidade em tradução” (JUMPELT, 1963). O termo qualidade também suscita inúmeras associações práticas e teóricas. Fala-se em “qualidade de tradução”, mas também, “qualidade de vida”, “qualidade do ar”, “qualidade da água”, “qualidade do trabalho”, “qualidade do ensino”, etc.; coocorrências estas que indicam a existência de, por um lado, certa especificidade inerente ao conceito de qualidade proporcionada pelas idiossincrasias de cada caso particular e, por outro, um núcleo comum, ou essência, constituindo o conceito (abstrato) de qualidade.

Conceitos tampouco são coisas. Conforme afirma Maria José Figueiredo na introdução de sua autoria em Aristóteles (2000, p. 11): “Os conceitos têm uma realidade mental, são o modo como os homens, os seres pensantes, organizam mentalmente todas as coisas existentes em tipos de coisas.” É por meio deles que nos tornamos capazes de pensar prática e eficientemente ao mesmo tempo um número infinito de coisas – todas as traduções, todas as adaptações, todas as *belles infidèles* que houve, há e haverá, por exemplo –, sem ter que pensar em cada uma delas individualmente – e elaborar raciocínios complexos (indutivos e dedutivos) a partir daí. No entanto, casos há em que essa noção de infinitude vem circundada por uma “*fuzzy zone*” situada na borda do conceito (não é o caso, por exemplo, de alguns conceitos matemáticos como “triângulo” e “circunferência”, cujas fronteiras são bem determinadas²²). Veja nos objetivos da 4ª JOTA - Jornada de Tradução e Adaptação²³, “Tradução e Adaptação: onde estão as fronteiras?”, um exemplo de esforço conjunto

disciplinas das ciências sociais é que os conceitos tendem a ser criados em torno de palavras ou expressões de uso corrente na linguagem cotidiana [...]” (Benedetti, 2007, p. 147).

²² A essência de um triângulo é ser constituído de três segmentos de reta unidos pelas extremidades. Qualquer figura que apresente essa propriedade é um triângulo, caso contrário não é um triângulo. A essência da circunferência é ser constituída de todos os pontos equidistantes de um centro.

²³ Evento promovido com o apoio do Programa de Pós-graduação em Letras do IBILCE/UNESP, realizado nos dias 23, 24 e 25 de novembro de 2021.

(em decorrência da grande importância) chamando à reflexão conjunta sobre os conceitos de tradução e adaptação e avaliação de seus escopos. Dentre os questionamentos pautados lê-se: “[...] é possível distinguir entre uma tradução e uma adaptação?”, “uma tradução pode de algum modo tornar-se uma adaptação ou vice-versa? [...] são realmente campos diversos ou estão interligados?”. Como se vê, um programa essencialmente sobre conceitos!

Se não são coisas, o que são? O que espelham? Ainda segundo Aristóteles, os conceitos espelham as características essenciais (imutáveis) das coisas e explica que

[...] Essas características, que podem ser universalizadas e vistas enquanto comuns a todos os indivíduos da mesma espécie ou do mesmo gênero, pertencem, no entanto, a cada um individualmente, e são, em cada substância primeira, aquilo que nunca pode ser alterado (exceto com a morte ou a destruição). (ARISTÓTELES, 2000, p. 26).

Na visão de Aristóteles as coisas que existem em si (fora da mente) são ditas “substâncias primeiras” e são dotadas (numa relação de inerência) de características essenciais (imutáveis) e características acidentais. A noção de conceito é para ele a substância segunda. “As substâncias segundas são os gêneros e as espécies nos quais estes indivíduos podem incluir-se. Os gêneros e as espécies são conceitos que exprimem características essenciais dos indivíduos.” (Aristóteles, 2000, p. 23).

2.3 O conceito de qualidade (Q)

2.3.1 As três vertentes da qualidade

Houve um momento na história da humanidade que o homem passou a construir artefatos com a finalidade de mitigar as dificuldades do dia a dia e auxiliá-lo na resolução dos novos problemas que iam surgindo e pautavam sua existência. Dava-se, assim, início à longa história do *homo faber*, o gênio criativo transformador de insumos em artefatos com finalidades específicas: uma canoa para navegar elaborada de uma seção de árvore; uma lança para ferir confeccionada a partir de um galho, uma machadinha para cortar originada de uma lasca de rocha. Ao problema, uma solução, ou seja, a criação surgindo como uma “resposta” à necessidade do sujeito criador acompanhada de um ideal de desempenho, esta expectativa, podendo ou não se concretizar a depender da situação de uso. Este é o *locus* no qual se instala a primeira vertente do conceito de **qualidade enquanto “adequação ao uso”** (*fitness for use*).

Segundo Toledo (2013, p. 3), esta definição de qualidade, devida a Juran²⁴, é talvez a definição de qualidade “mais difundida e empregada até os dias atuais” e “sugere que qualidade é o grau com que o produto atende satisfatoriamente às necessidades do usuário”. Não podemos deixar de nos manifestarmos perante a “afinidade e “harmonia” – assim vemos – existente entre esta concepção de qualidade enquanto “adequação ao uso” e a abordagem de tradução baseada no paradigma do propósito (em especial a teoria do *skopos*²⁵).

Com efeito, situações como esta ocorrem em todos os setores da sociedade de consumo, independentemente do porte, tipo ou natureza do negócio, tornando “o termo qualidade um dos mais difundidos na sociedade e nas empresas”, segundo Toledo (2013, p. 1). A essa altura cabe então nos perguntarmos sobre a razão dessa ubiquidade. A resposta mais imediata vai na direção de “porque qualidade é bom”. De fato, a vivência do dia a dia nos diz que, quem diz qualidade, diz previsibilidade, segurança, credibilidade, confiabilidade e, indiretamente, lucro (para as empresas), perenidade e solidez nos negócios, fidelização de clientes, etc. Um produto ou serviço de qualidade é um “lacre” de uma cesta de benefícios que reverberam para todos os participantes da cadeia produtiva. Produzir traduções de qualidade aporta inequívocos benefícios a todos os elementos da cadeia de produção, além de ser uma forma de consolidar a própria disciplina Estudos da Tradução. A FIT, desde seus primeiros congressos, vem dando destaque ao problema da qualidade em tradução. O tema esteve presente em praticamente todos os primeiros congressos, principalmente no terceiro de 1959, ocorrido em Bad Godesberg. A *Charte du Traducteur*, nos seus artigos 26 e 29, atribui às associações e sindicatos de tradutores o papel de zelar pela qualidade das traduções em sua jurisdição.

Outra resposta possível à indagação inicial poderia ser “porque qualidade é melhor do que não qualidade”. Efetivamente, qualidade é uma “construção”, que como tal requer para sua consecução e (permanente) manutenção, de determinação, planejamento, conhecimento, competência, dentre outros insumos. Tudo isso demanda recursos, sobretudo financeiros, no entanto, mesmo assim, a prática atesta que os benefícios auferidos com a qualidade suplantam as consequências, em geral, nefastas da não qualidade²⁶ (perdas financeiras, materiais, de imagem, processos legais, etc.).

²⁴ Joseph Moses **Juran** (1904-2008), um dos “gurus da qualidade”. Consultor de negócios famoso por seu trabalho com qualidade e gestão da qualidade.

²⁵ House acha que o paradigma do *skopos* não é adequado ao processo TQA (HOUSE, 2015, p. 11).

²⁶ Tanto a qualidade quanto a não qualidade podem ser vistas pela ótica legalista relacionada com os

Pesquisas conduzidas pelo Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP) no início da década de 1990 concluíram que o Brasil “perdia cerca de 10% do PIB devido a problemas causados pela falta de qualidade” (refugos, retrabalho, devoluções, substituições, etc.) nos produtos e processos (TOLEDO, 2013, p. vii). Considerando o Produto Interno Bruto (PIB) de 462 bilhões de dólares de 1990, estamos a falar de perdas da ordem de 46,2 bilhões de dólares devido à não qualidade! Se projetarmos um índice de perda de 1% do PIB de 2020, que foi de 1,445 trilhão de dólares, estamos ainda falando de uma grande soma, na casa dos 14,45 bilhões de dólares! A essas cifras frias há que se aditar ainda as perdas imateriais que degradam a reputação, a credibilidade de empresas e profissionais e deterioram, às vezes irreversivelmente, as marcas empresariais. Com esta visão chega-se à segunda vertente, devida a Taguchi²⁷, de **qualidade** enquanto **perda**. Segundo esse autor, quanto menores forem as perdas que um produto acarretar (exceto aquelas causadas por sua função intrínseca), melhor é a sua qualidade, e inversamente, quanto maiores as perdas que ele causar, menor é sua qualidade. Assim como a primeira vertente, avaliamos que esta também seja pertinente ao universo da qualidade em tradução. Sem dúvida uma má tradução não ocorre sem consequências financeiras, legais, de imagem, reputação, etc. No entanto, devemos reconhecer a existência de sérios obstáculos à sua aplicação, proporcionados, sobretudo, pela prática de uma visão exclusivamente linguística das traduções do qual o método de House é um exemplo. Nas próprias palavras da autora: “[...] meu modelo é basicamente linguístico” (HOUSE, 2012, p. 224).

A terceira e última vertente, devida a Crosby²⁸, vê a **qualidade** como **conformidade com requisitos** (*conformance to requirements*). “Essa vertente supõe que somente é possível pensar em qualidade de produto se houver um conjunto de especificações previamente definidas. A qualidade seria avaliada pelo grau de conformidade do produto real com suas especificações de projeto” (TOLEDO, 2013, p. 4). Se considerarmos o texto-fonte como o padrão a ser seguido ou a peça de conformidade dos requisitos, o método de House se enquadraria nessa vertente. Nessa ótica, os *cahiers de charges* e as normas internacionais ISO relacionadas com tradução (principalmente a 17.100) são fundamentais.

direitos do consumidor.

²⁷ Genichi **Taguchi** (1924-2012). Engenheiro, estatístico e um dos “gurus da qualidade”.

²⁸ Philip Bayard **Crosby**. “Phil” Crosby (1926-2001). Empresário, escritor e um dos “gurus da qualidade”.

A grande diversidade de situações em que se aplica o termo qualidade o torna um conceito “plástico”, de uso “genérico” (ver estudo de coocorrências do termo “qualidade” no item 3.5), de fácil emprego, presente tanto na linguagem vulgar quanto na linguagem culta, independentemente do nível intelectual do falante. Um cidadão comum, um adolescente e um pesquisador fazem uso do mesmo termo, o que atesta sua enorme praticidade e banalidade. Além disso, é um termo que pertence ao léxico corrente de todos os jargões profissionais (o que não ocorre com o termo “mitocôndrias”, por exemplo), e desperta interesse de estudo/pesquisa científica em várias disciplinas, como a Gestão da Qualidade e a Estatística.

Por outro lado, esse mesmo uso “genérico” do termo que responde por aspectos positivos também está na origem de dificuldades de várias ordens. Primeiramente, por trás do rótulo “qualidade” subjazem, na realidade, significados, frequentemente, diferentes, que se não esclarecidos em tempo oportuno (o que é raro acontecer, mesmo em tratados acadêmicos, inclusive em artigos de tradução) dá aos falantes a falsa impressão de estarem falando da mesma coisa. Ou seja, na prática, não se tem um único conceito de qualidade, mas inúmeros conceitos, ao que lhe é atribuída uma natureza “ambígua” e subjetiva, dificultando o entendimento e sua assimilação.

2.3.2 As cinco abordagens da qualidade

O interesse generalizado pela qualidade fez surgir inúmeras definições do conceito. Garvin (1992), a partir de um vasto material recolhido, elaborou uma importante sistematização dessas definições, identificando cinco abordagens para se definir qualidade. São eles:

1º) A abordagem **transcendental** – segundo esse enfoque qualidade é sinônimo de “excelência inata”. “É não só absoluta, como também universalmente reconhecível [...]” (GARVIN, 1992, p. 49). Em tradução encontramos um exemplo desse abordagem quando atribuímos um padrão de excelência a uma tradução baseado somente na fama ou renome do tradutor. Essa espécie de “argumento de autoridade” foi usada no mercado editorial brasileiro nas décadas de 1950/1960. É um enfoque que possui a vantagem de ser rápido e ter baixo custo, mas pode proporcionar resultados equivocados.

2º) A abordagem **baseada no produto** – esse enfoque define qualidade como uma variável inerente ao produto. A sede e o foco da qualidade está no produto. A qualidade “[...] é definida como uma variável precisa, mensurável e dependente do conteúdo de uma ou mais características do produto” (TOLEDO, 2013, p. 6). Essa vertente corrobora a ideia comumente disseminada, mas equivocada, de que a qualidade se encontra (só) nas coisas. Além disso, ela só pode ser aplicada quando o produto final já está acabado, descartando a possibilidade de avaliação preventiva. O modelo de House está alinhado a esse enfoque.

3º) A abordagem **baseada no usuário** – esse enfoque parte da premissa de que a qualidade está nos “olhos” e preferências do consumidor, associada, portanto, a uma visão subjetiva, baseada em preferências pessoais.

4º) A abordagem **baseada no processo** – esse enfoque vê a qualidade como “conformidade com especificações”. Um produto obtido conforme as especificações seria considerado um produto de qualidade.

5º) A abordagem **baseada no valor** – esse enfoque define qualidade em termos de custos e preços. “Um produto de qualidade é aquele que no mercado apresenta o desempenho esperado a um preço aceitável” (TOLEDO, 2013, p. 9).

2.3.3 Qualidade como atributo de uma relação

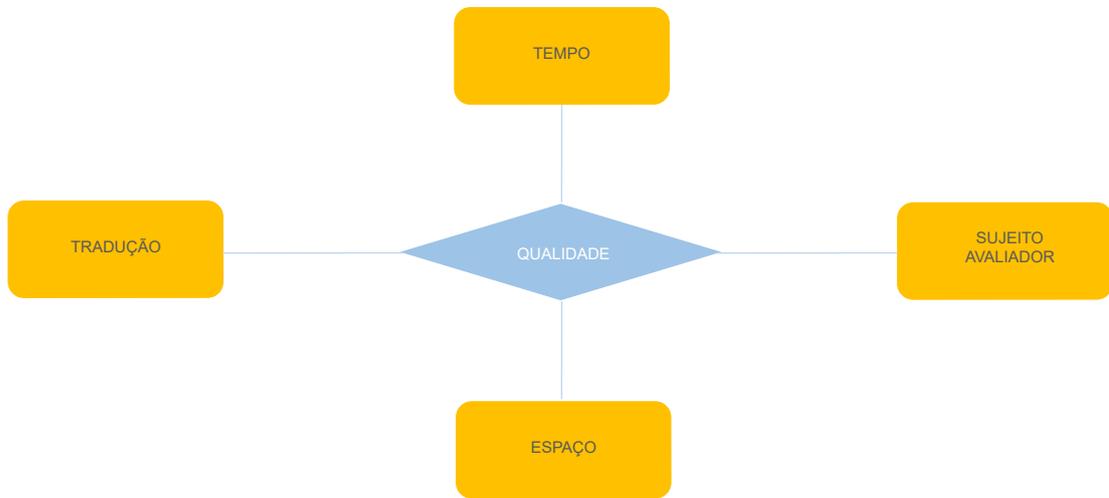
A ocorrência do termo qualidade no escopo da linguagem coloquial é marcada por uma diversidade de usos e situações. Em algumas dessas construções ele aparece como sinônimo da existência de um ou vários atributos intrínsecos à coisa referida como, por exemplo, nas asserções “a tradução *x* é de qualidade” ou “a tradução *x* tem qualidade”, cujos verbos copulativos passam a ideia de qualidade enquanto atributo ou propriedade objetiva, presente (ou não) na coisa referida, independente do sujeito (abordagem baseada no produto acima). Apesar de dicionarizada²⁹ e contar com a evidência, às vezes ilusória, que caracteriza o bom senso, essa concepção de qualidade, por si só, não subsiste a um exame mais minucioso: como explicar, por essa via, que dois avaliadores diferentes avaliando a mesma tradução cheguem a conclusões, às vezes, diametralmente opostas? Em outras situações o termo qualidade aparece encapsulado num halo de subjetividade, servindo como uma panaceia à inação diante da incontestável complexidade do sujeito. Quem já não ouviu resignado (em resposta à

²⁹ 1. Propriedade que determina a essência ou a natureza de um ser ou coisa. 2. Conjunto de traços psicológicos e/ou morais de um indivíduo; caráter, índole (HOUAISS, 2009).

questão da avaliação da qualidade em tradução) a afirmação “qualidade é algo subjetivo!”, renunciando uma espécie de rendição coletiva frente a dificuldade do sujeito, seguida do encerramento pacífico da questão? Também essa abordagem, pura e simples, não é suficientemente robusta para explicar por que dois avaliadores avaliando a mesma tradução podem chegar à mesma conclusão. Em princípio, por esse ângulo, se são pessoas diferentes, espera-se, pelo menos em tese, avaliações diferentes. Essas duas situações representam extremos teóricos de um leque de possibilidades em que se pode situar, ora mais para o lado do objeto, ora mais para o lado do sujeito, o conceito de qualidade. Queremos com isto dizer que um modelo mais robusto, porque mais explicativo das manifestações empíricas citadas, vincularia o conceito de qualidade, não à coisa (tradução no caso), somente, como se atributo desta fosse. Tampouco o vincularia ao sujeito, unicamente, mas, sim, à **relação** tradução-sujeito (representada por um losango), como um atributo desta, conforme ilustrado na Figura 2 a seguir. Esta modelização geral do problema encontra amparo em resultados capitalizados pela Teoria do Conhecimento, com relação aos quais, e com o objetivo de melhor tonificar as ideias apresentadas, convido o leitor a uma rápida digressão: o conceito de qualidade é uma forma de conhecimento, e como tal, coloca frente a frente a consciência e o objeto, isto é, o *sujeito* e o *objeto*. O conhecimento apresenta-se, portanto, “como uma relação entre estes dois elementos, que nela permanecem eternamente separados um do outro.” (HESSEN, 1980, p. 26), daí surgindo a dualidade apontada acima. A função do sujeito consiste em apreender o objeto, e a função do objeto ser apreendido pelo sujeito, permanecendo transcendente a esse. Vista pelo lado do sujeito, surge neste algo que contém as propriedades do objeto uma imagem do objeto. Vista pelo lado do objeto o conhecimento, apresenta-se como uma transferência das propriedades do objeto para o sujeito.

Assim, o objeto se comporta como o determinante da relação e o sujeito, o determinado, definindo-se o “conhecimento como uma *determinação do sujeito pelo objeto*”. Nosso autor de referência (HESSEN, 1980, p. 27, grifo nosso) ainda especifica: a imagem do determinante no determinado é objetiva na medida em que leva em si os traços do objeto. “Sendo distinta do objeto, encontra-se de certo modo entre o sujeito e o objeto.” Fim da digressão.

Figura 2 – Qualidade como atributo de uma relação



Fonte: elaboração própria do autor.

O esquema da Figura 2 representa uma abstração da relação descrita. Nele destacam-se os seguintes elementos: o polo do objeto (tradução), o polo do sujeito (avaliador), tempo e espaço representando as situações de uso, e no centro o conceito de qualidade como atributo da relação entre os quatro elementos indicados.

2.3.4 Modelagem do conceito de qualidade

Um adágio conhecido entre os tradutores diz que “se pedirmos a dois tradutores para avaliar determinada tradução, obteremos três opiniões diferentes” (SANTOS, 2004). De aparência jocosa, esse dito *naïf* esconde por trás do véu da **variabilidade** aparente dos resultados obtidos uma referência à característica mais complexa e recorrente quando tratamos de qualidade em tradução: sua **natureza subjetiva**, que é a causa de desalinhamento conceitual entre tradutores, editores, autores e demais elementos da cadeia produtiva da tradução. É comum a situação em que esses elementos interagem cada um com o “seu” conceito de qualidade. O modelo a seguir foi elaborado como uma tentativa para explicar esta natureza subjetiva por meio da análise das fontes de variabilidade.

Resultados anteriores obtidos no curso desta pesquisa indicaram que o conceito de qualidade, por ser uma substância segunda, somente pode ser manipulado

por meio das características inerentes à substância primeira, isto é, o conceito de qualidade deve ser “traduzido” em características da substância primeira.

1 Para efeito da presente análise, considere q um conceito de qualidade em tradução, t uma tradução qualquer (substância primeira) a ser avaliada por meio de q e $C(t) = \{c_1, c_2, c_3, \dots, c_n\}$ um conjunto finito³⁰ de características de t de cardinalidade (tamanho) n .

2 Qualquer característica c_i de $C(t)$ pode compor uma expressão de q . Ou seja, o conceito q pode ser expresso de muitas maneiras em termos dos elementos de $C(t)$. Por exemplo, q pode ser representado pelas características $\{c_1, c_2\}$ ou pelas características $\{c_3, c_6\}$ ou pelas características $\{c_{11}, c_{23}, c_{28}\}$, e assim por diante. Quanto maior for o tamanho de $C(t)$ maior é a quantidade de formas de exprimir q . Quantas são essas possibilidades de expressão?

3 Pelo princípio fundamental da contagem, se um conjunto possui n elementos, então é possível formar 2^n (dois elevado a n) subconjuntos a partir dos seus elementos. Isto significa que existem 1.024 maneiras de representar um conceito de qualidade a partir de um conjunto de 10 características, e 1.048.576 a partir de 20 características. Não é de surpreender que diante de tantas possibilidades pessoas com visões diferentes, baseadas em teorias diferentes, selecionem conjuntos de características diferentes dando expressões diferentes ao (seu) conceito de qualidade.

4 Além disso, cada característica c_i de $C(t)$ possui um “peso” específico, considerando o conjunto de que faz parte. Deste modo, um conjunto representativo de q composto das características c_{11} e c_{23} , por exemplo, pode representar coisas diferentes dependendo da importância atribuída a cada uma das características. Este fator aumenta infinitamente as possibilidades de expressão do conceito qualidade.

Com base no modelo acima, concluímos que são pelo menos quatro as fontes de subjetividade relacionadas ao conceito de qualidade:

1ª) O conjunto $C(t)$ não é determinado nem único. Ele decorre, dentre outras, da abordagem teórica utilizada na tradução e das escolhas e preferências do avaliador. Conjuntos de características diferentes resultam em conceitos de qualidade diferentes.

³⁰ Avaliamos que uma formulação mais próxima da realidade deveria considerar $C(t)$ como sendo infinito. No entanto, visando simplificar a presente análise, o consideraremos um conjunto finito e enumerável.

- 2^a) A grande quantidade de subconjuntos de C(t) é outra fonte de variabilidade do conceito de qualidade.
- 3^a) O peso dado a cada característica no seu conjunto é outra fonte de variabilidade do conceito de qualidade, e por fim,
- 4^a) A própria natureza subjetiva de algumas características.

2.4 Qualidade em tradução (TQ)

Apesar de longevos e ubíquos os conceitos de “qualidade” e “tradução” somente tiveram suas trajetórias cruzadas pela primeira vez no campo da investigação científica em meados do séc. XX. Há quem, como Brunette (2017, p. 1, tradução nossa), aponte um momento bem mais recuado no tempo para situar esse encontro sob a alegação de que “[...] todos aqueles que criticavam publicamente traduções estavam de alguma maneira se pronunciando sobre qualidade³¹ em tradução”. De qualquer modo, foi somente a partir da década de 1940/1950 que começaram a surgir estudos científicos, edições temáticas de periódicos, revistas, teses, normas, etc. tratando do problema da qualidade em tradução. Dentre os eventos dessa época até hoje, o mais emblemático no plano internacional foi, decididamente, o III Congresso da Federação Internacional de Tradutores (FIT), ocorrido na cidade de Bad Godesberg, Alemanha, de 27/07 a 01/08 de 1959, portanto, há 63 anos! Esse congresso foi integralmente dedicado ao problema da qualidade em tradução, tanto literária quanto técnica³². No plano nacional, é significativa a iniciativa pioneira do tradutor mineiro e professor de línguas Agenor Soares de Moura (1901-1957) que de setembro/1944 a junho/1946, portanto, 15 anos antes de Bad, pelo menos, manteve a duras penas, diga-se de antemão, uma coluna no jornal *Diário de Notícias* (RJ) dedicada a comentar a qualidade de traduções de obras literárias feitas no Brasil. Considerando a questão da qualidade em tradução um campo de estudo ainda pouco frequente nas pesquisas científicas, mesmo nos dias atuais, cabe indagarmos *ço* que teria levado, de forma pioneira, ao surgimento de um estoico Agenor ou à realização de um congresso do porte de Bad mais de meio século atrás? E ainda: Qual foi a continuação dada a esse início precoce e promissor (na nossa opinião)? As respostas dessas perguntas nos interessam. Por um lado, porque resgatam (por meio *de* e

³¹ “*Mais, bien avant cela, tous qui avaient critiqué publiquement des traductions s'étaient em quelque sorte prononcés sur la qualité des traductions*” (BRUNETTE, 2017, p. 1).

³² Os “*proceedings*” com a integralidade das manifestações dos congressistas foi publicado pela Pergamon Press em 1963 (editores E. Cary e R. W. Jumpelt) com o mesmo título do evento: “*La qualité en matière de traduction – Actes du Congrès International de la Traduction / Quality in Translation – Proceedings of the International Congress on Translation*” (CARY; JUMPELT, 1963).

da história) informações sobre o conceito de qualidade em tradução, e por outro, porque concorrem para a consecução do objetivo geral do trabalho que consiste justamente em problematizar o referido conceito. Começamos então por Agenor.

No ano de 1940, o escritor e dramaturgo Guilherme de Figueiredo, inconformado com a má qualidade das traduções publicadas no Brasil (o estopim foi a tradução de “O livro de Jó”, realizada pelo escritor mineiro Lúcio Cardoso), conclamou leitores e colaboradores do jornal *Diário de Notícias* a se engajarem numa espécie de cruzada pela qualidade da tradução literária. Um dos respondentes ao chamado de Figueiredo foi o professor mineiro Agenor Soares de Moura, que logo se engajou na equipe de colunistas do jornal, ficando responsável por uma seção que veiculava semanalmente o resultado da análise da qualidade de traduções literárias. Logo ficou patente que o trabalho esmerado de Agenor, apesar de aceito e até procurado por alguns, não era de todo bem recebido por outros, sobretudo alguns tradutores das obras criticadas e editores. Agenor, para driblar a ira dos descontentes e ficar à margem dos comentários maldosos, assinava com um pseudônimo (“CT”) sob a proteção do mecenas Figueiredo. Ao longo do tempo essa resistência foi se fortalecendo, findando pelo privamento completo das condições de trabalho do crítico e cessação de suas atividades como crítico. Desse caso concluímos que a obtenção (e manutenção) da qualidade é fruto de uma construção coletiva, podendo, no entanto, encontrar resistências de alguns intervenientes no processo. Qualidade é uma tarefa que prescinde do engajamento de todos os elementos da cadeia produtiva: tradutores, editores, terminólogos, etc. **alinhados por um mesmo e único conceito final de qualidade** (eles podem ter visões “setorizadas” do conceito de qualidade final, mas todas devem se harmonizar com o conceito final). Outro resultado é que o caso Agenor indica que não há correlação entre a variável “status do tradutor” e a “qualidade das traduções” feitas por ele. Talvez um delineamento mais realista fosse o emparelhamento da “capacidade do tradutor” com a “qualidade da tradução”, considerando o primeiro um fator necessário mas não suficiente para o resultado final. O conceito de qualidade mantém correlações complexas com variáveis como “tempo” e “custo”. Não é incomum ver escolhas feitas em nome da “qualidade” baseadas no valor financeiro da transação, por exemplo. Mas o que se sabe é que “tempo” e “custo” são necessários, mas não suficientes à obtenção da “qualidade”, isto é, “qualidade” significa custo e tempo adequados, mas tempo e custo não significam qualidade. Ou seja, tempo e custo não são

indicadores de qualidade. Essas variáveis são em geral exógenas ao campo de ação do tradutor, porém podem interferir igualmente no resultado da qualidade final.

O congresso de Bad foi citado anteriormente como um evento emblemático. E para justificar tal adjetivo é necessário que nos atenhamos não somente ao evento e seus resultados propriamente ditos, mas também, aos acontecimentos que o antecederam, que é por onde retomamos.

Em meados do século passado, durante o pós-guerra (1945 a 1955) e início da Guerra Fria (1947), o ambiente de tradução no mundo e na Europa, em particular, vivia um grande paradoxo: por um lado havia um aumento crescente da importância da atividade tradutória na esteira da crescente demanda por tradução. O mundo estava em reconstrução, a Unesco acabava de ser criada (1945) e o Japão passava por um amplo processo reerguimento baseado na melhoria da qualidade dos seus produtos. Em decorrência dessa dinâmica crescia a demanda por traduções, e com isso a importância da atividade tradutória. Mas se por um lado ocorriam avanços inequívocos, por outro, o lado da profissão e dos profissionais, vivia uma completa desorganização. As palavras do vice-presidente da FIT à época, Pierre-François Caillé, resumem o ambiente à época:

Os tradutores espalhados pelos quatro cantos do mundo viviam e trabalhavam no empirismo, numa espécie de anarquia elementar, enquanto a multiplicação de suas tarefas, a crescente importância de seu papel exigia, pelo menos para eles, uma tomada de consciência profissional, senão um tipo de disciplina³³. (CARY; JUMPELT, 1963, p. v, tradução nossa).

Aqui e ali, em um país ou outro da Europa, encontravam-se associações regionais de tradutores, mas nada que ultrapassasse as fronteiras. Essa dispersão escondia uma grande diversidade de problemas e interesses profissionais diferentes que começavam a emergir com o aumento da importância da profissão. Dentre os principais problemas destacavam-se o direito do autor/tradutor, a formação de bases terminológicas comuns e a formação dos tradutores.

Em meados de 1953, um grupo de tradutores franceses, baseados na Associação Francesa de Tradutores (a AFT, uma das primeiras associações de tradutores do mundo, foi fundada em 1947), começou a discutir a ideia de criar mecanismos que vinculassem todos os profissionais da tradução. Eles procuravam “[...] um elemento de

³³ “*Les traducteurs dispersés aux quatre coins du monde vivaient, travaillaient dans l’empirisme, dans une sorte d’anarchie élémentaire, alors que la multiplication de leurs tâches, l’importance croissante de leur rôle exigeaient, au moins pour eux, une prise de conscience professionnelle, sinon une sorte de discipline*” (CARY; JUMPELT, 1963, p. v).

síntese para conciliar as tendências e as diversas preocupações e ao mesmo tempo as exigências e os imperativos dos dois ramos principais da profissão³⁴ (CARY; JUMPELT, 1963, p. *xiv*, tradução nossa). Foi assim que nasceu a ideia de uma federação internacional de tradutores, e em dezembro de 1953 a FIT foi criada com o auxílio e o amparo da Unesco. Além da FIT, a revista *Babel*, a Carta dos Tradutores e a própria escolha do tema “qualidade” para o III congresso de Bad foram ações efetuadas em resposta ao desejo de criar mecanismos que vinculassem todos os interessados por tradução (e não só tradutores).

A escolha do tema qualidade para Bad requereu uma longa gestação, amadurecida ao longo de discussões nos encontros anteriores da FIT³⁵. O tema da qualidade foi escolhido em razão da sua característica vinculante, uma espécie de “centro de gravidade” de todos os problemas e interesses dos tradutores. Segundo os organizadores, esse tema da qualidade era (é) uma espécie de “denominador comum” que tocava (toca) desde questões terminológicas até conduta ética do tradutor, passando por tempo, encargos financeiros e conhecimento do tradutor, etc. Todos, sem exceção, são inerentes à qualidade. Essa abrangência do conceito, se por um lado se mostrava um ponto positivo, já que oferece múltiplas possibilidades de ângulos de ataque, por outro, e pela mesma razão, mostrava-se um dificultador para o pesquisador porque cria um ambiente difuso que com facilidade pode levar à perda de foco. Esta concepção “alargada” do conceito de qualidade foi uma das mais importantes escolhas feitas pelos congressistas. Trata-se de um enfoque que concede ao paradigma da qualidade um escopo mais abrangente do que o escopo do paradigma da equivalência, como veremos adiante.

Participaram do congresso 289 congressistas de 21 países. A seção de abertura contou com 600 ouvintes, e as reuniões e os debates se desenvolveram considerando duas problemáticas diferentes: a questão da qualidade em tradução literária e a questão da qualidade em tradução técnica. Os congressistas consideravam que essas duas modalidades de tradução requeriam métodos diferentes de aferição da qualidade. O clima geral do congresso foi marcado por uma grande expectativa por bons resultados, tanto teóricos quanto práticos, uma dose de euforia por parte de alguns congressistas que achavam que o problema da qualidade ia ali se resolver

³⁴ Cary se referia à tradução literária e à tradução técnica.

³⁵ Paris em 12/1954, Roma em 03/1956, Nova Deli em 11/1956, Luxemburgo em 05/1958 em 05/1958 e Varsóvia em 07/1958.

definitivamente e uma parcela de cautela e desconfiança motivado pela dificuldade do tema. Como preparação para os debates e encontros foi realizada uma enquete por meio da revista *Babel* contendo três perguntas. A principal delas indagava: “Na sua opinião o que devemos entender por QUALIDADE de uma tradução técnica?”. Cento e oito interessados responderam à enquete, dentre eles tradutores, é certo, mas também escritores, professores, teóricos da linguagem, linguistas, críticos, entidades, associações, etc. Os organizadores estabeleceram como princípio fundamental do encontro ouvir a voz de todos (e não só tradutores).

As respostas dadas à enquete, adicionadas às manifestações durante os debates, foram compiladas por E. Cary e R. W. Jumpelt (1963) e resumidas nas seguintes declarações:

1) Tradução literária e tradução técnica são duas modalidades de tradução que requerem procedimentos diferentes do ponto de vista da avaliação da qualidade. Esse resultado coloca em xeque o propósito de universalidade contidos em métodos de avaliação da qualidade de propósito geral como o método de House. Presumimos que a tradução literária e a tradução técnica requerem paradigmas diferentes do ponto de vista da qualidade.

2) “Toda tradução é destinada a um propósito, um fim”³⁶ (CARY; JUMPELT, 1963, p. 26). Segundo Cary e Jumpelt (1963, p. 26), o que parece um truísmo vem sendo sistematicamente (e sua fala é de 1959!) desconhecido da maioria dos teóricos. Segundo ele, não saberíamos definir tradução nem discorrer sobre esse conceito sem saber o propósito. Seria esse resultado um prenúncio do movimento alemão que edificou o paradigma do *skopos*?

3) “O fim (ou propósito), varia infinitamente”³⁷ (CARY; JUMPELT, 1963, p. 26, tradução nossa). Interferem aqui o gênero literário, as línguas envolvidas, as culturas, etc.

4) “O propósito de um texto direciona não apenas a natureza da operação de tradução, mas também os requisitos de qualidade a serem elaborados”³⁸ (CARY; JUMPELT, 1963, p. 27).

³⁶ “*La traduction est toujours destinée à un certaine fin.*” (CARY; JUMPELT, 1963, p. 26).

³⁷ “[...] or, cette fin est variable. Elle varie à l’infini [...].” (CARY; JUMPELT, 1963, p. 26).

³⁸ “*La destination donnée à un texte domine non seulement la nature profonde de l’opération mais les exigences de qualité...*” (CARY; JUMPELT, 1963, p. 27).

5) “A qualidade de uma tradução é sempre função do fim perseguido e não de critérios abstratos extraídos de uma definição a priori”³⁹ (CARY; JUMPELT, 1963, p. 27). Segundo o autor Cary e Jumpelt (1963, p. 27), esta afirmação é de grande importância já que nos permite “eliminar muitos falsos problemas acumulados ao longo de séculos e contradições aparentemente insolúveis”.

6) “A tradução não é uma relação simples (autor-tradutor, original- tradução), mas uma relação de três termos: autor-tradutor-leitor, e é inútil querer definir qualidade negligenciando este terceiro termo”⁴⁰ (CARY; JUMPELT, 1963, p. 27). É a importância do leitor sendo reconhecida como elemento central numa estratégia de avaliação da qualidade em tradução.

7) O público (leitor) muda de país para país, de época a época, de meio social a meio social.

Como se vê, as conclusões oriundas de Bad não encontram abrigo no modelo “pantográfico” de House. Ao contrário, elas parecem se harmonizar mais perfeitamente a outro paradigma, o paradigma do propósito (*skopos*) e distanciar-se do paradigma da equivalência utilizado por House. Os resultados de Bad também se harmonizam muito bem com o paradigma da qualidade o que nos leva a concluir com a figura de um antagonismo: num polo se situa o modelo de House fundado no paradigma da equivalência. No polo oposto se instalam os resultados de Bad e o paradigma do *skopos*. Se esse foi um bom começo, o que fizemos dos frutos de Bad?

2.5 Qualidade no modelo de Juliane House

Uma das primeiras constatações que emergem da leitura da obra de referência (HOUSE, 1977) e (HOUSE, 2015) diz respeito à prevalência do termo “tradução” (T) em detrimento dos termos “qualidade” (Q) e “avaliação” (A). Enquanto o primeiro é objeto de várias definições e considerações teóricas, os dois outros termos restantes aparecem aqui e ali desacompanhados de maiores problematizações (o item 4.10 apresenta um estudo da frequência desses termos na obra de referência). A ausência de uma definição de Q na mesma fonte também se constitui num fato não menos

³⁹ “La qualité d’une traduction est toujours fonction de la fin poursuivie plutôt que de critères abstraits tirés d’une définition a priori.” (CARY; JUMPELT, 1963, p. 27).

⁴⁰ “[...] dès qu’on parle de fin, on est tenu de faire entrer en ligne de compte le public pour lequel travaille le traducteur. La traduction n’est pas un rapport simple (auteur-traducteur, original- traduction), mais une relation à trois termes: auteur-traducteur-lecteur, et il est vain de vouloir définir la qualité en négligeant ce troisième terme” (CARY; JUMPELT, 1963, p. 27).

inusitado. Qual motivo teria levado a autora a optar por uma estrutura assim, tão “desbalanceada”? O conceito de qualidade em tradução teria sido tomado por um conceito transparente, óbvio ou simples a tal ponto de não suscitar maiores questionamentos? Provavelmente não! A primeira conclusão a que chegaram os congressistas presentes no III Congresso da FIT ocorrido em 1959 e inteiramente dedicado à questão da “Qualidade em Tradução”, foi reconhecer a “complexidade da noção de qualidade⁴¹” em tradução, (CARY; JUMPELT, 1963, p. 23, tradução nossa). Ou, o conceito de qualidade em tradução teria sido considerado de importância inferior frente aos demais T e A? Resultados colhidos no curso desta pesquisa indicam que o conceito Q é uma espécie de “elo” que liga e ao mesmo tempo restringe e direciona os conceitos T e A na composição do constructo TQA. Por óbvio, sem Q sem TQA, daí sua importância.

Então, qual seria o conceito de Q retido por House? Elementos de respostas a essa pergunta vamos encontrar dispersas aqui e ali, distribuídos no material que a autora escreveu sobre tradução (HOUSE, 2015). Logo de partida ela define tradução como “[...] o resultado de uma operação linguístico-textual na qual um texto escrito numa língua é recontextualizado em outra língua⁴²[...]” (HOUSE, 2015, p. 2, tradução nossa), e na passagem seguinte na qual aparece evidenciado o **paradigma da equivalência** como o pilar do seu arranjo conceitual “[...] tradução é a substituição de um texto em uma língua fonte por um texto alvo semântica e pragmaticamente *equivalente*⁴³” (HOUSE, 2015, p. 23, grifo nosso, tradução nossa). Com essa visão de tradução House posiciona o complexo paradigma da equivalência⁴⁴ na condição de base fundamental de sua teoria avaliativa. Segundo sua visão o conceito de equivalência é central em TQA e particularmente importante para seu modelo de avaliação da qualidade em tradução: “[...] equivalência é um conceito central em teoria da tradução e

⁴¹ “Réponses et débats firent ressortir avec évidence un certain nombre de vérités, celles-là même que nous avaient embarrassés naguère. En premier lieu, la complexité de la notion de qualité... (CARY; ; JUMPELT, 1963, p. 22).

⁴² “Translation can be defined as the result of a linguistic-textual operation in which a text in one language is re-contextualized in another language” (HOUSE, 2015, p. 2).

⁴³ “[...] translation is the replacement of a text in the source language by a semantically and pragmatically equivalent text in the target language” (HOUSE, 2015, p. 23).

⁴⁴ Segundo Pyn (2017, p. 27), o paradigma da equivalência natural “[...] encontra-se na base de um corpo de pensamento amplo e bem estruturado [...]”, ao qual – acrescentamos – vai muito além do escopo e das fronteiras das ciências da linguagem: encontramos a noção de equivalência na lógica formal, por exemplo, quando relacionamos proposições, na matemática, entre frações e equações, na geometria, entre ângulos e, dentre outros, na filosofia, na constituição do conceito latino de verdade (*veritas*), caro aos tradutores. No campo das ciências da linguagem, este paradigma desempenhou e desempenha (ainda hoje) um importante papel no quadro das teorias da tradução, opondo-se ao paradigma do propósito (teoria do *skopos*).

a base conceitual da avaliação da qualidade em tradução⁴⁵” (HOUSE, 2015, p. 5, tradução nossa). Mas House vai mais longe. Sua abordagem confere um vínculo de causalidade simétrica⁴⁶ entre o conceito de equivalência e o conceito de qualidade “[...] equivalência é o critério fundamental para qualidade em tradução. Uma tradução adequada é uma tradução pragmática e semanticamente equivalente⁴⁷” (HOUSE, 2015, p. 23, tradução nossa). Isto é, uma tradução é de qualidade se ela é equivalente (funcionalmente, semanticamente e pragmaticamente) ao texto de partida. Por oportuno, apesar de não se constituir numa lapalissada esse resultado não é de todo surpreendente: sessenta anos antes a Sociedade Francesa de Tradutores já declarara em comunicado oficial no III FIT que “A qualidade de uma tradução técnica é definida pela equivalência completa entre o texto original e a tradução⁴⁸”. (CARY; JUMPELT, 1963, p. 323). Chegamos, portanto, à conclusão de que para House qualidade implica equivalência e equivalência implica qualidade, ou seja, “qualidade é igual a equivalência” no âmbito da sua teoria, naturalmente. Fazendo uso da simbologia usual temos “qualidade (Q) = equivalência (E)” ou $Q=E$ que resulta em $TQA=TEA$ ⁴⁹. Chamaremos a igualdade “ $Q=E$ ” de “equação de House”. A partir desse resultado chegamos às três conclusões seguintes relacionadas com os objetivos desse trabalho:

- 1^a) A “equação de House” ($Q = E$) explica a prevalência citada no início da seção: quando a autora trata de equivalência (um termo mais familiar ao linguista e ao tradutor do que o termo qualidade tomado no seu sentido técnico) ela também está tratando – simultaneamente – de qualidade. Este fato
- 2^a) contribui para a refutação das hipóteses (H1) da transparência e (H2) da minimização da importância do conceito de qualidade (H2), ao mesmo tempo que
- 3^a) valida a hipótese de tratamento conjunto dos três subproblemas de TQA. Os subproblemas embutidos em um problema TQA são tratados solidariamente pela autora sob a égide de T.

⁴⁵ “As stated above, equivalence is both a core concept in translation theory, and the conceptual basis of translation quality assessment” (HOUSE, 2015, p. 5).

⁴⁶ Em termos matemáticos, “simetria” é uma das três propriedades de uma “relação de equivalência” (as outras duas são a propriedade “reflexiva” e a propriedade “transitiva”). A definição de simetria é a seguinte: uma relação R sobre um conjunto A é dita simétrica se sempre que $(a, b) \in R$, então também $(b, a) \in R$.

⁴⁷ “[...] equivalence is the fundamental criterion of translation quality, an adequate translation text is a pragmatically and semantically equivalent one” (HOUSE, 2015, p. 23).

⁴⁸ “La qualité d’une traduction technique se définit donc par l’équivalence complète entre le texte original et le texte traduit” (CARY; JUMPELT, 1963, p. 323).

⁴⁹ A equação $TQA=TEA$ só é verdadeira se considerarmos $Q=E$.

Até aqui concluímos parcialmente que para House qualidade significa equivalência e equivalência, qualidade. Isto é, tomamos como verdadeira a “equação de House”, $Q=E$. Admitir a veracidade desta asserção implica admitir, num plano teórico, a aproximação de dois paradigmas complexos: o paradigma da equivalência (PE) e o paradigma da qualidade (PQ). O primeiro regendo e orientando o trabalho do tradutor na “travessia” (a concepção de tradução de House permite essa metáfora) que vai do texto de partida (TP) ao texto de chegada (TC), e o segundo que estabelece critérios de aquilatação de TC sob o ponto de vista da qualidade. No caso do modelo de House, a avaliação de TC é relativa a TP, mas outros modelos de avaliação podem empregar outros elementos como referencial como por exemplo a “finalidade da tradução” como propõe Robert Larose (1998)⁵⁰. Sem o propósito de aprofundar a análise dessa relação entre paradigmas nos limitamos a seguir a apresentar um resultado relacionado com a abrangência dos escopos de PE e PQ.

Conforme já informado, o conceito de qualidade é muito abrangente. Variáveis como tempo, conhecimento do tradutor, direitos do autor, direitos do tradutor, custo, finalidade, condições de trabalho, e muitas outras mantêm correlações com o conceito de qualidade. Essa abrangência de escopo, inclusive, foi o principal motivo que levou a FIT a dedicar seu III Congresso ao debate do tema “qualidade em tradução”. Aos olhos dos coordenadores daquele evento, qualidade era (e ainda é, dizemos nós) um conceito que se apresenta como um denominador comum de muitos outros aspectos relacionados ao campo da tradução.

O conceito de tradução, por sua vez, não é menos abrangente do que o conceito de qualidade. Apesar de a tradução ser uma operação essencialmente “linguística-textual”, uma série de fatores interferem no processo. Juliane House (HOUSE, 2015, p. 2 e 3) relaciona uma série deles que vão desde o “*brief*” entregue ao tradutor até suas condições de trabalho, passando pelo conhecimento dos clientes e postura ética dos envolvidos. Reconhecendo a multiplicidade de fatores e a impossibilidade de a todos reunir num único modelo de avaliação da qualidade, House opera uma redução de escopo recaindo sua seleção na principal componente do conjunto, a componente linguística “[...] é quase impossível para qualquer modelo praticável de avaliação da qualidade da tradução levar em conta todos esses fatores, muito menos em um modelo

⁵⁰ “Juliane House acha que a teoria do *skopos* não é muito útil na avaliação da qualidade em tradução. “[...] *in my opinion skopos theory is not very useful for translation quality assessment.*” (HOUSE, 2015, p. 11).

essencialmente baseado em texto como o meu⁵¹” (HOUSE, 2015, p. 3, tradução nossa). A autora acha que um modelo exclusivamente linguístico seja suficiente para constituir um modelo de avaliação da qualidade em tradução. Vejamos sua resposta em entrevista concedida ao LET/UnB (ROSCOE-BESSA *et al.*, 2012, p. 224) quando questionada se seu modelo corria o risco de cair no ostracismo tendo em vista a chamada virada cultural dos estudos da tradução que foi, para muitos, uma espécie de libertação da linguística. Sua resposta:

De jeito nenhum. Meu objetivo, meu modelo, é basicamente linguístico, mas, por causa da noção de filtro cultural que lhe é inerente, é também de grande relevância para se pensar as questões culturais. Além disso, de maneira geral, discordo totalmente dos que afirmam que a virada cultural tenha nos liberado da linguística. Como é possível fazer qualquer coisa na área de tradução sem ao menos uma noção de linguística ou sem levar em conta a língua? Afinal, quando lidamos com tradução, estamos lidando com textos, com discursos. Então, claro que precisamos da linguística. Se nosso trabalho não estiver embasado na linguística, acabamos apenas com afirmações vagas do tipo “esse aspecto é relevante para a cultura de chegada” ou coisa assim. A relação com a linguística, quero enfatizar, é o que torna nossa área de estudo mais respeitável e mais científica.

A escolha de House pela componente linguística excluiu fatores centrais e imprescindíveis ao paradigma da qualidade como por exemplo a centralidade do cliente/leitor da tradução e suas necessidades (as quais podem ser diametralmente opostas àquelas dos clientes/leitores do texto de partida) de consumo. Outras variáveis inerentes ao conceito de qualidade de uma tradução enquanto bem econômico como preço, prazo de atendimento, serviço, direitos e garantias, pós-venda, etc. foram automaticamente excluídas. Estas escolhas de caráter redutor no modelo de House terminaram por restringir a questão da qualidade ao aspecto exclusivamente linguístico. Concluimos assim que a equação de House é de natureza redutora e restritiva

2.5.1 O modelo de avaliação da qualidade de Juliane House

O traço marcante do modelo de avaliação da qualidade de House é sua fundamentação no conceito de “equivalência” que segundo a autora é o critério principal da qualidade da tradução. Uma tradução TC é de qualidade se TC é equivalente ao TP, isto é, se TC e TP possuem a mesma função. A avaliação da qualidade de uma tradução supõe, portanto, um exame minucioso do perfil do TP e de

⁵¹ “[...] it is well nigh impossible for any practicable model of translation quality assessment to take into account all of these factors, much less so in an essentially text-bases model such as my own” (HOUSE, 2015, p. 3).

sua tradução, TC. Os elementos descritivos obtidos são comparados levando ao juízo de valor acerca dos níveis de qualidade. De maneira sucinta o funcionamento do modelo se dá da seguinte maneira: elabora-se o perfil funcional (*functional profile*) de cada texto-fonte, levando em conta sua rede de informações “linguísticas-estéticas”. Essa etapa consiste em descrever e analisar cada texto no nível do Registro (*Register*) – em que são descritas as dimensões situacionais Campo (*Field*), Modo (*Mode*) e Relações (*Tenor*), em seus recursos lexicais, sintáticos e textuais –, do Gênero (*Genre*) e da Função textual individual (*Individual textual function*). A partir daí, formula-se o parecer sobre a qualidade de cada texto, considerando as correspondências e não correspondências entre suas dimensões situacionais. O critério de decisão do modelo de House recai na existência ou não de correspondências e não correspondências entre as dimensões situacionais (erros invisíveis e erros visíveis).

Essa estratégia de avaliação da qualidade centrada na relação de fidelidade entre texto fonte e texto traduzido não é uma unanimidade entre os pesquisadores no assunto. Para Martins (2011, p. 30) por exemplo, “é preciso levar em conta uma maior variedade de critérios para ser de fato útil a um usuário da tradução, indo além de visões simplificadoras da relação de ‘fidelidade’ entre texto-fonte e texto meta.” E para E. Cary e Jumpelt (1963, p. 37) “[...] muitos autores se deixam hipnotizar pelo imperativo da exatidão, da fidelidade total. A qualidade de uma tradução, no entanto, não é apenas uma função do seu grau de fidelidade⁵²”.

⁵² “*Beaucoup d’auteurs se laissent hypnotiser par l’impératif de l’exactitude, de la fidélité totale. La qualité d’une traduction, cependant n’est pas uniquement fonction de son degré de fidélité*” (CARY; 1963, p. 37).

3 METODOLOGIA

Da indagação inicial, centrada no conceito de qualidade em tradução de Juliane House, advieram três outras questões cujas respostas e escolhas efetuadas terminaram por conformar o curso metodológico da pesquisa, além de direcionar o processo de reflexão. A primeira, de natureza metodológica, estava relacionada com o traço “comparado”, já presente nos questionamentos iniciais. A inquietação, motivada pelo conceito de qualidade em House, surgiu de forma comparada. Esta constatação levou à adoção do “**método comparado**” como instrumento metodológico de análise. A segunda questão, também de natureza metodológica, surgiu relacionada com o tipo da pesquisa: pesquisa conceitual ou pesquisa empírica? O objetivo geral de problematizar um conceito (qualidade) classificava-a mais naturalmente como uma **pesquisa conceitual** (sem destituir a pesquisa empírica da sua importância). A terceira questão, desta vez de natureza teórica, estava relacionada com a natureza dos objetos que seriam comparados, isto é, **conceitos**, e da necessidade de melhor compreendê-los. O que é um conceito? Pareceu-nos sensato refletir sobre esta questão central antes de ensaiar uma tentativa de problematização do conceito objeto deste estudo.

As duas primeiras questões são objeto de maiores considerações no texto a seguir. A terceira, considerando sua natureza teórico-conceitual, foi tratada no Capítulo 2 referente ao arcabouço teórico. Esta seção termina com a apresentação da metodologia adotada na pesquisa.

3.1 O método comparativo

A comparação é um instrumento de construção do conhecimento (PRONKO, 2002). Lançando mão desse tipo de raciocínio descobrimos regularidades, assimetrias, mudanças, transformações, etc., entre os seres (coisas e fenômenos) comparados, que, por sua vez, podem levar à elaboração de explicações, hipóteses, teorias, leis, generalizações, provas, refutações, etc.

Segundo Schneider e Schimitt (1998, p. 1), é a comparação que “[...] nos permite romper com a singularidade dos eventos [...]”. Ainda segundo esses autores, o método comparado é inerente a qualquer pesquisa no campo das Ciências Sociais, estando ela direcionada para a compreensão de um evento singular ou voltada para o estudo de uma série de casos previamente escolhidos. Santos (2021) o utiliza para comparar conceitos e processos em Psicologia. Brandão (2012) discute seu uso na

Geografia; e Mazetto (2000) apresenta uma comparação entre os conceitos de qualidade de vida e qualidade ambiental.

Em Linguística, o método comparado é aplicado desde o nascimento da disciplina. Em Sociologia, o método comparativo vem sendo empregado desde os estudos clássicos de Comte, Durkheim e Weber do século XIX. Pronko (2002, p. 581) considera que o caráter multidisciplinar dos estudos comparados “[...] pode ser visto como uma tendência crescente de interfertilização dos Estudos Sociais”, a exemplo do ensaio interdisciplinar comparado realizado pela tradutora Claude Jean (2017), no qual ela cotejou o conceito de qualidade em tradução com os conceitos de qualidade em Biologia e no Grafismo. Por esse estudo a autora concluiu que o controle da qualidade em Biologia já está embutido no processo de trabalho resultando numa tarefa de fácil execução, ao passo que em tradução controlar a qualidade significava ter que controlar muitos fatores (uniformidade e precisão da terminologia, reconstituição da mensagem com relação ao estilo, ortografia, gramática, apresentação, etc.), dispensar muito tempo e recursos e dispor de conhecimentos diversos numa tarefa imprecisa e subjetiva. No grafismo o produto final, por ser visual, tornava o controle da qualidade quase instantâneo. O tradutor Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos é incisivo com relação ao método comparado aplicado à crítica de tradução: “A crítica da tradução exigiria um cotejo entre os dois textos para se analisar as soluções que o tradutor encontrou.” (BENEDETTI, 2007, p. 128).

Um dos raros motivos de polêmica desse método é quanto à prioridade do que observar: Deve-se dar prioridade às similitudes ou às diferenças? Ao nosso ver, essa questão ganha relevância quando se deseja distribuir um conjunto de indivíduos em categorias (hierarquizadas ou não), o que não é o caso presente, já que estamos tratando da comparação entre apenas dois elementos. Polêmicas à parte, neste trabalho, ambas as abordagens são empregadas indistintamente.

Talvez o exemplo mais icônico de aplicação desse método comparativo, considerando o escopo desta pesquisa, seja o que nos dá a própria Juliane House quando estruturou seu modelo de avaliação da qualidade em tradução no princípio da comparação entre texto de partida e texto de chegada.

Segundo Roscoe-Bessa et al. (2012, p. 223), “Uma de suas principais colaborações [de Juliane House] para a área de tradução foi a elaboração de um modelo para avaliação de traduções com base nos conceitos da Linguística sistêmico-

funcional,” corroborando as palavras proferidas pela autora ao reconhecer seu próprio feito em determinada parte da entrevista: “Correndo o risco de parecer imodesta, posso afirmar que o meu modelo é o único que é fechado^[53]. Talvez tenhamos outros melhores no futuro, mas, hoje, meu modelo está definido de forma apropriada, é um sistema, é transparente, é descritivo e é explicativo” (ROSCOE-BESSA et al., 2012, p. 226). Trata-se de fato de um modelo enraizado nos conceitos da linguística sistêmico-funcional de Halliday e, portanto, de forte inspiração linguística, aliás, segundo a autora, somente uma abordagem linguística da tradução pode ser considerada de fato científica, entendendo-se por científica “a capacidade de mostrar o que está sendo feito e por quais razões” (ROSCOE-BESSA *et al.*, 2012, p. 225).

Além do forte embasamento linguístico, o modelo de House (2015) se identifica e se alinha com os modelos funcionalistas da escola alemã, que tem como expoente os autores Vermeer, Reiss, Nord e outros. Apesar de pertencerem à mesma escola de pensamento, os modelos de tradução funcionalistas divergem entre si, às vezes, em vários aspectos. Por exemplo, a teoria do escopo de Vermeer (SILVA; SOUSA, 2018) admite a aposição de qualquer função ao texto de chegada (desbancando, portanto, o *status* do texto original e gerando um problema de ética relacionado com o excesso de limites das ações do tradutor), o que é refutado e corrigido no modelo de Nord (SILVA; SOUSA, 2018).

3.2 Pesquisa conceitual

O segundo pilar metodológico derivado das formulações iniciais equipara a pesquisa a uma pesquisa do **tipo conceitual**, na qual o objeto de análise são conceitos. Esse resultado decorreu da fixação do objetivo geral, que consiste em problematizar um conceito. Considerada uma modalidade de investigação diferente, mas complementar ao modelo empírico, a pesquisa conceitual “[...] visa definir e esclarecer conceitos, interpretar ou reinterpretar ideias, relacionar conceitos em sistemas maiores, introduzir novos conceitos, metáforas ou estruturas que permitam uma melhor compreensão do objeto de pesquisa” (WILLIAM, 2014, p. 58). Essa modalidade de investigação científica se justifica na medida em que os conceitos – entidades vivas – se modificam ao longo do tempo, criando, segundo Koselleck (1992), uma história e necessitando de permanentes atualizações. “Para que cumpram seu papel na construção do

⁵³ A autora se refere a um sistema fechado como sendo uma teoria, um conjunto de hipóteses.

conhecimento científico, é oportuno que seus atributos essenciais e, conseqüentemente, suas definições sejam analisadas periodicamente, visando, principalmente, seu contínuo aprimoramento” (FERNANDES, 2011, p. 1151)

A metodologia de análise de conceito que serviu de base para este trabalho foi a metodologia de Walker e Avant, citada por Wilson (2001). Originariamente composto de oito passos, o modelo se fundamenta na análise dos atributos críticos de um único conceito. Conforme já citado, nosso objetivo consiste em problematizar o conceito de avaliação da qualidade em tradução em Juliane House, comparativamente a outro modelo de referência praticado nas áreas de Gestão, portanto, englobando dois, e não um conceito somente. Este fato suscitou a modificação do passo 4 e eliminação dos seguintes, conforme descrito a seguir, com o objetivo de comportar esse aspecto comparado sob o qual se fundamenta nossa análise. Todos os passos da metodologia são descritos visando futuras utilizações na análise de outros conceitos e possíveis replicações da metodologia proposta.

Passo 1) Seleção do conceito – Uma análise conceitual se inicia pela eleição do conceito a ser estudado. No presente estudo, a escolha recaiu sobre o conceito de qualidade (em tradução) em razão da sua centralidade nas indagações inicialmente formuladas. Os conceitos de tradução e avaliação são objeto de considerações periféricas quando da análise do construto TQA.

Passo 2) Determinação dos objetivos da análise conceitual – Na sua formulação original, esse passo foca na finalidade da análise do conceito que se pretende realizar. No presente estudo, o objetivo último consiste na problematização do método de avaliação (uma meta avaliação?). Dentre os objetivos indiretos pretende-se demarcar um caminho útil ao estudo e análise de outros conceitos importantes para o tradutor.

Passo 3) Levantamento das situações de uso do conceito – Esse passo foca nas “situações de uso” do conceito. O autor do método aconselha repertoriar o máximo de ocorrências. No estudo do conceito qualidade, em particular, essa etapa se reveste de dificuldades próprias decorrentes da natureza do objeto de estudo. Historiadores, juristas, críticos, tradutores, médicos, etc., todos têm interesse e praticam nas suas áreas conceitos particulares de qualidade. Além disso, é um termo de domínio público utilizado tanto na linguagem culta quanto na linguagem vulgar. Tamanha

amplitude (cobertura) dificulta um levantamento amplo de situações de uso. Neste trabalho, optamos por repertoriar as situações de uso a partir de um *corpus* (descrito no item 3.5) construído para essa finalidade composto de aproximadamente 170 artigos sobre tradução.

Passo 4) Determinação dos atributos críticos – A determinação dos atributos críticos é o passo fundamental do método. É nessa etapa que se identifica a essência do conceito, em geral, por meio da observação das suas ocorrências de uso ou pelas técnicas de análise de conteúdo, segundo Wilson (2001). Dada a natureza comparativa da nossa questão de pesquisa envolvendo o cotejamento de dois conceitos, procedemos a uma adequação desta etapa para incorporar essa particularidade. Tal modificação assumiu a seguinte forma final: (1) identificação das características essenciais do modelo de Juliane House de avaliação da qualidade; (2) identificação das características essenciais do modelo de referência de avaliação da qualidade; e (3) cotejamento entre (1) e (2) conforme descrito no item 3.4 adiante.

Passo 5) Construção de um caso modelo – Segundo a formulação original da metodologia essa etapa é dedicada à elaboração de um exemplo prático do uso do conceito, que inclua seus atributos essenciais.

Os passos 6, 7 e 8 perderam importância em face do aspecto comparado da pesquisa. Eles são citados por fins documentais.

Passo 6) Desenvolvimento de outros casos – Esta etapa prevê a construção de casos que contenha alguns atributos essenciais, mas não todos. Eles servem para auxiliar na decisão quanto aos atributos essenciais do conceito.

Passo 7) Identificação de antecedentes e consequências do conceito – Essa etapa prevê o levantamento de incidentes ou eventos que antecedem ou prenunciam a ocorrência do fenômeno (necessários para a sua ocorrência) e os eventos que o sucedem (eventos ou situações que surgem ou resultam da presença do fenômeno).

Passo 8) Definição de referências empíricas para os atributos essenciais – O autor denomina referentes empíricos, categorias ou classes de fenômenos observáveis, os quais, quando presentes, demonstram a ocorrência do conceito e possibilitam sua definição operacional.

3.3 Enquadramento da pesquisa: Holmes e TQA

A caracterização da pesquisa como “conceitual” e “comparada” situa o trabalho num plano metodológico geral. Faz-se necessário, por conseguinte, seu enquadramento num plano menor, segundo balizas já consolidadas do terreno dos Estudos de Tradução. Dois desses referenciais são o “mapa” da disciplina de Holmes/Toury (1972/1995) e a delimitação da subárea TQA (*Translation Quality Assessment*) dos Estudos da Tradução.

Com relação ao primeiro referencial, considerando o objetivo estabelecido de problematizar um conceito (de qualidade em tradução), concluímos que a melhor acomodação do trabalho seria na categoria “crítica de tradução” (*Translation Criticism*) do ramo “aplicado” dos Estudos de Tradução (MUNDAY, 2012, p. 38), uma vez que “crítica” se encontra no mesmo campo semântico de “problematizar”, “questionar”. O mapa de Holmes foi objeto de várias propostas de modificação. Em uma delas Munday se ressentiu do pouco “desenvolvimento” do ramo “aplicado” do mapa e propõe uma expansão para a subárea “crítica de tradução”, que se desdobraria em: a) revisão, b) avaliação de traduções e c) críticas (MUNDAY, 2012, p. 41). Adotando essa hierarquia, o presente estudo se enquadraria na categoria “avaliação de traduções” do ramo “crítica de tradução” dos estudos de tradução “aplicados”. Por oportuno, ressaltamos que o objeto da pesquisa são conceitos, e não traduções *in concretum*.

Em mapeamento dos Estudos da Tradução no par linguístico espanhol <=> português, Malta e Maia (*forthcoming*) ampliam o mapa de Holmes/Toury (1972/1995), já ampliado no Brasil por Pagano e Vasconcellos (2003) e sugerem um novo ramo intitulado “Orientado a Metaestudos”, dentro do ramo teórico. No referido ramo, segundo os autores, é possível incluir os estudos que não possuem as traduções em si como objeto de estudo, ou quaisquer outros objetos contemplados nos ramos sugeridos por Holmes e Toury, mas o próprio campo disciplinar dos Estudos da Tradução. Por sua vez, o ramo se subdivide em Estudos Bibliométricos da Tradução e Reflexão/Problematização sobre os Estudos da Tradução. Tomando por base este último estudo, este trabalho se insere no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, em seu ramo teórico, orientado a Metaestudos no sub-ramo Reflexão/problematização sobre os Estudos da Tradução.

O termo *Translation Quality Assessment* (TQA) é citado por Williams e Chesterman (2014, p. 8) para designar uma das 12 áreas de pesquisa dos Estudos de Tradução ali recenseadas pelo autor. De natureza “explicitamente avaliativa⁵⁴”, ela reúne as iniciativas relacionadas com a avaliação de traduções. Esse não é o único termo encontrado na literatura para designar as ações relacionadas à avaliação de tradução, no entanto é o mais frequentemente empregado, tanto no meio acadêmico quanto na indústria da língua, conforme estudo efetuado por Thelen (2008) e aqui replicado⁵⁵. Além de designarem o tema do trabalho, foi este o termo utilizado nas *queries* aos bancos de dados bibliográficos no curso desta pesquisa. Apesar da ancianidade e pioneirismo de Holmes em discernir e localizar a subárea *Translation Criticism* dentro dos Estudos da Tradução, o termo, como definido originalmente, não recobre semanticamente todas as manifestações verificadas hoje, relacionadas à crítica tradutória (no sentido *lato*).

3.4 O método de investigação e os recortes adotados

A metodologia seguida neste trabalho foi estruturada a partir dos elementos anteriormente citados (com as modificações assinaladas) articulados da seguinte maneira: num primeiro movimento identificamos um preceito (elemento 2 no esquema abaixo, Figura 3) relacionado ao conceito de qualidade da disciplina Gestão da Qualidade (1). Num segundo movimento isolamos o preceito equivalente (4), seguindo o mesmo plano de análise, relacionado ao conceito de qualidade em Juliane House (3). O terceiro movimento consiste na identificação das similaridades e diferenças entre (2) e (4) e subsequente avaliação (6). A partir daí retoma-se o ciclo a partir do primeiro movimento.

A dinâmica do processo levou em consideração as seguintes limitações e enfoques:

⁵⁴ Tradução nossa baseada no “Glossário – Termos do Modelo de House de avaliação de traduções para tradutores e estudiosos da tradução”, de Márcia Ney Pessoa e Cristiane Roscoe-Bessa (2017).

⁵⁵ Ver item 4.2 adiante.

Figura 3 – Modelo esquemático de comparação de conceitos



Fonte: Elaboração própria do autor.

1) A disciplina “Gestão da Qualidade” (1) foi considerada o polo “cedente” na dinâmica da investigação, isto é, o polo do qual advém princípios e ensinamentos tomados como referência para o polo recipiente. Esta postulação se deve ao fato de ela já ter acumulado muitos e sólidos resultados no campo da gestão da qualidade e ter servido a outras áreas interessadas no tema.

2) Por razões opostas, a disciplina “Qualidade em Tradução” (3) foi considerada o polo “recipiente”. Este alinhamento se deve ao estado ainda incipiente e acumulativo em que ela se encontra.

3) O escopo do elemento (1) foi demarcado pelas obras dos autores clássicos assim chamados de “gurus da qualidade”: William Edwards Deming, Joseph M. Juran, Philip B. Crosby, Armand V. Feigenbaum, entre outros.

4) O escopo do elemento (3) ficou restrito à obra *Translation quality assessment: past and presente*, de Juliane House (HOUSE, 2015).

Além da disciplina “Gestão da Qualidade” esta pesquisa dialogou pontualmente, de forma auxiliar, com elementos da filosofia clássica, quando fez uso da noção de conceito como substância segunda e com elementos da matemática utilizados na modelagem do conceito de qualidade.

3.5 Ensaios auxiliares usando corpora⁵⁶

Além dos recursos metodológicos já apontados, também lançamos mão da Linguística de Corpus em três oportunidades principais, conforme ilustrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Termos e repositórios pesquisados

Repositórios	Termos pesquisados
1. Corpus com 173 artigos de tradução	“qualidade”
2. Internet	“ <i>translation quality assessment</i> ”
3. Obra de referência de Juliane House	“ <i>quality</i> ” e “ <i>translation quality assessment</i> ”

Fonte: elaboração própria do autor.

A primeira (linha 1 na Tabela 1), no início da pesquisa, para elaborarmos um mapeamento preliminar e inicial do termo “qualidade” em contextos de tradução. Este ensaio foi realizado a partir de um corpus composto de 173 artigos sobre tradução.

O segundo ensaio (linha 2) foi realizado com o objetivo de identificar se o termo “*Translation Quality Assessment*” (ainda) era o termo mais utilizado para representar o campo semântico em torno da avaliação das traduções. Aqui optamos por replicar um experimento realizado por Thelen (2008), em que ele utiliza como corpus a internet e o Google como motor de busca.

O terceiro e último (linha 3) ensaio consistiu de um estudo para identificar como Juliane House se serviu quantitativamente dos termos “*quality*” e “*Translation Quality Assessment*” na obra de referência (HOUSE, 2015).

No primeiro e no terceiro casos, os experimentos foram realizados utilizando-se o *software AntConc* versão 3.2.4w. De início os textos originais em formato pdf foram convertidos para o formato txt, e em seguida, submetidos a análise por meio das funções *wordlist*, *collocates* e *concordance* do AntConc. A descrição de cada ensaio, os motivos que levaram às suas realizações e os resultados conseguidos estão descritos nos itens 4.8, 4.9 e 4.10.

⁵⁶ Malta e Teixeira (2020, p. 125) advogam pelo uso dos termos “corpus” e “corpora” sem o emprego de itálico, uma vez que, segundo os autores, os termos são utilizados como vocábulos especializados no Brasil há mais de 20 anos, seja em artigos, seja em trabalhos acadêmicos envolvendo a Linguística de Corpus.

4 RESULTADOS

4.1 O estágio evolutivo do conceito de qualidade

Segundo Garvin (1992), o conceito de Qualidade em Gestão passou por quatro períodos evolutivos: o 1º período da **inspeção** da qualidade, ocorrido antes da Revolução Industrial; o 2º do **controle estatístico de qualidade**, que teve lugar após a Revolução Industrial; o 3º período da **garantia da qualidade**, nas décadas de 1930/1940; e o 4º período, atual, da **gestão da qualidade total**.

No campo da Tradução podemos encontrar atualmente exemplos compatíveis com todos os quatro períodos definidos por Garvin (1992), com exceção, talvez, do 2º período evolutivo. A existência de empresas de tradução certificadas nas normas europeias e internacionais voltadas especificamente para a garantia da qualidade em tradução (como a norma europeia EN-15038 e a norma internacional ISO 17100) é um indicativo de que seus modos de administrar a questão da qualidade em suas traduções são compatíveis com o 3º e 4º períodos. No entanto, considerando que muitas abordagens de avaliação da qualidade de traduções focam no produto e são realizados ao fim do processo, como a proposta de Juliane House, consignamos a hipótese de que o estágio evolutivo do conceito de qualidade praticado nesses projetos de tradução – em especial no caso do modelo de Juliane House – é compatível com o primeiro dos quatro estágios evolutivos do conceito de qualidade em gestão, ou seja, o **estágio da inspeção**.

4.2 “Enfoques” do conceito de qualidade

Conforme citado no item 2.4, Capítulo 2, o conceito de qualidade tem sido estudado pelas mais diversas disciplinas, cada uma privilegiando determinado ângulo. Toledo (2013) cataloga cinco ângulos diferentes de abordagem da qualidade. São eles: 1) o enfoque transcendental; 2) o enfoque no produto; 3) o enfoque no usuário; 4) o enfoque na fabricação; e 5) o enfoque no valor. Avaliamos que o modelo de House seja compatível com o **enfoque no produto**. Conforme já explicado, segundo Toledo (2013, p. 6), por esse enfoque a qualidade é definida como uma variável dependente do conteúdo de uma ou mais características do produto. Estudos em Gestão da Qualidade já demonstraram os benefícios decorrentes de uma visão “mais abrangente” da qualidade e, em contrapartida, as limitações de um foco exclusivo no produto.

4.3 “Vertentes” do conceito de qualidade

Nas décadas de 1960/1970 foram propostas pelos “gurus da qualidade” (Deming, Feigenbaum, Juran, Ishikawa, entre outros) muitas definições de qualidade. Segundo Toledo (2013), a partir da década de 1970 observa-se um rearranjo dessas conceituações em três vertentes. São elas: 1) qualidade como sendo “adequação ao uso”; 2) qualidade como “conformidade com especificações”; e 3) qualidade como “perda pela não qualidade”. Avaliamos que o modelo de House seja compatível com a segunda vertente, que considera qualidade como um problema de “**conformidade com uma especificação**” (no caso, o texto original).

4.4 “Dimensões” do conceito de qualidade⁵⁷

Em que pese o fato de existirem vários conceitos de qualidade, em todos eles é possível discernir duas dimensões distintas, segundo Toledo (2013): uma **dimensão objetiva** (DO), ou qualidade primária, que se refere à qualidade intrínseca impossível de ser separada da coisa avaliada e independente do ponto de vista do avaliador, e uma **dimensão subjetiva** (DS), ou qualidade secundária, que se refere à percepção que as pessoas têm das características objetivas e subjetivas.

Como regra geral, da qual temos como exemplo o professor Britto (2007, p. 2) quando pleiteia “[...] métodos racionais e [...] objetivos,” para avaliar traduções, a ciência atribui grande importância à dimensão objetiva priorizando seus métodos em detrimento da dimensão e métodos subjetivos. Nessa mesma linha, Delisle (2001, p. 210, tradução nossa) se queixa do excesso de subjetividade no processo de avaliação de traduções: “A avaliação de traduções está mergulhada em subjetividade⁵⁸.” Essa tendência em mitigar o subjetivo é responsável por um esforço de “conversão” do que é subjetivo em objetivo (DS → DO), no qual disciplinas de fundo quantitativo como a estatística e a matemática desempenham papel de destaque. O modelo de House não conta com métodos objetivos. Ele é fundado essencialmente na dimensão subjetiva da qualidade (apesar de o “sujeito avaliador” não fazer parte explicitamente do modelo).

⁵⁷ Este item e o item seguinte (4.5) foram inspirados nas ideias do professor Paulo Henriques Britto, consignadas, principalmente, no artigo de sua autoria “É possível avaliar traduções?”, no qual ele postula por “métodos racionais e razoavelmente objetivos” de avaliação de traduções de poesias (BRITTO, 2007, p. 2).

⁵⁸ “*L'évaluation des traductions est aussi engluée dans la subjectivité*” (DELISLE, 2001, p. 210).

4.5 Escalas de variáveis de expressão do conceito de qualidade

À luz dos princípios da estatística, as dimensões subjetivas e objetivas ganham expressão e concretude na forma de variáveis. Existem quatro tipos possíveis de escalas de variáveis.

A primeira, dita escala “nominal”, é empregada quando atribuímos nomes (ou rótulos) desprovidos de ordem a um estado/dimensão dos indivíduos de uma população. Por exemplo, a variável “atitude social” pertencente ao agregado informacional “dimensões do uso da língua” do modelo de House pode assumir cinco valores ou categorias (sem ordem entre elas): congelado, formal, consultivo, casual e íntimo. Esse tipo de escala é considerada a mais pobre⁵⁹ dentre as quatro possíveis porque permite a realização estatísticas mais simples (mas não menos úteis) e em quantidade inferior às demais. Uma variação dessa escala (e mais pobre ainda) é a escala dicotômica, que House faz uso para tipificar os dois estados da variável “meio” (simples, complexo) e da variável “tipo” do relacionamento social (simétrico, assimétrico) do mesmo agregado informacional. O emprego de escalas dicotômicas ou com uma quantidade de categorias em desacordo com a natureza do fenômeno pode resultar em perda de informação.

A segunda escala, dita escala “ordinal”, também aloca os indivíduos em categorias, mas estas possuem uma ordem. Por exemplo, a variável “registro do original” definida por Britto (2007) pode assumir os valores “elevado”, “médio”, “baixo” ou “mixto”.

Na terceira escala, dita “intervalar”, além da ordem, também é conhecida a diferença entre os valores que a variável pode assumir. Esta escala já permite o cálculo de estatísticas mais elaboradas como a média e a mediana.

A última escala, a escala de “razão”, é caracterizada por possuir um ponto zero absoluto (o que a escala intervalar não possui). Por exemplo, considerando a tradução de um poema⁶⁰: “a quantidade de rimas identificadas”, “a quantidade de palavras”, a “quantidade de aliterações” a “quantidade de palavras do original a que nada correspondem na tradução” ou “a quantidade de palavras na tradução a que nada

⁵⁹ O termo “pobre” é aqui utilizado no sentido puramente quantitativo, e não está relacionado à sua importância. As variáveis nominais permitem a realização de testes não paramétricos e estatísticas complexas muito utilizados na Psicologia, por exemplo.

⁶⁰ As variáveis seguintes foram inspiradas no trabalho de Britto (2007).

correspondem no original”, dentre outras, são variáveis medidas em escala de razão. Esta escala permite a realização de todas as estatísticas.

O modelo de House faz uso somente de escalas nominais dicotômicas ou com poucas categorias.

4.6 **Time da avaliação da qualidade**

Por adotar uma concepção ampla de qualidade, abrangendo toda a cadeia produtiva, a avaliação da qualidade em Gestão da Qualidade se inicia antes da elaboração do produto propriamente dito, favorecendo uma estratégia de avaliação antecipativa. Na proposta de House é necessário que a tradução já esteja finalizada integralmente para que se possa avaliar sua qualidade. Resultados obtidos no escopo de GQ indicam que uma postura antecipativa no tocante à construção de uma resultante qualidade resulta em menores custos do que uma postura de avaliação *a posteriori* como o modelo de House. A conclusão é que o processo de avaliação da qualidade em QG é **amplo** e **antecipativo**, e o processo de avaliação da qualidade em QT é **restrito** e **a posteriori**.

4.7 **Posição do cliente/leitor no sistema**

No escopo de QG, o “cliente final” ocupa uma **posição fixa e central** na cadeia produtiva⁶¹, composta de fornecedores e consumidores de bens e serviços. Segundo essa ótica ele é o centro de onde partem⁶², direta ou indiretamente, todas as necessidades e para onde convergem⁶³ os esforços envidados pelos agentes do sistema. O atendimento a essas necessidades são a “razão de ser” das empresas e organizações que gravitam em torno dele e o pilar que sustenta e justifica todo o edifício da economia, o sistema maior. Dele, cliente⁶⁴, parte a necessidade primeira, que para ser atendida por um fornecedor cria outra necessidade que precisa ser atendida por outro fornecedor, e assim por diante, formando, na maioria das vezes, longuíssimas e complexas cadeias produtivas intercomunicantes, transfonteiras, descentralizadas, em que cada elemento é ao mesmo tempo cliente e fornecedor. No entanto, para que essas

⁶¹ Uma “cadeia produtiva” é formada de um conjunto de etapas consecutivas, ao longo das quais os diversos insumos sofrem algum tipo de transformação, até a constituição de um produto final (bem ou serviço) e sua colocação no mercado.

⁶² Basicamente, necessidades (atuais, futuras, potenciais, etc.) e recursos financeiros.

⁶³ Basicamente bens e serviços.

⁶⁴ Este é um modelo extremamente simplificado, e como tal pode ser objeto de inúmeras ponderações, com a de que não é no cliente que surge a necessidade de consumo.

redes subsistam é necessário que fornecedores produzam bens/serviços obedecendo a padrões de “conformidade”, previamente determinados, emergindo daí uma das noções atuais mais disseminadas de qualidade como “adequação ao uso”. A produção de um bem/serviço “sem conformidade”, isto é, “inadequado ao uso”, é uma das causas que leva ao rompimento dessa cadeia e à cessação da dinâmica do sistema. No caso extremo, o desaparecimento do cliente implica no desaparecimento da cadeia produtiva da qual ele faz parte. A conclusão que se tira dessa modelagem trivial é que, dado que é do cliente que partem as exigências e padrões de consumo, é, portanto, dele que se origina o fluxo de demanda por qualidade (entendida como “conformidade”) que se estende por toda a cadeia produtiva. Esse status do cliente no sistema dá origem a uma série de desdobramentos relativos à construção, gestão e avaliação.

No escopo de QT, a posição do leitor – considerado o equivalente do “cliente final” em QG – é **variável e pendular**, à mercê da abordagem de tradução escolhida e das decisões de tradução tomadas. Esta questão, na realidade, reporta-se a um dos problemas mais antigos e importantes da teorização e da prática tradutória estudado por grandes nomes da disciplina. A questão é: pró-autor ou pró-leitor?. Jerônimo, no século séc. V, traduziu a Bíblia (*Septuaginta*) do grego para o latim com o propósito de ser uma tradução “feita para o povo”. Martinho Lutero, já no século XVI, traduziu o Novo Testamento do grego para o alemão guiado pelo lema de que “qualquer um pudesse ler e entender”. O século XVII é icônico deste dilema: de um lado o modo pró-leitor de traduzir à la “*Les belles infidèles*”, e do outro, a escola de tradução alemã, pró-autor. No século XVIII, Schleiermacher propõe um modelo resumindo esse importante dilema. Já no século séc. XX, mas ainda no contexto da tradução de textos religiosos, Eugene Nida concede capital importância ao leitor nas estratégias de tradução bíblicas. O dilema continua até hoje tonificado de tempos em tempos pelo produto das reflexões de grandes pensadores como Henri Meschonnic, que considera perniciososa a atenção dada ao leitor. Nota: é preciso entender esta afirmação dentro de um contexto em que Meschonnic considera a tradução uma arte e não uma técnica. A partir desse ângulo a preocupação com o leitor acarretaria, de fato, um cerceamento criativo. No entanto, nos parece que esta abordagem não possa – com a devida vênia – ser aplicada a uma tradução embarcada em um rótulo de um produto ou na tradução de um manual técnico, por exemplo.

Os dois ambientes diferem sobremaneira no tocante à definição dos padrões de qualidade. No primeiro contexto o sistema está apoiado em um “senhor”, o cliente, que dita os níveis/padrões de aceitabilidade do produto que deseja consumir. Esse impulso inicial reverbera em ondas por toda a cadeia produtiva. Já no segundo ambiente a questão se torna mais complexa em razão de vários fatores, dentre eles a ausência de um conceito comum de qualidade no projeto de tradução e o conseqüente (e inevitável) desalinhamento dos agentes intervenientes (editor, revisor, tradutor, leitor, terminólogo, ilustrador, etc.) quanto ao padrão de conformidade perseguido.

4.8 Mapeamento preliminar do termo “qualidade”

Como parte do processo de reconhecimento inicial do termo “qualidade”, realizamos no início do estudo uma pesquisa visando levantar os tipos de contextos de ocorrência do termo “qualidade” na literatura corrente sobre Tradução, conforme descrito em Oliveira (2019). Esse mapeamento foi realizado a partir de um corpus de análise composto de 173 artigos publicados nos seguintes periódicos:

Tabela 2 – Quantidade de artigos e periódico de publicação do corpus “qualidade”

Periódico de publicação	Quantidade de artigos	%
1) TradTerm (CITRAT/USP)	131	75,7
2) Cadernos de Tradução (UFSC)	17	9,8
3) DELTA (PUC/SP).	10	5,7
4) Domínios de Lingu@gem (UFU)	9	5,2
5) Belas Infiéis (UnB),	4	2,3
6) Letras & Letras (UFU)	2	1,3
TOTAL	173	100,00

Fonte: Elaboração própria do autor.

A relação dos títulos dos artigos agrupados por periódico encontra-se no Anexo 1. Algumas telas de saída do AntConc encontram-se no Apêndice B. Todos os contextos de ocorrências encontrados no corpus foram isolados e analisados com o auxílio do software **AntConc** e em seguida agrupados por natureza e semelhança semântica dos seus elementos constituintes. Desse processo emergiram quatro grandes classes de elementos que aparecem como *collocates* do termo qualidade: os objetos, as ações, os constituintes e as gradações, conforme representado na Figura 4.

Figura 4 – Mapeamento do conceito “qualidade”



Fonte: elaboração própria do autor.

A primeira categoria é constituída dos **objetos** sobre os quais a qualidade incide como um atributo ou característica, isto é, são os seres/coisas passíveis de receberem o atributo de qualidade: alunos; ferramenta; produção; ambiental; _gramatical; produto (final); _artística; gravação; projeto; aulas; industrial; recursos; autobiografia; informação; recursos de; círculo de; intenções; redação; comunicação; interpretação; segmentação; _criminal; interface; serviços; dados; legendas; sinalização; debate; linguística; *software*; desempenho; matéria; sonora; dicionário; meio ambiente; texto; documentação; memória; total; documento; obras; trabalho; editor; pacto de; traço; educação de; padrões; tradução; ensino; periódicos; vida; escola de; poética; vocal; escolhas; processo.

A segunda categoria é constituída de **ações** que podem ser realizadas com o constructo qualidade: aferir; certificar; medir; alcançar; controlar; melhorar; alterar; descrever; mensurar; analisar; desenvolver; observar; aperfeiçoar; determinar; obter (ganhos de); apresentar; diminuir; pactuar; aprimorar; discutir sobre; pré-definir; assegurar; elevar; projetar; assumir um pacto; garantir; recuperar; atribuir; gerir; refinar; aumentar; ignorar; revelar; avaliar; investigar; validar; buscar; julgar; verificar; caracterizar.

A terceira categoria é formada pelos **constituintes** que são “componentes” do construto “qualidade”: barreiras; fatores coadjuvantes; patamares;

critérios; grau; perfil; normas; fatores; desempenho; ideais; problemas; dimensões; indicadores; programa; facetas; níveis; requisitos; fator de_; padrão.

E por fim, a quarta categoria, formada pelos termos que designam **gradação**. Em torno desse eixo reunimos o que emergiu do corpus na forma de expressões que designam níveis ou “gradações” de qualidade. Os achados foram os seguintes: “com qualidade”; extrema; nenhuma; “de qualidade”; grande; nível inferior; “standard”; inata; normal; alta; inferior; notável; baixa; insatisfatória; questionável; boa; má; semelhante; desejada; maior; suficiente; duvidosa; melhor; superior. Esses adjetivos corroboram a ideia de que qualidade é algo gerenciável.

Concluimos, portanto, que o termo “qualidade” apresentou uma alta variação no uso no corpus de estudo, combinando-se com muitos termos que indicam objetos e ações, constituintes e gradações.

4.9 Frequência do termo “*Translation Quality Assessment*” (TQA)

Apesar do pioneirismo de J. Holmes, o termo “*Translation Criticism*” convive atualmente com outras denominações, indicando, segundo a opinião de Thelen (2008, p. 412, tradução nossa), “[...] que não há consistência terminológica em relação à medição da qualidade das traduções [...]”⁶⁵. Conforme esse autor a variedade de denominações é uma decorrência da variedade de focos que o procedimento de avaliação pode ter: o tradutor, o processo de tradução ou o produto; cada um suscitando nomes diferentes. Cotejando as quantidades de “hits” levantados por Thelen (2008) com a quantidade de “hits” levantados nesta pesquisa em 2020 e 2022 (ver Tabela 2 a seguir), chegamos a duas conclusões: 1^a) permanece, em 2020 e 2022, a grande variedade de termos que disputam posições no campo da crítica de tradução, sugerindo a continuidade do estado de inconsistência terminológica apontado por Thelen em 2008. 2^a) A partir do seu estudo, Thelen concluiu que o termo *Translation quality assessment* era, em 2008, o mais frequente dentre aqueles utilizados exclusivamente na área de Estudos da Tradução. Cotejando esses dados com os dados de 2020 e 2022, concluimos que o dito termo não somente continua sendo o mais frequente, como também parece ter se consolidado como representativo desse campo de estudo. A análise do texto de referência de Juliane House (HOUSE, 2015) utilizando abordagem de Linguística de

⁶⁵ “From the literature and from the Internet it becomes clear that there is no terminological consistency regarding the measurement of the quality of translations in either situation, i.e. professional practice and training” (THELEN, 2008, p. 412).

Corpus (experimento e resultados descritos a seguir) veio reforçar esse resultado. Ele indicou que o termo *Translation Quality Assessment* é praticamente o único termo utilizado pela autora, tendo sido citado 106 vezes. Os demais termos não foram citados no texto de referência, à exceção dos termos “*translation evaluation*”, “*translation criticism*” e “*translation analysis*”, empregados 22, seis e uma vez, respectivamente (ver coluna 4 da Tabela 3 abaixo). O termo *Translation Criticism*, apesar da alta frequência, não foi considerado por Thelen, porque foi encontrado em outras áreas que não a área de Tradução.

Tabela 3 – Quantidade de ocorrências por termo

Seq	Termos	Col. 1 - Qt. ocorrências em 2008 (Google)	Col. 2 - Qt. ocorrências em 1/2020 (Google)	Col. 3 - Qt. ocorrências em 2/2022 (Google)	Col. 4 - Qt. oc. no texto de referência de Juliane House
1	Translation quality assessment	632	87.000	97.700	106
2	Translation quality control	550	51.600	80.900	0
3	Translation assessment	531	32.700	33.500	0
4	Translation quality assurance	437	56.500	80.200	0
5	Translation quality evaluation	84	15.300	17.500	0
6	Translation quality measurement	55	7.800	5.020	0
7	Translation quality analysis	30	3.800	6.260	0
8	Translation assurance	29	2.720	2.530	0
9	Translation quality criticism	0	195	6	0
10	Translation measurement (*)	447	11.400	89.100	0
11	Translation control (*)	14600	390.000	227.000	0
12	Translation evaluation (*)	6620	103.000	108.000	22
13	Translation criticism (*)	827	57.800	56.100	6
14	Translation analysis (*)	7740	136.000	125.000	1

(*) Termos não considerados no estudo porque foram encontrados em outras áreas.

Fonte: Elaboração própria do autor.

Na Tabela 3, a coluna “termos”, transcrita de Thelen (2008), apresenta as denominações dos termos e nas colunas 1, 2 e 3, suas respectivas frequências obtidas por meio de busca na Internet utilizando o motor de busca *Google*. A coluna 1 foi retirada de Thelen (2008), e as colunas 2 e 3 foram elaboradas pelo autor desta pesquisa usando o mesmo motor de busca Google em janeiro de 2020 e fevereiro de 2022, respectivamente. A coluna 4 foi elaborada a partir da análise do texto de referência utilizando as mesmas técnicas de Linguística de Corpus. Com base nesses dados concluímos que 1) a “falta de consistência terminológica” ainda prospera, sobretudo no

escopo da internet, mas 2) o termo *Translation Quality Assessment* continua sendo o mais utilizado nesse ambiente e 3) é o mais frequente na obra de referência de Juliane House para designar a avaliação da qualidade em tradução.

4.10 Frequência dos termos “*quality*” e “*Translation Quality Assessment*” (TQA) na obra de referência de Juliane House

O terceiro experimento utilizando a Linguística de Corpus foi realizado com o objetivo de analisar o perfil da frequência com que o termo “*translation quality assessment*” e o termo “*quality*” apareciam na obra de referência de House (2015) e depreender o significado desse resultado. Algumas telas de saída do AntConc encontram-se no Apêndice C. Com relação ao primeiro termo, “*translation quality assessment*”, já dispúnhamos de resultados anteriores (os números de Thelen e a replicação da sua experiência realizada no ambiente da Internet) indicando ser este o termo mais recorrente para designar o campo da avaliação da qualidade em tradução. Teria Juliane House, na sua obra de referência (HOUSE, 2015), reverberado esse resultado? Certamente. Na obra de referência, House faz uso de somente quatro expressões diferentes para em 135 ocasiões se referir ao campo semântico da avaliação da qualidade em tradução (Tabela 3, coluna 4). O escrutínio do corpus resultou nos seguintes números: em primeira posição, com 106 ocorrências, isto é, em 78,5% das situações, a autora empregou justamente o termo “*translation quality assessment*”. Em segundo lugar, mais frequente, aparece o termo “*translation evaluation*”, com 22 ocorrências (16,3%), seguido de “*translation criticism*”, em terceiro lugar, com seis ocorrências (4,4% dos casos), e por fim, em quarto lugar, o termo “*translation analysis*”, com uma ocorrência (0,8% dos casos). O alinhamento verificado entre os resultados de Thelen e os dados empíricos retirados de House (2015) oferecem ao pesquisador desse campo a garantia de que “*translation quality assessment*” é o termo mais representativo do campo de avaliação da qualidade em tradução e, portanto, o mais indicado a aparecer – dada sua abrangência semântica – como argumento de busca nas bases bibliográficas.

Já o termo “*quality*” apareceu 168 vezes no texto de referência de Juliane House (2015), dos quais 106 dentro de uma mesma estrutura, o termo “*translation quality assessment*”. Isto quer dizer que em 63,10% dos casos ele ocorreu de forma “encapsulada”, como parte de uma estrutura coesa, estável e solidária, delimitando o mesmo campo semântico, e que somente 36,90% (62) das ocorrências

ocorreram “fora desse contexto”, versando sobre aspectos outros. A aproximação desse resultado com outros resultantes da análise do termo “*translation*” e do termo “*assessment*” aporta novos elementos conclusivos: o termo “*translation*” apareceu 1.046 vezes no texto em referência, dos quais 106 dentro da mesma estrutura “*translation quality assessment*”, e 940 fora dessa estrutura. Ou seja, em 10,10% dos casos somente ele ocorreu de forma “encapsulada”, e em 89,90% de forma livre. Os números relacionados com o termo “*assessment*” são, assim como “*quality*”, igualmente modestos, comparativamente aqueles do termo “*translation*”: ele apareceu 125 (contra 168 do termo “*quality*” e 1.046 do termo “*translation*”) vezes, dos quais 106 (84,80%) dentro da estrutura “*translation quality assessment*”, e somente 16 (15,20%) fora desse contexto.

Tabela 4 - Quantidade de ocorrências dos termos *translation*, *quality* e *assessment*

Tipos de ocorrência	Translation		Quality		Assessment	
1) Qt. de ocorrências do termo	1.046		168		125	
2) Qt. de ocorrências do termo em TQA	106	10,10%	106	63,10%	106	84,80%
3) Qt. de ocorrências fora do termo TQA	940	89,90%	62	36,90%	19	15,20%

Fonte: elaboração própria do autor.

Considerando a frequência absoluta (linha 1), chega-se à conclusão da existência de dois perfis de ocorrência distintos entre os termos empregados por House: num extremo encontra-se o termo “*translation*”, muito frequente, muito citado, e em outro extremo os termos “*quality*” e “*assessment*”, pouco frequentes, pouco citados. Os números constantes da linha 3 acrescentam ainda a ideia de que o termo “*translation*” foi objeto de mais considerações livres (89,90%), fora do contexto TQA, do que os termos “*quality*” e “*assessment*”. Esses números podem estar relacionados com a estratégia da autora, que optou por articular o texto em torno do termo “*translation*” relegando a um segundo plano os outros dois termos “*quality*” e “*assessment*”. O principal resultado desta análise é que o conceito de “qualidade” (e “avaliação”) ocupa de fato pouco espaço no texto em referência. Essa constatação nos permite indagar por que tal tratamento foi dispensado ao conceito? Seria o conceito de qualidade considerado um conceito simples, por demais óbvio, que não precisasse de maiores considerações? (o mesmo se aplicando ao termo “*assessment*”). Estaria a autora

reduzindo os três problemas (T, Q, A) remanescentes de um problema TQA a um único problema?

4.11 Imprescindibilidade do texto original

Todo processo de avaliação é também um processo de medida (ou contagem), e todo processo de medida/contagem requer, dentre outros, referenciais de comparação⁶⁶. No modelo de House o texto de partida é tomado como referencial do processo de avaliação. Essa estratégia impede a aplicação do método de House em casos em que é verificada a impossibilidade de acesso ou mesmo a inexistência do texto original, como no caso dos historiadores que lidam com traduções antigas.

4.12 Princípio do 3º Incluído

Na esfera do mercado de bens, serviços e informação, o cliente tem a palavra final na relação de consumo. Desse fato decorre o estabelecimento de inúmeras estratégias visando inseri-lo no sistema de troca na qualidade de “testador” do que será, do que está sendo e do que foi negociado. A natureza desse mercado assim o permite. No caso do mercado de traduções não se passa assim. O cliente que solicita uma tradução é porque – em tese – não tem conhecimento de, pelo menos um, idioma envolvido no processo, impossibilitando-o, por consequência, de julgar, ele mesmo, a qualidade do produto final. Essa condição configura a necessidade de incluir no processo avaliativo um terceiro elemento a quem confiar esse papel.

⁶⁶ Esse tema é pertinente aos elementos A e QA da pirâmide conceitual TQA, portanto, fora do escopo do presente trabalho.

Um resultado da maior importância obtido pelos pioneiros da qualidade foi a descoberta de que um produto pode ser indefinidamente melhorado seguindo, repetidamente, um ciclo de quatro etapas: planejamento (P), execução (D), checagem (C), ação⁶⁷(A). Este relatório, - espelho das ações efetuadas até aqui -, apresentou nas seções precedentes elementos majoritariamente, pertencentes à primeira e segunda etapas, planejamento e execução. Agora é hora de “avaliar” e de “agir”, foco do presente capítulo. A semântica do primeiro verbo (checar) nos impele a fazer uma espécie de “balanço” do que realizamos até agora, comparativamente ao objetivo inicial estabelecido de problematizar o conceito de qualidade em House. O segundo verbo (agir) nos convida a apontar “desdobramentos futuros” como continuação e melhoria do que foi realizado até então. Um e outro, nessa ordem, são apresentados a seguir. Finalizamos este capítulo com algumas pequenas dificuldades encontradas pelo caminho. Iniciemos pelo “check”.

Alguns resultados intermediários já foram apresentados nos capítulos anteriores. Resumidamente chegamos à conclusão que o conceito de qualidade em House incide no produto tradução; que esse fato acarreta limitações ao processo de avaliação uma vez que só pode ser aplicado *a posteriori* e não preventivamente (incidindo sobre o processo de produção da tradução); que por incidir no produto tradução já pronto, o método de House se alinha aos métodos de “inspeção” mais do que aos métodos de gestão (da qualidade); que ele toma o texto de partida como referencial/modelo; que esse fato não é sem consequências uma vez que a dependência do texto de partida impossibilita a aplicação do método em situações onde o texto original não existe (como pode ocorrer entre historiadores que necessitam se certificar de traduções cujos originais se perderam, por exemplo) ou não é considerado. Também tivemos a oportunidade de reunir resultados que infirmaram a hipótese da transparência (H1) e a hipótese da irrelevância (H2) do conceito de qualidade no contexto TQA. Esses resultados, dentre outros, são na sua maioria características manifestas do conceito. Porém, a pergunta inicial da pesquisa aguarda resposta também de outra natureza, algo

⁶⁷ O ciclo PDCA (plan-do-check-action) foi idealizado e concebido na década de 1920 pelo estatístico Walter Andrew Shewhart (1891-1967) e popularizado na década de 1950 por outro também estatístico, William Edwards Deming (1900-1993). A colocação em prática desse dispositivo encerrou a primeira fase de “inspeção” da qualidade e deu início à segunda fase caracterizada pelo controle estatístico de qualidade.

mais sobre a “essência” do conceito, ou seja, sobre o que lhe é inerente (no sentido aristotélico do termo), e quem nos responde é a própria autora a partir do conjunto de suas manifestações na obra de referência (HOUSE, 2015). Como demonstrando no item 2.5 deste relatório, qualidade para House é equivalência e equivalência é qualidade (**qualidade = equivalência**, aqui denominada “**equação de House**” ou, usando o simbolismo habitual, **Q = E**). O conceito de qualidade em House está apoiado em dois pilares: 1º) o paradigma da equivalência que concebe uma tradução como o resultado de uma operação de recontextualização de um texto original em outra língua e 2º) a natureza eminentemente linguística-textual do conceito. Se por um lado tais características moldam e conferem ao modelo de House qualidades próprias, por outro lado o limitam, principalmente, quando comparado ao rico e amplo paradigma da qualidade. Assumir como “de qualidade” uma tradução com base na sua semelhança com o texto original, no máximo indica algo sobre o desempenho do processo de tradução e muito pouco sobre a finalidade/uso da tradução (qualidade como “adequação ao uso”). Esta é uma, dentre outras críticas que o paradigma da equivalência recebe, frente a questão da qualidade. O viés eminentemente linguístico do modelo de House também é outro fator relevante para uma abordagem da qualidade em tradução. A escolha do viés linguístico restringe o campo de análise deixando de fora vários aspectos tratados por uma abordagem focada na qualidade. Concluímos assim que o modelo de House quando se fundamenta no paradigma da equivalência e adota o viés textual-linguístico de análise, restringe e limita o paradigma da qualidade.

A realização desta pesquisa foi acompanhada de uma expectativa de continuidade na forma de desdobramentos dos resultados já obtidos. As primeiras sete propostas (de um total de dez) de prolongamentos apontados a seguir, foram concebidos tomando como base o principal componente conceitual da pesquisa, a pirâmide conceitual PC-TQA.

1 A estrutura conceitual PC-TQA foi utilizada como a base de orientação das incursões no terreno da TQA. Como um farol, ela nos serviu até aqui para indicar as relações inter e intra níveis possíveis entre os conceitos e delimitar a fronteira da região na qual se inseria o problema em foco (problematização do conceito de qualidade em House). Considerando sua importância nesse contexto achamos que a estrutura em referencia deve ser robusta e consistente para assim garantir conclusões produtivas e verdadeiras. Desse modo, dada sua grande relevância na sequencia dos raciocínios

apresentados, avaliamos que a pirâmide PC-TQA deve ser exposta à crítica e ao debate com o objetivo de melhorar sua estrutura.

2 A reflexão realizada em torno do elemento (C) conduziu ao importante e produtivo resultado de que qualidade (Q) é um tipo de substância 2ª. Essa reflexão foi conduzida seguindo os princípios da obra *Categorias* de Aristóteles. No entanto, considerando sua profundidade e amplitude, e sobretudo a existência de ensinamentos que não foram até aqui considerados, pregamos o aprofundamento dessa obra como meio de assimilação do conceito de qualidade em tradução.

3 O elemento (Q) é considerado o centro de massa da estrutura conceitual PC-TQA. Além disso é o elemento que permite se efetuar a comparação funcionando como polo de referencia (tomado por meio do seus preceitos) no processo comparativo. Neste trabalho fizemos uso de “preceitos” identificados e isolados a partir de consulta à bibliografia correlata. No entanto, achamos que seria de bom proveito se reunir esses resultados compondo um único paradigma, o paradigma da qualidade. Avaliamos que a explicitação de um tal estrutura favoreceria a avaliação de outros paradigmas da tradução (paradigma da equivalência, paradigma do propósito, etc.) vis-à-vis a questão da qualidade.

4 O elemento (TQ) foi objeto de reflexões iniciais conduzidas pela via histórica. O período de observação, no entanto, cobriu somente os primeiros anos após a criação da FIT principalmente os acontecimentos em torno do III Congresso de Bad. Propõe-se aqui a continuação dessa atividade alargando o período de observação até os dias atuais.

5 Elaborar reflexão sobre o elemento conceitual QA. Segundo nosso entendimento, a avaliação da qualidade é o segundo subproblema no qual se subdivide um problema tqa (o outro é TQ). O método de Juliane House não faz tal distinção, tratando todos os subproblemas “em bloco”. No entanto, avaliamos que além do tratamento em separado, uma reflexão de QA pela via quantitativa (em vez de qualitativa, somente) realizada de forma objetiva (em vez de subjetiva, somente) pode trazer algum benefício ao debate da TQA.

6 Dar início a um processo de reflexão do elemento conceitual T do ponto de vista da qualidade (Q). Um dos principais resultados obtidos por Juliane House (1997, p. 1) consiste na afirmação de que “diferentes visões de tradução levam a

diferentes concepções de qualidade e a diferentes maneiras de avaliá-las”. No entanto, esse exercício de análise das teorias e paradigmas de tradução do ponto de vista da qualidade é raramente visto nas pesquisas de tradução.

7 Dar início a um processo de reflexão do elemento conceitual A. A ideia desse prolongamento consiste em visitar métodos e estatísticas provenientes da Estatística (muitos deles utilizados na Psicologia) avaliando sua adoção no contexto da TQA. Neste prologamento adotamos como premissa o princípio de que a quantificação é um meio de transformar processos subjetivos em processos objetivos.

8 Um dos resultados a que chegaram os congressistas de Bad foi que tradução técnica difere substancialmente da tradução literária do ponto de vista da avaliação de suas qualidades. Indo mais adiante fazemos a hipótese de que esses dois ramos da tradução procedem e se alinham a paradigmas tradutórios diversos do ponto de vista da qualidade. Quais?

9 Apesar de importante, o tema da qualidade em tradução é pouco presente na maioria dos currículos escolares superiores de tradução e pouco debate se faz na Academia sobre o tema. A ideia desse prolongamento é elaborar um rol de iniciativas visando reaquecer o debate em torno da questão da qualidade em tradução.

10 Um dos resultados do nosso trabalho indica que o congresso de Bad deixou um rico legado para os estudos da qualidade em tradução. No entanto, este tesouro é pouco explorado. Pouco se fala em Bad. A proposta desse prologamento consiste em resgatar e compilar as intervenções e pronunciamentos dos congressistas e dos cerca de cem respondentes da enquete aplicada como preparação do evento.

Uma das principais características do presente trabalho reside na sua natureza interdisciplinar. Tal fato, se por um lado enriquece a reflexão considerando a quantidade de novas e ricas possibilidades de solução que se abrem provenientes de disciplinas afins como a matemática, a filosofia, a administração, a teoria do conhecimento, a lógica e outras, por outro se apresenta como um dificultador uma vez que nem sempre é evidente determinar a profundidade e a amplitude com que essas contribuições externas devem ser apresentadas ao leitor. A solução por nós adotada contou precipuamente com o emprego de (poucas) digressões e, sobretudo, (muitas) notas de rodapé que entrecortaram, indesejavelmente, o texto dificultando a fluidez e quebrando o ritmo de leitura do leitor. Outra ordem de dificuldades e (ao mesmo tempo)

virtudes, mas agora muito mais complexas, são aquelas relacionadas com a própria essência do conceito de qualidade. Enquanto ente multifacetado, pertinente a praticamente todos os seguimentos da vida ele oferece inúmeras, e por que não dizer, incontáveis ângulos de ataque. Essas características se por um lado enchem os olhos do pesquisador, por outro exigem dele um rigoroso esforço na demarcação de fronteiras que delimitem seu campo de observação. As dificuldades se avolumam sobremaneira quando o objeto de estudo é portador de um nível de complexidade igual ou maior como no caso as traduções

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES; *Categorias*; Instituto Piaget, Lisboa, 2000. Introdução, tradução e apêndices de Maria osé Figueiredo.

BARILE, João Pombo. Agenor Soares de Moura – Tradutor. **Minas Gerais** – Suplemento Literário, Belo Horizonte, UFMG, v. 38, n. 1.268, p. 8-11, maio/2004. Disponível em: www.letras.ufmg.br/websuplit/buscca.php?. Acesso em: 27 jun. 2020.

BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (Org.). **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução**. São Paulo: Parábola, 2007.

BÉGOU, Geneviève. -Éditorial. **Traduire** – Revue Française de la Traduction, La qualité em perspective, n. 215, p. 3-4, 2007.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da Realidade**. São Paulo: Cultrix, 2003.

BOTELHO, Cristina; FERREIRA, Luciana Cavalcanti. Crítica literária: conceito e evolução. **Travessia**, ano 12, p. 11-23, 2010. Disponível em: www.facho.br/downloadDoc.php?d=arqArtigo&f=travessia2010... Acesso em: 10 maio 2016.

BRANDÃO, Paulo Baqueiro. Velhas aplicações e novas possibilidades para o emprego do método comparativo nos estudos geográficos. **GeoTextos**, v. 8, n. 1, p. 167-185, jul. 2012.

BRITO, Adriano Naves de Brito; *Nomes próprios: semântica e ontologia*; Ed. Universidade de Brasília, 2003.

BRITTO, Paulo Henriques. É possível avaliar traduções?. **Tradução em Revista**, 10.17771 / PUCRio. **TradRev.**, v. 11083, n. 4, ano 2007.

BRITTO, Paulo Henriques. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. **EUTOMIA** - Revista de Literatura e Linguística, Recife, v. 20, n. 1, p. 226-242, dez. 2017.

BRUNETTE, Louise. Des critères subjectifs aux critères normatifs – Quelques jalons dans l’histoire de la qualité em traduction. **Magazine Circuit** (Québec), n. 133, printemps 2017.

CANCIO⁶⁸, Carmelo. La qualité fait vendre. Mais comment vendre la qualité?. **Traduire** – Revue Française de la Traduction, n. 215, 2007. La qualité em perspective.

CARY, Edmond; JUMPELT, R. W. (Ed.). Proceedings of the III International Congress on Translation (FIT). In: **La qualité em matière de trraduction** – Actes du Congrès International de la Traduction; Quality in Translation – Proceedings of the International Congress on Translation. Local: Pergamon Press Inc, 1963.

⁶⁸ Tradutor e professor associado da Universidade Toulouse II – Le Mirail.

CARY, Edmond. La traduction dans le monde moderne. **Le Courrier de l'Unesco**, p. 9-11, avr. 1958.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

CROSBY, Philip B. **Qualidade é investimento**. Tradução de Áurea Weissenberg. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

DÉCARIE, Véronique. À prendre ou à laisser... ou en prendre et en laisser?. **Circuit** – Magazine d'information sur la langue et la communication, Québec, n. 44, juin. 1994.

DELISLE, Jean. L'évaluation des traductions par l'historien. **Meta**, v. 46, n. 2, p. 209-226, 2001.

FERNANDES, Maria das G. M. et al. Análise conceitual: considerações metodológicas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 6, p. 1150-1156, nov-dez. 2011.

FIORIN, José Luiz; Introdução ao pensamento de Bakhtin; São Paulo, Ed. Contexto; 2017.

FUSER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GARVIN, D. A. **Gerenciando a Qualidade**: a visão estratégica e competitiva. Tradução de João Ferreira Bezerra de Souza. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.

GIRIN, Jacques. Acts du Séminaire “*Contradictions et dynamique des organisations CONDOR*”. Centre de Recherches em Gestion; École Polytechnique – **Cahiers** n° 2 et n° 5; Mai 1989.

GOLAY, Philippe. TradEuras – La qualité pour une agence de traduction suisse. **Traduire**, La qualité en perspective, Revue Française de la Traduction, n. 215, 2007.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra, Portugal: Ed. Arménio Amado 1980.

HOUAISS, Antonio. Dicionario Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUSE, Juliane. **Translation quality assessment**: past and present. London; New York: Routledge, 2015. 160p.

HOUSE, Juliane. **Translation quality assessment**: a model revisited. Tübingen: Narr, 193p. 1997.

INMETRO. Vocabulário Internacional de termos fundamentais e gerais de metrologia, VIM. 2. ed. Brasília, SENAI/DN, 2000. 75p. Disponível em <<http://www.cpdee.ufmg.br/~palhares/Vim.pdf>> Acesso em 01 agosto 2022.

- ISER, Wolfgang. A interação do Texto com o Leitor. In: LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.
- JEAN, Claude. La qualité em traduction professionnelle. **Circuit** – Le magazine d’information des langagiers, Québec, n. 133, printemps 2017.
- JURAN, J. Juran. **Planejando para a Qualidade**. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira, 1992.
- KAINDL, Klaus. Crítica de Tradução. **In-Traduções**, ISSN 2176-7904, Florianópolis, v. 4, n. 6 p. 180-189, jan./jun. 2012. Tradução de Marcus Tullius Franco Morais e Nestor Alberto Freese.
- KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, FGV, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.
- LAROSE, Robert, Méthodologie de l’évaluation des traductions. *Meta*, 43(2), 163 – 186. doi: 10,7202/003410ar, 1998.
- MALTA, Gleiton; MAIA, Kátia Fabiana Chaves. Mapa Brasileiro dos Estudos da Tradução Espanhol<->Português. (*forthcoming*).
- MALTA, Gleiton; TEIXEIRA, Elisa Duarte. Estágio supervisionado de tradução junto ao projeto “Tradução e internacionalização”: proposta e resultados preliminares. In: PEREIRA, Germana Henriques; COSTA, Patrícia Rodrigues; D’ÁVILA, Rodrigo Braga Silva (Org.). *Formação de tradutores: desafios da sala de aula*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. (Coleção Estudos da Tradução, v. 9). p. 121-141.
- MARNAT, Sophie. Qu’est-ce qu’un bon traducteur pour l’unité française de traduction d’une institution financière internationale?, La qualité en perspective, **Traduire** - Revue Française de la Traduction, n. 215, p. 40-42, 2007.
- MAZETTO, Francisco de Assis Penteado. Qualidade de vida, qualidade ambiental e meio ambiente urbano: breve comparação de conceitos. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 12, n. 24, p. 21-31, jul./dez. 2000.
- MILTON, John; Tradução: teoria e prática, 3ª ed. São Paulo; Ed. Martins Fontes, 2010.
- MOHÁCSI-GOROVE, Anna. Évolution de la notion de qualité. **Circuit** – Le magazine d’information des langagiers, Québec, n. 122, printemps 2014.
- MUNDAY, Jeremy. **Introdução aos estudos de Tradução** – teorias e aplicações. Edições Pedagogo, 2012.
- NASCIMENTO, Lúcia de Almeida e Silva. Assessment of the quality of contract translations. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 1, p. 321-334, 1996.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Org.). **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **D.E.L.T.A: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 19, n. 3, p. 1-25, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38322>. Acesso em: 6 maio 2022.

PELLISER, Elena. Le management de la qualité, facteur et vecteur de confiance. **Traduire** - Revue Française de la Traduction, n. 215, p. 5-13, 2007. La qualité em perspective.

POIRIER, Éric. Entre comparaison et raison: la qualité de la traduction automatique. **Circuit** – Le magazine d’information des langagiers, Québec, n. 133, printemps 2017.

PRONKO, Marcela. **A comparação como ferramenta de conhecimento e os processos de integração supranacional**: desafio para as Ciências Sociais. Seminário Internacional “Políticas Públicas de Trabalho e Renda na América Latina e no Caribe”, 2002, Seminário 23/09/2002, Brasília.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

QUAYLE, Alison. De l’intérêt de la langue maternelle. **Traduire** – Revue française de la traduction, n. 215, 2007 La qualité en perspective.

RÉMILLARD, Judith. Évaluation de la qualité de la TA: um exercice aux multiples facettes. **Circuit** – Magazine d’information sur la langue et la communication, Québec; n. 133, printemps 2017.

ROSCOE-BESSA, Cristiane et al. Entrevista com Juliane House, **Belas Infiéis**, v. 1, n. 1, p. 223-228, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11175/9828>. Acesso em: 03 agosto 2022.

RUANO, José Tomás Conde. **Cuestiones sobre evaluación de traducciones**. Universidade de Granada (2005).

SANTOS, Bruna Colombo dos; NETO, Marcus Bentes de Carvalho. Comparação de conceitos e processos nos Behaviorismos de Kantor e Skinner. **ReBAC**, Revista Brasileira de Análise do Comportamento, 2021, n. 1, v. 17.

SANTOS, Miriam; *Cadernos de Tradução*, vol. 2 n, 14, 2004.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SILVA, Rafael Ferreira da; SOUSA, Bill Bob Arinos Lima e. Funcionalismo tradutório: implicações teóricas e práticas. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 51-63, jan./abr. 2018.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 133-188.

THELEN, Marcel. Translation Quality Assessment or Quality Management & Quality Control of Translation? **Translation and Meaning**, v. 8, p. 411-424, 2008.

TOLEDO, José Carlos de... [et al]; **Qualidade: Gestão e Métodos**, Rio de Janeiro: LTC, 2013.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map – A Beginner's Guide to Doing. Research in Translation Studies**, Routledge, 2014.

APÊNDICE A – Títulos dos artigos que compõem o corpus utilizado no mapeamento preliminar do termo “qualidade” (item 4.8 do relatório)

Periódico: *Belas Infieis* (4 artigos)

- BI - 1 - Desmistificando a intraduzibilidade da terminologia jurídica
- BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua de sinais na mediação da avaliação clínica em serviços de saúde mental
- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre as décadas de 1930 e 1960
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhecer a profissão

Periódico: *Cadernos de Tradução* (UFSC) (17 artigos)

- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. *O Grande Gatsby*. Tradução de Vanessa Bárbara. São Paulo Companhia das Letras, 2011. 249 p.
- CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação política
- CT - 4 - O Ethos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio
- CT - 5 - Controlo de qualidade na tradução
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura brasileira
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de *De joodse messias* de A.Grunberg - transculturalidade da ironia.
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Dosse, Gian Luigi de Rosa e Michael Kegler
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à polarização fidelidade vs. *différance* nos estudos da tradução.
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros iluminados de William Blake - um impasse para a tradução
- CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de softwares.
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossários.
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - III. Final da Idade Média e Renascimento.
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos *Cadernos de Tradução* da Universidade Federal de Santa Catarina
- CT - 17 - Tradução em Francês - um Conto de Machado de Assis

Periódico: *DELTA* (PUC/SP) (10 artigos)

- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados da primeira fase de um estudo longitudinal sobre a aquisição da competência tradutória
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidade vocal e suas correlações aos planos da acústica e da fisiologia
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia - metáforas Verbo-Visuais
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicionários bilíngues gerados por transitividade
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português

DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - identificação e avaliação dos resultados da sua implementação na qualidade dos textos que os alunos produzem
DELTA - 7 - O Ensino de Línguas para crianças no contexto educacional brasileiro - breves reflexões e possíveis provisões
DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e voutre
DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos produzidos em contexto acadêmico
DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula

Periódico: *Domínios da Lingu@gem* (UFU) (9 artigos)

DL - 1 O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o ensino de língua estrangeira
DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da experiência em tarefas de resumo e tradução - um estudo exploratório-experimental
DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérprete - considerações pedagógicas
DL - 4 - Linguagem e poder - uma análise da inserção do falar dos meninos do tráfico em diversas práticas comunicativas
DL - 5 - Tradução e Terminologia
DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores - representações no tocante ao ensino de espanhol no Brasil
DL - 7 - O léxico sob perspectiva - contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas
DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por anglofalantes na pronúncia do tap alveolar no português brasileiro
DL - 9 - Competência Tradutória

Periódico: *Letras e Letras* (UFU) (2 artigos)

LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico
LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para surdos e ensurdecidos

Periódico: *TradTerm* (CITRAT/USP) (131 artigos)

TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de traduções no âmbito da didática
TRADTERM - 2 - Avaliando Traduções
TRADTERM - 3 - Anatomia do Legender_ examinando a tradução colaborativa em Grey's Anatomy
TRADTERM - 4 - Tradução e adaptação transcultural de instrumentos de avaliação em Fonoaudiologia para o português brasileiro - uma análise das diretrizes
TRADTERM - 5 - As partes e o todo_ possíveis efeitos dos sistemas de memórias de tradução na produção do tradutor em formação
TRADTERM - 6 - O discurso terminográfico na obra *De Medicina Brasiliensi* (1648), de Guilherme Piso

TRADTERM - 7 - Google Tradutor - Análise de Utilização e Desempenho da Ferramenta

TRADTERM - 8 - Interpretação automática ou tradução automática de fala_ conceitos, definições e arquitetura de *software*

TRADTERM - 9 - Mapeamento e análise de dicionários e glossários online sobre sustentabilidade e proposta de um glossário bilíngue

TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Brasileiro em Português e Inglês

TRADTERM - 11 - A importância de fatores econômicos na publicação de traduções_ um exemplo do Brasil

TRADTERM - 12 - Panorama da interpretação em contextos médicos no Brasil_ perspectivas

TRADTERM - 13 - Análise da segmentação linguística nas legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) do filme *Virada Radical*_ estudo baseado em *corpus*

TRADTERM - 14 - Dos Classics Illustrated à Edição Maravilhosa - Victor Hugo entre textos e paratextos (1949-1959)

TRADTERM - 15 - O perfil de tradutores de textos especializados atuantes no mercado brasileiro

TRADTERM - 16 - Análise da tradução de colocações adverbiais de *The Bad Beginning (Mau Começo)*, de Lemony Snicket, para o português, sob a luz da Linguística de Corpus

TRADTERM - 17 - O discurso do rei_ tradução e poder

TRADTERM - 18 - Alguns procedimentos de Nikolai Leskov e a dificuldade da sua tradução

TRADTERM - 19 - A tradução intersemiótica de Hamlet para os quadrinhos_ o solilóquio “Ser ou não ser”

TRADTERM - 20 - O problema das figuras da tradução

TRADTERM - 21 - Tardio, porém viçoso_ Poe contista no Brasil

TRADTERM - 22 - Um painel sobre as obras de Jack Kerouac traduzidas no Brasil na década de 1980

TRADTERM - 23 - Por que ler Jorge Amado em russo_ a cultura soviética revelada na tradução de Gabriela

TRADTERM - 24 - Poder e fidelidade na interpretação

TRADTERM - 25 - My Fair Trade_ a introdução e algumas das notas de uma nova tradução do Pigmalião, de G. B. Shaw

TRADTERM - 26 - Quality standards in dubbing_ a proposal

TRADTERM - 27 - Tradução e adaptação de mangás_ uma prática linguístico-cultural

TRADTERM - 28 - O perfil do Tradutor Público e Intérprete Comercial_ um estudo sobre competências tradutórias

TRADTERM - 29 - Conferências como âmbito de atuação de intérpretes de Libras- Língua Portuguesa do Brasil_

TRADTERM - 30 - Histórias em quadrinhos_ imagem e texto em tradução

TRADTERM - 31 - Equivalência e definição no Dicionário Bilíngue Português- Mundurukú da área do Magistério_ contribuindo para a epistemologia terminológica e terminográfica

TRADTERM - 32 - A voz dos tradutores shakespearianos em seus paratextos

TRADTERM - 33 - Tecnologias de tradução_ implicações éticas para a prática tradutória

TRADTERM - 34 - Discurso sobre tradução_ aspectos da configuração identitária do tradutor

TRADTERM - 35 - Tradução e Engajamento Político_ o caso de Carlos Lacerda
TRADTERM - 36 - Resenha - Voice-over Translation an Overview
TRADTERM - 37 – Apresentação
TRADTERM - 38 - Resenha Traduzir a canção
TRADTERM - 39 - Glossário – Termos do Modelo de House de avaliação de traduções para tradutores e estudiosos da tradução
TRADTERM - 40 - Os dicionários jurídicos bilíngues e o tradutor - dois binômios em Direito Contratual
TRADTERM - 41 - Investigações sobre a construção do fitônimo CAPOEIRA_ aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas
TRADTERM - 42 - Linguística de Corpus e Tradução Técnica - Relato da montagem de um corpus multivarietal de culinária
TRADTERM - 43 - Sobre o tradutor, a tradução e a empresa_ La traducteur, la traduction et l'entreprise, Daniel Goudac
TRADTERM - 44 - Uma investigação baseada em corpus sobre padrões de estilo de um tradutor literário relacionados ao conectivo that_zero e a formas fixas e semifixas, observados em Discovering the World
TRADTERM - 45 - Pergunta se macaco quer banana! Breve análise de frases feitas jocosas_ estudo da língua em uso com o auxílio da Lingüística de Corpus
TRADTERM - 46 - Descrição da tradução para o português de marcas de oralidade no romance Les Fleurs Bleues, de Raymond Queneau
TRADTERM - 47 - Adaptação transcultural na tradução do questionário “Quality of Life in Swallowing Disorders (SWAL-QOL)” para o português do Brasil
TRADTERM - 48 - Fatores socioculturais no ato tradutório_ um estudo de caso
TRADTERM - 49 - Uma tradução de *Crise de Verso*_ de Mallarmé_ a ótica do enigma como símbolo do texto literário
TRADTERM - 50 - Literatura universal_ a tradução na época de Goethe
TRADTERM - 51 - Apresentação do volume 29
TRADTERM - 52 - Desafios para a construção de um corpus de aprendizes de Interpretação Simultânea
TRADTERM - 53 - *Paradise Lost* em português
TRADTERM - 54 - Análise das legendas de efeitos sonoros do filme *Nosso Lar*
TRADTERM - 55 - Tecnologias da Tradução e Pedagogia Colaborativa
TRADTERM - 56 - Apontamentos de um tradutor de Tolstoi
TRADTERM - 57 - *A Grande Família* - O Filme e The Big Family - The Film - a tradução no ensino comunicativo de línguas
TRADTERM - 58 - Poéticas em conflito_ a literatura brasileira traduzida por Elizabeth Bishop no contexto das trocas culturais Brasil x EUA
TRADTERM - 59 - Avaliação de traduções - a vez e a voz do aprendiz
TRADTERM - 60 - Abordagem da variação terminológica em uma base de dados de combinatórias léxicas
TRADTERM - 61 - Valor da cooperação técnica para a produção de documentos terminológicos
TRADTERM - 62 - A Teoria Interpretativa da Tradução (Théorie du Sens) revisitada_ um novo olhar sobre a desverbalização
TRADTERM - 63 - A noção de equivalência quando se traduz marcas gramaticais_ o caso de mas e suas traduções para o francês e o inglês
TRADTERM - 64 - O escritor-tradutor_ diálogos poéticos no texto traduzido. O caso de Mario Quintana tradutor de Proust

TRADTERM - 65 - Conceptualização metafórica da anatomia em português_ artérias, veias e nervos

TRADTERM - 66 - Estratégias na tradução de onomatopeias japonesas nos mangás_ reflexões e classificação

TRADTERM - 67 - Comportamento dos termos do meio ambiente em textos de vulgarização

TRADTERM - 68 - Tradução, assimilação, resistência e discurso

TRADTERM - 69 – Apresentação

TRADTERM - 70 - Da (in)traduzibilidade_ a propósito de Paul Ricœur

TRADTERM - 71 - A atividade tradutória de obras da literatura infantil aplicada ao ensino de língua estrangeira

TRADTERM - 72 - O percurso da Terminologia_ de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma

TRADTERM - 73 - Um *corpus* de traduções juramentadas - material de pesquisa linguística, sociológica e histórica

TRADTERM - 74 - Por um dicionário bilíngue pedagógico para a leitura em língua estrangeira

TRADTERM - 75 - Imagens de um certo Brasil e redes de significância na tradução para o português de *Là où les tigres sont chez eux*, de Jean-Marie Blas de Roblès_ emergência do exótico_

TRADTERM - 76 - A retextualização interlingual de fábulas_ um estudo de caso

TRADTERM - 77 - O intérprete como produtor de sentidos_ uma análise discursiva da atividade de interpretação forense

TRADTERM - 78 - O impacto social das imagens e representações do tradutor na construção e transformação de sua identidade

TRADTERM - 79 - Giovanni Pontiero, tradutor de Saramago

TRADTERM - 80 - O estudo contrastivo português-espanhol dos idiomatismos e os falsos cognatos idiomáticos

TRADTERM - 81 - Três coleções de livros

TRADTERM - 82 - Tradução indireta_ uma prática de divulgação e enriquecimento cultural

TRADTERM - 83 - *Children's Literature in Translation_ Challenges and Strategies*, Jan Van Coillie and Walter P. Verschueren, eds.

TRADTERM - 84 - Apresentação do número temático *Quadrinhos em Tradução*

TRADTERM - 85 - Traduzir “Anecdote of the Jar”, de Wallace Stevens

TRADTERM - 86 - A Tentação de Criar no Traduzir_ uma tradução comentada de *Remembering Needleman*, de Woody Allen

TRADTERM - 87 - Tradução parcial e comentada do *Convívio* de Dante

TRADTERM - 88 – Apresentação

TRADTERM - 89 - As fronteiras entre tradução e adaptação da equivalência dinâmica de Nida à adaptação de Garneau

TRADTERM - 90 - A ética na interpretação de tribunal o Brasil no banco dos réus

TRADTERM - 91 - O léxico da série *Law and Order*_ uma análise inicial baseada em corpus paralelo

TRADTERM - 92 - Humor_ Sim. É possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo

TRADTERM - 93 - Contos de ferrovias de Dmítri Bykov_ tradução e intertexto

TRADTERM - 94 - Sobre a capacidade de análise linguística e literária como componentes da competência do tradutor

TRADTERM - 95 – Apresentação

TRADTERM - 96 - Grito Noturno__ sobre uma tradução literária ilustrada

TRADTERM - 97 - Quem é o aprendiz de tradução
TRADTERM - 98 - Fernando Pessoa e a musicalidade refletida na tradução de “Annabel Lee”
TRADTERM - 99 - Entrevista com Michaël Oustinoff
TRADTERM - 100- Apresentação ao número 31
TRADTERM - 101- Marcadores textuais de textos especializados em tradução
TRADTERM - 102- É possível traduzir poesia_ O poeta húngaro Kosztolányi, na virada do século
TRADTERM - 103- A relação entre modalidades, línguas e cultura na versão de Macunaíma para o francês
TRADTERM - 104- Questões culturais e lexicais na tradução de Ivan Turguêniev
TRADTERM - 105- Translating Institutions_ An Ethnographic Study of EU Translation, Kaisa Koskinen
TRADTERM - 106- Apresentação
TRADTERM - 107- Monitoramento de terminologia na mídia_ o Programa Mais Médicos
TRADTERM - 108- Reconhecimento de termos e marcadores de definição_ uma abordagem qualitativa
TRADTERM - 109- A buen entendedor, pocas palabras bastan_ histórico cultural e interfaces linguísticas de expressões idiomáticas e provérbios do espanhol para o português
TRADTERM - 110- As traduções do jesuíta José de Anchieta para o tupi no Brasil Colonial
TRADTERM - 111- Tradução_ Transluciferação x Transparadisação
TRADTERM - 112- Nas páginas dos jornais_ o caráter diplomático atribuído à tradução literária em meados do século
TRADTERM - 113- O (não) engajamento em traduções da literatura afro-americana no Brasil_ o caso de Filho Nativo, de Richard Wright
TRADTERM - 114- Tradução e retradução de Os Sertões de Euclides da Cunha_ Análise de duas traduções em Inglês
TRADTERM - 115- O sentido e o som_ três teorias da tradução de poesia em diálogo
TRADTERM - 116- Elogio da tradução_ uma leitura de Seu rosto amanhã, de Javier Marías
TRADTERM - 117- Tradução Uma Transparência do Tradutor
TRADTERM - 118- Aspectos do Trabalho Terminológico na Empresa
TRADTERM - 119- A tradução juramentada de documentos suíços_ resultados parciais em torno dos termos estudados
TRADTERM - 120- Variações terminológicas no campo Tradução Audiovisual_ análise dos termos legendação, legendagem e tradução de_ para legendas_
TRADTERM - 121- Conexões pouco exploradas entre escrita autobiográfica e tradução
TRADTERM - 122- As resenhas teatrais de L. S. Vygótski_ aspectos da tradução
TRADTERM - 123- A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956)
TRADTERM - 124- Uma metodologia para o desenvolvimento de Wordnets terminológicas em português do Brasil
TRADTERM - 125- Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE)_ Um estudo de recepção com surdos da região Sudeste
TRADTERM - 126- Apresentação
TRADTERM - 127- A (in)visibilidade do intérprete_ a representação de Abed em Notas sobre Gaza

TRADTERM – 128 - A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues

TRADTERM - 129- TradTerm entrevista_ Paulo Bezerra

TRADTERM - 130- A Declaração Universal Dos Direitos Do Homem –Uma questão de Língua, de Direito e de Tradução

TRADTERM - 131- Traduzindo de um cenário a outro

TRADTERM - 132- Organização de critérios para registro de termos

TRADTERM - 133- Um corpus multilíngue para ensino e tradução - o COMET_ da construção à exploração

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua
- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre a
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - começa
- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros Ilumina
- CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossári
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocident
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
- CT - 17 - Tradução em Francês - um Conto de Machado de Assis.
- CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
- CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
- CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentad
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De Jc
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Dosse, Gian Luigi de Rosa e
- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
- DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidade
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português
- DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
- DELTA - 7 - O Ensino de Língua para crianças no contexto ec
- DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e vozce.txt
- DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
- DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
- DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
- DL - 3 - Tradução oral à Primeira Vista na formação do intérpre
- DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
- DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
- DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
- DL - 9 - Competência Tradutória.txt
- LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico.txt
- LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para s
- TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia? O poeta húngaro
- TRADTERM - 103 - A relação entre modalidades, línguas e cultur

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

HT	KWIC	File
78	radução portuguesa. Por fim, procurarei avaliar a qualidade da tradução numa perspectiva crítica, tentando da	CT - 8 - Análise est:
79	de leitura. Experiência em tradução. Avaliação da qualidade. 1. Introduction Although reading is par	DL - 2 - Análise da :
80	legislação ambiental, por exemplo, avaliação da qualidade ambiental. Ambos os grupos têm caráter deótico,	TRADTERM - 60 - Abord:
81	ou aspectos promissores em termos de avaliação da qualidade vocal, com base em correspondências entre acústic	DELTA - 2 - Dimensõe:
82	tradução; indústria da localização; avaliação de qualidade. Abstract: Considering the increasingly important	CT - 13 - Padrões de :
83	validação de traduções e dois sobre a avaliação da qualidade do desempenho do intérprete simultâneo); (6) Anai	TRADTERM - 59 - Avali:
84	idade. As categorias tradutórias de avaliação de qualidade TEMÁTICA dinâmica estática prospectiva semântica	TRADTERM - 1 - Indi:
85	icos; 5) Ensino de Interpretação; 6) Avaliação da qualidade; 7) Tipos especiais de interpretação (WILLIAMS e	TRADTERM - 52 - Desaf:
86	uditivo, a validade de um roteiro de qualidade vocal foneticamente orientado (Laver, 2000) foi c	DELTA - 2 - Dimensõe:
87	rgiam diversas traduções para ele. A avaliação da qualidade das legendas cabia exclusivamente ao usuário fina	TRADTERM - 3 - Anat:
88	s categorias tradutórias. UNITERMOS: avaliação da qualidade; temática; léxico; pragmática; estilística	TRADTERM - 1 - Indi:
89	to de House para propor um modelo de avaliação de qualidade como o anterior coincide com o de Halliday; se al	TRADTERM - 2 - Aval:
90	tos textuais e os parâmetros 33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução 2017 classificados em aspectos ret	DELTA - 1 - Avaliaçã:
91	Médico a difícil (6,0/4+10 33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução 2017 Como podemos observar, os su	DELTA - 1 - Avaliaçã:
92	Tradutória; Formação de Tradutores; Avaliação da Qualidade da Tradução. D.E.L.T.A., 33.4, 2017 (1323-1352)	DELTA - 1 - Avaliaçã:
93	m relação ao conteúdo do texto 33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução 2017 de partida. Essa redação result	DELTA - 1 - Avaliaçã:
94	fica divulgada no texto-fonte. 33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução 2017 Ex. 6 TF: Loneliness, 1	DELTA - 1 - Avaliaçã:
95	podemos observar, os critérios para avaliação da qualidade da tradução explicitados nos trabalhos de Colina	DELTA - 1 - Avaliaçã:
96	chama a atenção para o fato de que a avaliação da qualidade de tradução passa necessariamente pelo crivo da c	TRADTERM - 2 - Aval:
97	e formação de tradutores. Ar33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução2017 Recebido em: 25/02/2016Aprovad	DELTA - 1 - Avaliaçã:
98	DELTA Avaliação da Qualidade da Tradução: resultados da primeira fase de um es	DELTA - 1 - Avaliaçã:
99	CMPOS, T.; LEIPWITZ, L.; BRAGA, C. Avaliação da Qualidade da Tradução: resultados da primeira fase de um es	DL - 9 - Competência
100	Braga (2012) em seu trabalho. 33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução 2017 Seguindo as instruções da TQ	DELTA - 1 - Avaliaçã:
101	validados a partir do cotejo do 33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução 2017 texto-alvo com o texto-fonte e,	DELTA - 1 - Avaliaçã:
102	01, S02, S03, S04, S05 e S06. 33.4 Avaliação da Qualidade da Tradução 2017 Textos-fonte Para a primeira	DELTA - 1 - Avaliaçã:
103	pelos sujeitos. Os procedimentos de avaliação da qualidade das traduções estão detalhados a seguir. Procedim	DELTA - 1 - Avaliaçã:
104	a pesquisadora não chega a fazer uma avaliação da qualidade das traduções. Já Lorenzo (2002) conduziu u	DELTA - 1 - Avaliaçã:
105	8). Esses dados foram cruzados com a avaliação da qualidade das traduções, realizada com base nos critérios d	DL - 9 - Competência
106	za etapa inicial, entra a questão da avaliação da qualidade da TrPV. Para tanto, critérios claros e bem funda	DL - 3 - Tradução or.
107	za desenvolvimento de protocolos de avaliação da qualidade de vida e validações em outros idiomas que não os	TRADTERM - 4 - Trad
108	8, em especial do professor, uma das barreiras da avaliação seria atendida. Essa descentralização nos	DL - 1 - O discurso ne

Search Term Words Case Regex Concordance Hits 715 Search Window Size 50

qualidade

Kwic Sort Level 1 Level 2 Level 3

Save Window Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua
- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre a
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - começa
- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros Ilumina
- CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossári
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocident
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
- CT - 17 - Tradução em Francês - um Conto de Machado de Assis.
- CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
- CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
- CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentad
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De Jc
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Dosse, Gian Luigi de Rosa e
- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
- DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidade
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português
- DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
- DELTA - 7 - O Ensino de Língua para crianças no contexto ec
- DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e vozce.txt
- DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
- DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
- DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
- DL - 3 - Tradução oral à Primeira Vista na formação do intérpre
- DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
- DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
- DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
- DL - 9 - Competência Tradutória.txt
- LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico.txt
- LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para s
- TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia? O poeta húngaro
- TRADTERM - 103 - A relação entre modalidades, línguas e cultur

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Total No. of Collocate Types: 270 Total No. of Collocate Tokens: 2144

Rank	Freq	Freq(L)	Freq(R)	Stat	Collocate
1	620	0	0	-1	qualidade
2	202	213	65	9.23884	de
3	191	120	71	4.81992	da
4	143	135	9	0.03515	a
5	84	0	0	-1	Qualidade
6	74	0	74	3.11507	do
7	62	0	62	9.42910	vocal
8	53	42	11	9.87005	na
9	51	19	32	1.76664	e
10	35	0	35	4.10509	das
11	28	27	1	9.70355	á
12	25	0	25	9.07024	dos
13	20	14	6	2.75046	A
14	15	1	14	1.81251	é
15	13	0	13	0.02483	que
16	13	10	3	1.65690	com
17	11	0	11	8.04754	Total
18	11	11	0	6.79189	boa
19	10	10	0	9.34360	pela
20	9	1	8	0.03903	em
21	9	8	0	7.14893	alta
22	8	2	6	1.01795	como
23	7	7	0	0.50759	uma
24	7	0	7	8.57555	total
25	7	1	6	8.17097	ambiental
26	6	0	6	9.61796	vocábica
27	6	0	6	0.18416	para
28	6	0	6	7.03290	sonora
29	5	0	5	2.40322	pode
30	5	0	5	1.46652	O

Search Term Words Case Regex Window Span Same

qualidade From... To...

Sort by Sort by Freq Invert Order

Min. Collocate Frequency Save Window Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua c
- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre e
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhe
- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros lumina
- CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossári
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocident
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
- CT - 17 - Tradução em francês - um Conto de Machado de Assis
- CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
- CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
- CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentad
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De jó
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Desse, Gian Luigi de Rosa e
- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
- DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidade
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português
- DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
- DELTA - 7 - O Ensino de Línguas para crianças no contexto ec
- DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e votre.txt
- DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
- DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
- DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
- DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérpre
- DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
- DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
- DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
- DL - 9 - Competência Tradutória.txt
- LL - 1 - Tratamento e conhecimento linguístico.txt
- LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para su
- TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia_ O poeta húngaro B
- TRADTERM - 103 - A relação entre modalidades, línguas e cultur

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance

Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Hits 3 Total No. of Word Types: 60424 Total No. of Word Tokens: 740142

Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
72	680	The	
74	676	caso	
75	670	suas	
76	665	ainda	
77	662	corpus	
78	659	Tradução	
79	652	No	
80	650	cada	
81	649	línguas	
82	647	partir	
83	646	apenas	
84	645	In	
85	644	Brasil	
86	633	Paulo	
87	632	outros	
88	628	qualidade	
89	627	W	
90	616	foram	
91	616	sem	
92	614	quando	
93	611	sentido	
94	611	vez	
95	603	S	
96	600	original	
97	598	pesquisa	
98	597	as	
99	586	n	
100	586	translation	
101	593	Para	
102	593	parte	

Search Term Words Case Regex

qualidade Advanced Display Options Treat all data as lowercase

Start Stop Sort Sort by Freq

Hit Location Search Only 1 Invert Order

Save Window Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua c
- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre e
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhe
- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros lumina
- CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossári
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocident
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
- CT - 17 - Tradução em francês - um Conto de Machado de Assis
- CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
- CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
- CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentad
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De jó
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Desse, Gian Luigi de Rosa e
- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
- DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidade
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português
- DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
- DELTA - 7 - O Ensino de Línguas para crianças no contexto ec
- DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e votre.txt
- DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
- DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
- DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
- DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérpre
- DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
- DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
- DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
- DL - 9 - Competência Tradutória.txt
- LL - 1 - Tratamento e conhecimento linguístico.txt
- LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para su
- TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia_ O poeta húngaro B
- TRADTERM - 103 - A relação entre modalidades, línguas e cultur

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance

Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

H#	KWIC	File
1	ordem pragmática e lla análise e interpretação da qualidade de sinalização, tomando como linha organizadora o	BI - 2 - Reflexões s
2	ção do diagnóstico em saúde mental e influencia a qualidade do cuidado. Os aspectos linguísticos que podem se	BI - 2 - Reflexões s
3	5) - diversos estudos apontam para o incremento da qualidade dos registros de saúde na presença de intérpretes	BI - 2 - Reflexões s
4	térpretes de línguas, com impactos importantes na qualidade do cuidado e na compreensão dos pacientes. A atua	BI - 2 - Reflexões s
5	ção), mas também o conteúdo de sua produção e a qualidade em que essa produção é externalizada. Assi	BI - 2 - Reflexões s
6	ínio da identificação de aspectos produtivos e da qualidade de sinalização, nesses casos, são imprescindíveis	BI - 2 - Reflexões s
7	unicação realizada em uma língua oral-auditiva. A qualidade da voz e da fala pode indicar características fis	BI - 2 - Reflexões s
8	linhas da fala (sinalização) estão relacionadas à qualidade da produção sinalizada. A qualidade da p	BI - 2 - Reflexões s
9	as à qualidade da produção sinalizada. A qualidade da produção sinalizada, outra característica impo	BI - 2 - Reflexões s
10	et al. (2017) apresentam uma escala de Análise da Qualidade da Transmissão da Mensagem que propõe a observaçã	BI - 2 - Reflexões s
11	o movimento corporal, do ritmo da sinalização, da qualidade do movimento e forma das mãos, da posição especia	BI - 2 - Reflexões s
12	subjetivas, a base do reconhecimento da stípia na qualidade da produção sinalizada é realizada pela competênc	BI - 2 - Reflexões s
13	er sentenças agramaticais na língua que domina, a qualidade de produção sinalizada pode ser identificada por	BI - 2 - Reflexões s
14	pela análise metalinguística e os componentes da qualidade de produção sinalizada devem ser identificados e,	BI - 2 - Reflexões s
15	(CUMMINGS, 2010), e na análise e interpretação da qualidade de sinalização, tomando como linha organizadora o	BI - 2 - Reflexões s
16	gma de sinais, tomando como foco a pragmática e a qualidade da produção sinalizada: Aparência, aprese	BI - 2 - Reflexões s
17	s formas de observação dessas características é a qualidade da produção sinalizada. A partir da proposição de	BI - 2 - Reflexões s
18	é possível inferir que o ritmo de sinalização e a qualidade do movimento trazem informações sobre a tensão mu	BI - 2 - Reflexões s
19	chamada de afeto (RAMOS, 2006). Para transpor com qualidade estas informações, pode ser necessário enfatizar	BI - 2 - Reflexões s
20	sentido analisar a voz da pessoa surda, mas sim a qualidade da produção sinalizada. Novamente, a discussão cl	BI - 2 - Reflexões s
21	orto ou móbida curiosidade, prejudicando muito a qualidade do trabalho e da relação terapêutica. 241	BI - 2 - Reflexões s
22	ndária ou 0 uso de cannabis. Novamente a qualidade de produção sinalizada (ANDRADE et al., 2017) ent	BI - 2 - Reflexões s
23	998. COSTA, H. O.; MATIAS, C. O nmpacto da voz na qualidade da vida da mulher idosa. Revista Brasileira de Ot	BI - 2 - Reflexões s
24	na consolidação de uma literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio, leitores brasileir	BI - 3 - Os escritor
25	consolidação de uma E literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio os leitores brasile	BI - 3 - Os escritor
26	A ideia da criação da equipe surgiu por conta da qualidade questionável das traduções que vinham sendo produ	BI - 3 - Os escritor
27	nquilidade transmitida aos editores com relação à qualidade do produto final. Esse fato pode ser facilmente c	BI - 3 - Os escritor
28	pela precisão do texto em si, defeituoso não pela qualidade da atuação dos escritores-tradutores. mas pelo fa	BI - 3 - Os escritor
29	escritor-tradutor, que muitas vezes se sobressai à qualidade do trabalho em si. 111 Além disso, preparat	BI - 3 - Os escritor
30	va é crucial para o contributo de uma educação de qualidade para os alunos surdos: a voz, enquanto ferramenta	BI - 4 - O intérpre
31	de promover um desempenho profissional com mais qualidade e mais eficiência. Atualmente, os cursos su	BI - 4 - O intérpre

Search Term Words Case Regex

qualidade Advanced Concordance Hits 715 Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort Level 1 Level 2 Level 3

Save Window Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia, O poeta húngaro
- TRADTERM - 103- A relação entre modalidades, línguas e cultu
- TRADTERM - 104- Questões culturais e lexicais na tradução de
- TRADTERM - 105- Translating Institutions, An Ethnographic
- TRADTERM - 106- Apresentação.txt
- TRADTERM - 107- Montaramento de terminologia na mídia e Proc
- TRADTERM - 108- Reconhecimento de termos e marcadores de defi
- TRADTERM - 109- A buen entendedor, pocas palabras bastan, his
- TRADTERM - 110- As traduções de Jesuítas José de Anchieta para
- TRADTERM - 111- Tradução, Translucidação e Transparação
- TRADTERM - 112- Nas páginas dos jornais, o caráter diplomático
- TRADTERM - 113- O (não) engajamento em traduções da literatur
- TRADTERM - 114- Tradução e retratado de Os Setores de Euclio
- TRADTERM - 115- O sentido e o som, três teorias da tradução e
- TRADTERM - 116- Elogio da tradução, uma leitura de Seu rosto
- TRADTERM - 118- Aspectos do Trabalho Terminológico na Empresa
- TRADTERM - 119- A tradução juramentada de documentos suíços
- TRADTERM - 12 - Fenômeno da interpretação em contextos médico
- TRADTERM - 120- Variações terminológicas no campo Tradução Au
- TRADTERM - 121- Conexões pouco exploradas entre escrita auto
- TRADTERM - 123- A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-
- TRADTERM - 124- Uma metodologia para o desenvolvimento de Wor
- TRADTERM - 126- Apresentação.txt
- TRADTERM - 127- A (in)visibilidade do intérprete a represent
- TRADTERM - 128- A carga cognitiva em interpretação simultânea
- TRADTERM - 129- TradTerm entrevista, Paulo Reseira.txt
- TRADTERM - 13 - Análise da segmentação linguística nas leger
- TRADTERM - 130- A Declaração Universal Dos Direitos Do Homem
- TRADTERM - 131- Traduzindo de um cenário a outro.txt
- TRADTERM - 132- Organização de critérios para registro de tes
- TRADTERM - 133- Um corpus multilíngue para ensino e tradução
- TRADTERM - 2 - Avaliando Traduções.txt
- TRADTERM - 3 - Anatomia do Legender, examinando a tradução
- TRADTERM - 4 - Tradução e adaptação transcultural de instr
- TRADTERM - 42 - Linguística de Corpus e Tradução Técnica - Re
- TRADTERM - 5 - As partes e o todo, possíveis efeitos dos s
- TRADTERM - 51 - Apresentação do volume 29.txt
- TRADTERM - 52 - Desafios para a construção de um corpus de ap
- TRADTERM - 53 - Paradise Lost em português.txt
- TRADTERM - 54 - Análise das legendas de efeitos sonoros do fi
- TRADTERM - 55 - Ferramentas de Tradução e Pedagogia Colabora
- TRADTERM - 56 - Apontamentos de um tradutor de Tolstói.txt

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance

Hit	KWIC	File
1	ordem pragmática e lla análise e interpretação da qualidade de sinalização, tomando como linha organizadora o	BI - 2 - Reflexões s
2	ção do diagnóstico em saúde mental e influência a qualidade do cuidado. Os aspectos linguísticos que podem ser	BI - 2 - Reflexões s
3	6), diversos estudos apontam para o incremento da qualidade dos serviços de saúde na presença de intérpretes	BI - 2 - Reflexões s
4	intérpretes de línguas, com impactos importantes na qualidade do cuidado e na compreensão dos pacientes. A atua	BI - 2 - Reflexões s
5	uário), mas também o conteúdo de sua produção e a qualidade em que essa produção é externalizada. Assi	BI - 2 - Reflexões s
6	ínio da identificação de aspectos prosódicos e da qualidade de sinalização, nesses casos, são imprescindíveis	BI - 2 - Reflexões s
7	unicação realizada em uma língua oral-auditiva. A qualidade da voz e da fala pode indicar características fis	BI - 2 - Reflexões s
8	linhas da fala (sinalização) estão relacionadas à qualidade da produção sinalizada. A qualidade da p	BI - 2 - Reflexões s
9	as à qualidade da produção sinalizada. A qualidade da produção sinalizada, outra característica impo	BI - 2 - Reflexões s
10	et al. (2017) apresentam uma escala de Análise da Qualidade da Transmissão da Mensagem que propõe a observaçã	BI - 2 - Reflexões s
11	ovimentação corporal, do ritmo da sinalização, da qualidade do movimento e forma das mãos, da posição espacia	BI - 2 - Reflexões s
12	subjetivas, a base do reconhecimento da atipia na qualidade da produção sinalizada e realizada pela competên	BI - 2 - Reflexões s
13	er sentenças agramaticais na língua que domina, a qualidade da produção sinalizada pode ser identificada por	BI - 2 - Reflexões s
14	pela análise metalinguística e os componentes da qualidade da produção sinalizada devem ser identificados e	BI - 2 - Reflexões s
15	(CUMMINGS, 2010), e na análise e interpretação da qualidade de sinalização, tomando como linha organizadora o	BI - 2 - Reflexões s
16	forma de sinais, tomando como foco a pragmática e a qualidade da produção sinalizada: Aparência, apre	BI - 2 - Reflexões s
17	s ou formas de observação dessas características é a qualidade da produção sinalizada. A partir da proposição de	BI - 2 - Reflexões s
18	é possível inferir que o ritmo de sinalização e a qualidade do movimento trazem informações sobre a tenão mu	BI - 2 - Reflexões s
19	chamada de afeto (RAMOS, 2006). Para transpor com qualidade estas informações, pode ser necessário enfatizar	BI - 2 - Reflexões s
20	sentença analisar a voz da pessoa surda, mas sim a qualidade da produção sinalizada. Novamente, a discussã	BI - 2 - Reflexões s
21	ortio ou morbida curiosidade, prejudicando muito a qualidade do trabalho e da relação terapêutica. 241	BI - 2 - Reflexões s
22	ndária ou o uso de cannabis. Novamente a qualidade da produção sinalizada (ANDRADE et al., 2017) ent	BI - 2 - Reflexões s
23	998. COSTA, H. O.; MATIAS, C. O impacto da voz na qualidade da vida da mulher idosa. Revista Brasileira de Ot	BI - 2 - Reflexões s
24	na consolidação de uma literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio, leitores brasilei	BI - 3 - Os escritor
25	consolidação de uma E literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio os leitores brasile	BI - 3 - Os escritor
26	A ideia da criação da equipe surgiu por conta da qualidade questionável das traduções que vinham sendo produ	BI - 3 - Os escritor
27	equidade transmitida aos editores com relação à qualidade do produto final. Esse fato pode ser facilmente c	BI - 3 - Os escritor
28	pela precisão do texto em si, defeituoso não pela qualidade da atuação dos escritores-tradutores, mas pelo fa	BI - 3 - Os escritor
29	scritor-tradutor, que muitas vezes se sobressai à qualidade do trabalho em si. 111 Além disso, prepara	BI - 3 - Os escritor
30	va é crucial para o contributo de uma educação de qualidade para os alunos surdos: a voz, enquanto ferramenta	BI - 4 - O intérpre
31	de promover um desempenho profissional com mais eficiência. Atualmente, os cursos s	BI - 4 - O intérpre

Search Term Words Case Regex

Concordance Hits 715 Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort

Level 1 1R Level 2 2R Level 3 3R

Save Window

Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua
- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhece
- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros lumina
- CT - 12 - Introdução à intertextualização e à localização de
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossári
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocident
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
- CT - 17 - Tradução e Conto de Machado de Assis.
- CT - Frases-chave no ensino de tradução.txt
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
- CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
- CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e coment
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De jó
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Dorze, Gian Luigi de Rosa e
- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - Resultados
- DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidade
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português
- DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - 1c
- DELTA - 7 - O Ensino de Línguas para crianças no contexto ec
- DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e votre.txt
- DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
- DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
- DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
- DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérpre
- DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
- DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores
- DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
- DL - 9 - Competência Tradutória.txt
- LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico.txt
- LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para s
- TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia, O poeta húngaro
- TRADTERM - 103- A relação entre modalidades, línguas e cultu

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance

Hit Location

BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua de sinais na mediação da avaliação clínica em serviços de saúde mental br

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS NA
MEDIÇÃO DA AVALIAÇÃO CLÍNICA EM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL
REFLECTIONS ON THE SIGN LANGUAGE INTERPRETER PERFORMANCE MEDIATING THE CLINICAL ASSESSMENT IN MENTAL HEALTH SERVICE

Felipe Venâncio BARBOSA Universidade de São Paulo
Janice Gonçalves Tenório MARQUES Universidade Estadual de Campinas
Leonardo Augusto Nogueira Parente Capela SAMPÃO111 Universidade de São Paulo

225

Resumo: A mediação da relação entre médico psiquiatra e paciente surdo pelo intérprete de língua de sinais deve levar em consideração aspectos frequentemente negligenciados em interações fora do ambiente de saúde. Expressões atípicas da língua de sinais podem ocorrer nessa relação e decorrerem de desordens psiquiátricas, demandando do intérprete de língua de sinais sensibilidade e aptidão para realizar o processo de interpretação de forma eficaz, levando para o médico as informações necessárias para a composição do diagnóstico e seguimento. O objetivo deste artigo é discutir a atuação do intérprete de língua de sinais na mediação da comunicação lla relação médico-paciente em ambulatório de saúde mental de 1111 hospital terciário em São Paulo. A discussão terá ênfase em questões de ordem pragmática e lla análise e interpretação da sinalização, tomando como linha organizadora os dados comumente observados 110 Exame Psíquico conduzido por médico psiquiatra, com a atuação do intérprete de língua de sinais. A atuação do profissional lla mediação e determinante para a condução do diagnóstico em saúde mental e influencia a qualidade do cuidado. Os aspectos linguísticos que podem ser expressos de forma atípica não devem ser omitidos pelo intérprete de língua de sinais, mas veiculados de forma imparcial, desde aquelas que provocam quebras comunicativas na interação até aquelas que, mesmo sem provocar quebras comunicativas, carregam informações pertinentes à história clínica e indicação terapêutica.

Palavras-chave: Interação simultânea. Relação médico-paciente. Língua de sinais atípica.

Abstract: The mediation of the relationship between psychiatrist and deaf patient by the Sign Language Interpreter must take into account aspects often overlooked in interactions outside the healthcare setting. Atypical expressions of sign language may occur in this relationship as a result of psychiatric disorders, requiring of the Sign Language Interpreter to be sensitive and able to perform the interpretation process effectively by providing to the Doctor the necessary information for the composition of the diagnosis and follow-up. The purpose of this paper is to discuss the work of the Sign Language Interpreter during the mediation of communication of doctor-patient relationship in a mental health outpatient clinic of a tertiary hospital in the city of Sao Paulo, Brazil. The discussion will focus on pragmatic issues and on the analysis and interpretation of the quality of signing taking as the organizing Use the data commonly observed in the Mental Examination conducted by a psychiatrist, with the performance of the Sign Language Interpreter. The performance of the Sign Language Interpreter in a professional medical mediation is crucial to the conduct of the diagnosis in mental health clinic and influences the quality of care. Linguistic aspects that can be expressed in an atypical way of signing should not be omitted by the Sign Language Interpreter, but sen ed impartially.

from those that cause communicative breaks in the interaction to those that, even without causing communicative breaks, carry pertinent information to the medical history and therapy management.

Key-words: Simultaneous interpreting. Doctor-patient relationship. Atypical sign language.

Search Term Words Case Regex

qualidade

Start Stop

Hit Location

Save Window

Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- TRADTERM - 51 - Apresentação do volume 29.txt
- TRADTERM - 52 - Desafios para a construção de um corpus de ap...
- TRADTERM - 53 - Paradise Lost em português.txt
- TRADTERM - 54 - Análise das legendas de efeitos sonoros do fi...
- TRADTERM - 55 - Tecnologias da Tradução e Pedagogia Colaborat...
- TRADTERM - 56 - Apontamentos de um tradutor de Tolstói.txt
- TRADTERM - 57 - A Grande Família - O Filme e The Big Family -
- TRADTERM - 58 - Poéticas em conflito - a literatura brasileira
- TRADTERM - 59 - Avaliação de traduções - a vez e a voz do apri...
- TRADTERM - 60 - Abordagem da variação terminológica em uma bs...
- TRADTERM - 62 - A Teoria Interpretativa da Tradução (Theorie...
- TRADTERM - 63 - A noção de equivalência quando se traduz marc...
- TRADTERM - 64 - O escritor-tradutor: diálogos poéticos no tea...
- TRADTERM - 65 - Conceitualização metafórica da anatomia em po...
- TRADTERM - 66 - Estratégias na tradução de onomatopéias japon...
- TRADTERM - 67 - Comportamento dos termos do meio ambiente em...
- TRADTERM - 68 - Tradução, assimilação, resistência e discurs...
- TRADTERM - 69 - Apresentação.txt
- TRADTERM - 7 - Google Tradutor - Análise de Utilização e De...
- TRADTERM - 70 - Da (in)traduzibilidade, a propósito de Paul S...
- TRADTERM - 71 - A atividade tradutória de obras da literatura...
- TRADTERM - 73 - Um corpus de traduções juramentadas - materis...
- TRADTERM - 74 - Por um dicionário bilíngue pedagógico para a...
- TRADTERM - 77 - O intérprete como produtor de sentidos: uma a...
- TRADTERM - 78 - O impacto social das imagens e representações...
- TRADTERM - 79 - Giovanni Pontiero, tradutor de Saramago.txt
- TRADTERM - 8 - Interpretação automática ou tradução automat...
- TRADTERM - 90 - O estudo contrastivo português-espanhol dos i...
- TRADTERM - 81 - Três coleções de livros.txt
- TRADTERM - 82 - Tradução indireta, uma prática de divulgação...
- TRADTERM - 83 - Children's literature in Translation, Challe...
- TRADTERM - 87 - Tradução parcial e comentada do Convívio de I...
- TRADTERM - 88 - Apresentação.txt
- TRADTERM - 89 - As fronteiras entre tradução e adaptação da e...
- TRADTERM - 9 - Mapeamento e análise de dicionários e glossá...
- TRADTERM - 90 - A ética na interpretação de tribunal o Brasil
- TRADTERM - 91 - O léxico da série Law and Order: uma análise...
- TRADTERM - 93 - Contos de Ferrovias de Dmitri Sívov: tradução...
- TRADTERM - 94 - Sobre a capacidade de análise linguística e l...
- TRADTERM - 95 - Apresentação.txt
- TRADTERM - 96 - Grito Noturno: sobre uma tradução literária...
- TRADTERM - 97 - Apresentação.txt
- TRADTERM - 98 - Fernando Pessoa e a musicalidade refletida n...

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

HE	KWIC	File
1	ordem pragmática e lla análise e interpretação da qualidade de sinalização, tomando como linha organizadora o	BI - 2 - Reflexões s...
2	ção do diagnóstico em saúde mental e influencia a qualidade do cuidado. Os aspectos linguísticos que podem se	BI - 2 - Reflexões s...
3	6), diversos estudos apontam para o incremento da qualidade dos serviços de saúde na presença de intérpretes	BI - 2 - Reflexões s...
4	térpretes de línguas, com impactos importantes na qualidade do cuidado e na compreensão dos pacientes. A atua	BI - 2 - Reflexões s...
5	usso), mas também o conteúdo de sua produção e a qualidade em que essa produção é externalizada.	BI - 2 - Reflexões s...
6	ínio da identificação de aspectos prosódicos e da qualidade de sinalização, nesses casos, são imprescindíveis	BI - 2 - Reflexões s...
7	unicação realizada em uma língua oral-auditiva. A qualidade da voz e da fala pode indicar características fis	BI - 2 - Reflexões s...
8	linhas da fala (sinalização) estão relacionadas à qualidade da produção sinalizada. A qualidade da p	BI - 2 - Reflexões s...
9	se à qualidade da produção sinalizada. A qualidade da produção sinalizada, outra característica impo	BI - 2 - Reflexões s...
10	et al. (2017) apresentam uma escala de Análise da Qualidade da Transmissão da Mensagem que propõe a observaçã	BI - 2 - Reflexões s...
11	ovimentação corporal, do ritmo da sinalização, da qualidade do movimento e forma das mãos, da posição espacia	BI - 2 - Reflexões s...
12	subjetivas, a base do reconhecimento da actipa na qualidade da produção sinalizada e realizada pela competên	BI - 2 - Reflexões s...
13	er sentenças gramaticais na língua que domina, a qualidade da produção sinalizada pode ser identificada por	BI - 2 - Reflexões s...
14	pela análise metalinguística e os componentes da qualidade da produção sinalizada devem ser identificados e	BI - 2 - Reflexões s...
15	(CUMMINGS, 2010), e na análise e interpretação da qualidade de sinalização, tomando como linha organizadora o	BI - 2 - Reflexões s...
16	gmas de sinais, tomando como foco a pragmática e a qualidade da produção sinalizada: Aparência, apre	BI - 2 - Reflexões s...
17	s formas de observação dessas características é a qualidade da produção sinalizada. A partir da proposição de	BI - 2 - Reflexões s...
18	é possível inferir que o ritmo de sinalização e a qualidade do movimento trazem informações sobre a tenção mu	BI - 2 - Reflexões s...
19	chamada de afeto (RAMOS, 2006). Para transpor com qualidade estas informações, pode ser necessário enfatizar	BI - 2 - Reflexões s...
20	sentença analisar a voz da pessoa surda, mas sim a qualidade da produção sinalizada. Novamente, a discussã	BI - 2 - Reflexões s...
21	ortio ou morbida curiosidade, prejudicando muito a qualidade do trabalho e da relação terapêutica. 241	BI - 2 - Reflexões s...
22	ndria ou o uso de cannabis. Novamente a qualidade da produção sinalizada (ANDRADE et al., 2017) ent	BI - 2 - Reflexões s...
23	998. COSTA, H. O.; MAIJAS, C. O impacto da voz na qualidade da vida da mulher idosa. Revista Brasileira de Ot	BI - 2 - Reflexões s...
24	na consolidação de uma literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio, leitores brasilei	BI - 3 - Os escritor...
25	consolidação de uma E literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio os leitores brasile	BI - 3 - Os escritor...
26	A ideia da criação da equipe surgiu por conta da qualidade questionável das traduções que vinham sendo produ	BI - 3 - Os escritor...
27	equidade transmitida aos editores com relação à qualidade do produto final. Esse fato pode ser facilmente c	BI - 3 - Os escritor...
28	pela precisão do texto em si, defeituoso não pela qualidade da atuação dos escritores-tradutores, mas pelo fa	BI - 3 - Os escritor...
29	scritor-tradutor, que muitas vezes se sobressai à qualidade do trabalho em si. 111 Além disso, prepara	BI - 3 - Os escritor...
30	va é crucial para o contributo de uma educação de qualidade para os alunos surdos: a voz, enquanto ferramenta	BI - 4 - O intérpre...
31	de promover um desempenho profissional com mais qualidade e mais eficiência. Atualmente, os cursos s	BI - 4 - O intérpre...

Search Term Words Case Regex N-Grams

Concordance Hits 715 Search Window Size 50

qualidade

Start Stop Sort

Kwic Sort

Level 1 1R Level 2 2R Level 3 3R

Save Window

Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- BI - 3 - Reflexões sobre a atuação do intérprete da língua
- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Clobro entre a
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhece
- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros lumina
- CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glosari
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocide
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
- CT - 17 - Tradução em Francês - um Conto de Machado de Assis.
- CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
- CT - 4 - O Éthos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
- CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentac
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De Jc
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Desse, Gian Luigi de Rosa e
- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
- DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualid
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português
- DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
- DELTA - 7 - O Ensino de Línguas para crianças no contexto ec
- DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e votre.txt
- DL - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
- DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
- DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
- DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérpre
- DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
- DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
- DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
- DL - 9 - Competência Tradutória.txt
- LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico.txt
- LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para su
- TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 103 - É possível traduzir poesia? O poeta húngaro
- TRADTERM - 103 - A relação entre modalidades, línguas e cultu

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Total No. of Cluster Types: 2938 Total No. of Cluster Tokens: 3172

Rank	Freq	Cluster
1	11	Avaliação da Qualidade da Tradução
2	10	formulário de controle de qualidade
3	9	a qualidade do produto final
4	6	qualidade dos textos que os
5	5	a qualidade da produção sinalizada
6	5	da qualidade do produto final
7	5	processo de controle de qualidade
8	5	qualidade do produto final e
9	4	análise da qualidade do produto
10	4	de descrição da qualidade vocal
11	4	fonético de descrição da qualidade
12	4	na qualidade dos textos que
13	4	Qualidade de Vida em Voz
14	4	Qualidade de Vida: uma fórmula
15	4	à qualidade do produto final
16	3	alterações da qualidade vocal (distorcias
17	3	avaliação da qualidade das traduções
18	3	Conhecimento em Tradução e Qualidade
19	3	Controle de Qualidade na Tradução
20	3	da qualidade vocal a partir
21	3	de controle de qualidade deve
22	3	de controle de qualidade e
23	3	de Controle de Qualidade LISA
24	3	de Metrologia, Normalização e Qualidade
25	3	de qualidade na língua de
26	3	e Qualidade do Produto Final
27	3	em Tradução e Qualidade do
28	3	melhora na qualidade das traduções
29	3	melhoria da qualidade de vida
30	3	Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial

Search Term Words Case Regex N-Grams

Cluster Size

qualidade

Advanced

Min. Size 5 Max. Size 5

Start Stop Sort

Sort by

Search Term Position

Sort by Freq

Min. Cluster Frequency

1

On Left On Right Invert Order

Save Window

Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua
 BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre e
 BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhece
 CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
 CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
 CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros Ilumina
 CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
 CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
 CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossári
 CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocide
 CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
 CT - 17 - Tradução em Francês - um Conto de Machado de Assis.
 CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
 CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
 CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
 CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
 CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
 CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comenta
 CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De J
 CT - 9 - Entrevista com Mathieu Desse, Gian Luigi de Rosa e
 DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
 DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
 DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualid
 DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
 DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
 DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em portuguê
 DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
 DELTA - 7 - O Ensino de Língua para crianças no contexto ec
 DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e votre.txt
 DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
 DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
 DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
 DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérpre
 DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
 DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
 DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
 DL - 9 - Competência Tradutória.txt
 LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico.txt
 LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para su
 TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
 TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
 TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia. O poeta húngaro B
 TRADTERM - 103 - A relação entre modalidades, línguas e cultur

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance

HIT FILE: 1 FILE: BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua em serviços de saúde mental.txt
 No. of Hits = 23
 File Length (in chars) = 58641

HIT FILE: 2 FILE: BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre as décadas de 1930 e 1960.txt
 No. of Hits = 6
 File Length (in chars) = 26355

HIT FILE: 3 FILE: BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhecer a profissão.txt
 No. of Hits = 6
 File Length (in chars) = 40805

HIT FILE: 4 FILE: CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de Vanessa Bárbara. São Paulo Companhia das Letras, 2011. 249 p..txt
 No. of Hits = 4
 File Length (in chars) = 19354

HIT FILE: 5 FILE: CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à polarização fidelidade vs. diferença nos estudos da tradução.txt
 No. of Hits = 3
 File Length (in chars) = 52223

HIT FILE: 6 FILE: CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros Iluminados de William Blake - um impasse para a tradução.txt
 No. of Hits = 1
 File Length (in chars) = 25734

HIT FILE: 7 FILE: CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de softwares.txt
 No. of Hits = 20
 File Length (in chars) = 53341

HIT FILE: 8 FILE: CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.txt
 No. of Hits = 21
 File Length (in chars) = 59379

HIT FILE: 9 FILE: CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossários.txt
 No. of Hits = 22
 File Length (in chars) = 55311

HIT FILE: 10 FILE: CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - III. Final da Idade Média e Renascimento.txt
 No. of Hits = 1
 File Length (in chars) = 10000

Search Term Words Case Regexp Concordance Hits
 qualidade 715

Start Stop

Plot Zoom

xt

Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

BI - 2 - Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua
 BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre e
 BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhece
 CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
 CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
 CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros Ilumina
 CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
 CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
 CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glossári
 CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocide
 CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
 CT - 17 - Tradução em Francês - um Conto de Machado de Assis.
 CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
 CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
 CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
 CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
 CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
 CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comenta
 CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De J
 CT - 9 - Entrevista com Mathieu Desse, Gian Luigi de Rosa e
 DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
 DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
 DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualid
 DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
 DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
 DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em portuguê
 DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
 DELTA - 7 - O Ensino de Língua para crianças no contexto ec
 DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e votre.txt
 DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
 DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
 DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
 DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérpre
 DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
 DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
 DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
 DL - 9 - Competência Tradutória.txt
 LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico.txt
 LL - 2 - A música e os ruídos na legendagem francesa para su
 TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
 TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
 TRADTERM - 102 - É possível traduzir poesia. O poeta húngaro B
 TRADTERM - 103 - A relação entre modalidades, línguas e cultur

Total No. 120

Files Processed

Reset

Concordance

HT	KWIC	File
1	ideacionais no processo e como fica a respectiva qualidade artística e investigar conforme a possibilidade,	TRADTERM - 82 - Tradu
2	es pelas quais a HT não consegue oferecer a mesma qualidade dos melhores tradutores humanos é porque as máqui	CT - 12 - Introdução
3	que você deseja. O A O B o ambas possuem a mesma qualidade Por quê? Justifique sua resposta à pergunta aci	TRADTERM - 3 - Anál
4	que se fala em legendagem se questiona a sua qualidade e se evidenciam os erros dos quais o espectador é	TRADTERM - 87 - A Gra
5	equívocos: se a vocal [i] parece ter a mesma qualidade em sílabas tônicas e sílabas tónicas; - para	DELTA - 5 - Sobre a
6	o sujeito, por extensão e extensité, a mesma qualidade para todos os sujeitos, a exemplo do que ocorre n	DELTA - 130 - A Dec
7	a pris fin dans la joie. Para se chegar a esta qualidade de tradução, temos que nos questionar sobre as di	CT - 17 - Tradução em
8	Alegre, como atividade programada da ABRALIN, na qualidade de debate à conferência plenária intitulada ESTUD	DELTA - 8 - Debate e
9	el sempre desejável nas publicações acadêmicas de qualidade. Tivemos dois pareceristas de fora do Brasil que	TRADTERM - 106- Apres
10	As únicas sugestões que posso lembrar acerca da qualidade das aulas eram normalmente propostas por alunos a	DL - 1 - O discurso ne
11	alidação adequada Essas três perspectivas acerca da qualidade de traduções podem ser reunidas sob um modelo úni	TRADTERM - 1 - Indi
12	mução da extensão. Por exemplo, ao acrescentar a qualidade criminal ao termo advogado, aumentamos sua comp	TRADTERM - 131- Organ
13	ecimento de correlatos perceptivos e acústicos da qualidade vocal. A continuidade da exploração dos aspec	DELTA - 2 - Dimensõe
14	tradução, definições de critérios de adequação ou qualidade, e outras questões do gênero.19 Voltamos a nos	CT - 10 - A gramática
15	l com a versão compilada traduzida, para aferir a qualidade linguística do produto traduzido na qualidade de	CT - 5 - Controle de
16	os casos um parâmetro universal para aferição de qualidade. Goethe, por exemplo, defendia a proposta de que	TRADTERM - 2 - Aval
17	desenvolvimento de instrumentos de aferição sobre qualidade de vida. As diretrizes propõem um roteiro básico	TRADTERM - 4 - Trad
18	e ajustes individuais, compatíveis com ajustes da qualidade vocal. A análise estatística das medidas form	DELTA - 2 - Dimensõe
19	osais e glícolicos na caracterização dos ajustes da qualidade vocal e no grau de reconhecimento de fala. Quando	DELTA - 2 - Dimensõe
20	a refletir inclusive a influência dos ajustes de qualidade vocal na produção de segmentos da fala, para o re	DELTA - 2 - Dimensõe
21	prêmio literário Hermann Hesse na Alemanha, pela qualidade da obra publicada em conjunto com sua tradução.	CT - 9 - Entrevista
22	al, corriqueiro, ordinário, usual, ou a algo de qualidade inferior; baixo, chulo, grosseiro (HOUAISS 2009)	TRADTERM - 67 - Compo
23	como resultante uma maior produtividade aliada à qualidade. Foca-se neste trabalho a visão de técnico a	TRADTERM - 118- Aspec
24	atualização do que é descrito como alteração de qualidade vocal (disfonia). A alteração do sinal vocal não	DELTA - 2 - Dimensõe
25	em uma reflexão sobre a dimensão da alteração da qualidade vocal fez-se necessário, no sentido de demandar u	DELTA - 2 - Dimensõe
26	e impacto nos estudos referentes às alterações da qualidade vocal (disfonias). Como resultado de tal desenvol	DELTA - 2 - Dimensõe
27	usados por indivíduos portadores de alterações da qualidade vocal (disfonias). O objetivo foi investigar amos	DELTA - 2 - Dimensõe
28	o presente estudo foi investigar as alterações da qualidade vocal (disfonias) tendo como base descrições da a	DELTA - 2 - Dimensõe
29	oi investigar amostras de vozes com alterações da qualidade D.E.L.T.A., 25:2, 2009 (285-317) vocal por proced	DELTA - 2 - Dimensõe
30	Dimensões perceptivas das alterações de QUALIDADE VOCAL E SUAS CORRELAÇÕES AOS PLANOS DA ACÚSTICA E	DELTA - 2 - Dimensõe
31		

Search Term Words Case Regexp Concordance Hits 715 Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort

Level 1 Level 2 Level 3

Save Window

Exit

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

- BI - 3 - Os escritores e a tradução na editora Globo entre e
- BI - 4 - O intérprete de língua gestual portuguesa - conhece
- CT - 1 - Fitzgerald, F. Scott. O Grande Gatsby. Tradução de
- CT - 10 - A gramática wittgensteiniana como alternativa à pol
- CT - 11 - Autenticidade e intermedialidade nos livros luminis
- CT - 12 - Introdução à internacionalização e à localização de
- CT - 13 - Padrões de uso dos sistemas de memória de tradução.
- CT - 14 - Gerenciamento de memórias de tradução e de glosári
- CT - 15 - Brevíssima história da teoria da tradução no Ocide
- CT - 16 - O papel do tradutor e seu enfoque nos Cadernos de I
- CT - 17 - Tradução em francês - um Conto de Machado de Assis.
- CT - 2 - Fraseologias no ensino de tradução.txt
- CT - 3 - A tradução como um espaço alternativo para ação pol
- CT - 4 - O Etnos do dicionarista, um olhar sobre o prefácio.
- CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
- CT - 6 - Jorge Amado e a internacionalização da literatura b
- CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentad
- CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De jo
- CT - 9 - Entrevista com Mathieu Dossé, Gian Luigi de Rosa e
- DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados
- DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
- DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidac
- DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia
- DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicioná
- DELTA - 5 - Sobre a natureza fonética do acento em português
- DELTA - 6 - Modelo didático do gênero exposição escrita - ic
- DELTA - 7 - O Ensino de línguas para crianças no contexto ec
- DELTA - 8 - Debate a Oliveira e Silva e votre.txt
- DELTA - 9 - Os efeitos de construções metafóricas em textos
- DL - 1 - O discurso neoliberal de Qualidade Total permeando o
- DL - 2 - Análise da influência do propósito da leitura e da
- DL - 3 - Tradução oral à Prima Vista na formação do intérpre
- DL - 5 - Tradução e Terminologia.txt
- DL - 6 - Dos documentos oficiais à formação de professores -
- DL - 8 - Estratégias acústico-articulatórias empregadas por
- DL - 9 - Competência Tradutória.txt
- LL - 1 - Letramento e conhecimento linguístico.txt
- LL - 2 - A música e os micos na legendagem francesa para su
- TRADTERM - 1 - Indicadores de qualidade para a avaliação de
- TRADTERM - 10 - Terminologia do Licenciamento Ambiental Bras
- TRADTERM - 103 - É possível traduzir poesia. O poeta húngaro
- TRADTERM - 109 - A relação entre modalidades, línguas e cultur

Concordance

HIT FILE: 16 FILE: CT - 5 - Controle de qualidade na tradução.txt
 No. of Hits = 129
 File Length (in chars) = 43237

HIT FILE: 18 FILE: CT - 7 - Review - Kate Chopin - Contos traduzidos e comentados estudos literários e humanidades médicas.txt
 No. of Hits = 1
 File Length (in chars) = 19834

HIT FILE: 19 FILE: CT - 8 - Análise estilística da tradução portuguesa de De joode messias de A Gunberg - transculturalidade da ironia.txt
 No. of Hits = 3
 File Length (in chars) = 36360

HIT FILE: 20 FILE: CT - 9 - Entrevista com Mathieu Dossé, Gian Luigi de Rosa e Michael Kegler.txt
 No. of Hits = 2
 File Length (in chars) = 29039

HIT FILE: 21 FILE: DELTA - 1 - Avaliação da Qualidade da Tradução - resultados da primeira fase de um estudo longitudinal sobre a aquisição da competência tradutória.txt
 No. of Hits = 34
 File Length (in chars) = 63339

HIT FILE: 22 FILE: DELTA - 10 - Qualidade de vida - uma fórmula.txt
 No. of Hits = 10
 File Length (in chars) = 30388

HIT FILE: 23 FILE: DELTA - 2 - Dimensões perceptivas das alterações de qualidade vocal e suas correlações aos planos da acústica e da fisiologia.txt
 No. of Hits = 53
 File Length (in chars) = 65551

HIT FILE: 24 FILE: DELTA - 3 - Vídeos Publicitários e o discurso da Tecnologia - metáforas Verbo-Visuais.txt
 No. of Hits = 1
 File Length (in chars) = 57560

HIT FILE: 25 FILE: DELTA - 4 - Uso de corpora comparáveis para filtrar dicionários bilingües gerados por transividade.txt
 No. of Hits = 5
 File Length (in chars) = 41571

Search Term Words Case Regex Advanced Concordance Hits

qualidade 715

Start Stop

Plot Zoom

x1

Reset

Total No. 120

Files Processed

Reset

Exit

26°C Ensobrado

POR 15:27
 PTB2 20/07/2022

APÊNDICE C – Telas de saída do AntConc do mapeamento preliminar dos termos “quality” e “translation quality assessment (item 4.10)”

The screenshot displays the AntConc 3.2.4w (Windows) 2011 interface. The main window shows a concordance search for the word "translation" in the file "Translation Quality Assessment.txt". The concordance table lists 31 occurrences of the word, with the text from the source file visible in the background. The search window at the bottom indicates 1046 concordance hits for the term "translation".

HT	KWIC	File
1	TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Juliane House Past and prese	Translation Quality Assessment.t
2	LITY ASSESSMENT Juliane House Past and present TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Translation quality assessment	Translation Quality Assessment.t
3	Past and present TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Translation quality assessment has become one of the key issu	Translation Quality Assessment.t
4	ty assessment has become one of the key issues in translation studies. This comprehensive and up-to-date treatm	Translation Quality Assessment.t
5	s. This comprehensive and up-to-date treatment of translation evaluation makes explicit the grounds of judging t	Translation Quality Assessment.t
6	hes explicit the grounds of judging the worth of a translation and emphasizes that translation is, at its core,	Translation Quality Assessment.t
7	ng the worth of a translation and emphasizes that translation is, at its core, a linguistic operation. Witt	Translation Quality Assessment.t
8	by the author of the worlds best known model of translation quality assessment, Juliane House, this book prov	Translation Quality Assessment.t
9	levant contemporary interdisciplinary research on translation, intercultural communic- action and globalization,	Translation Quality Assessment.t
10	are transferred through space and time in acts of translation, at the same time highlighting the linguistic nat	Translation Quality Assessment.t
11	e same time highlighting the linguistic nature of translation. The text includes a newly revised and present	Translation Quality Assessment.t
12	t includes a newly revised and presented model of translation quality assessment which, like its predecessors,	Translation Quality Assessment.t
13	test cases also show that there are two steps in translation evaluation: firstly, analysis, description and ex	Translation Quality Assessment.t
14	first: to judge is easy, to understand less so. Translation Quality Assessment is an invaluable resource for	Translation Quality Assessment.t
15	valuable resource for students and researchers of translation studies and intercultural communication, as well	Translation Quality Assessment.t
16	nd President of the International Association for Translation and Intercultural Communication. Her key titles i	Translation Quality Assessment.t
17	ntercultural Communication. Her key titles include Translation Quality Assessment: A Model Revisited (1997), Tra	Translation Quality Assessment.t
18	tion Quality Assessment: A Model Revisited (1997), Translation (2009), Translational Action and Intercultural Co	Translation Quality Assessment.t
19	action and Intercultural Communication (2009) and Translation: A Multidisciplinary Approach (2014). This page i	Translation Quality Assessment.t
20	proach (2014). This page intentionally left blank TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Past and present Juliane House	Translation Quality Assessment.t
21	as Cataloging-in-Publication Data House, Juliane. Translation quality assessment: past and present / Juliane Ho	Translation Quality Assessment.t
22	List of figures and tables viii Permissions ix 1 Translation theory and translation quality assessment 1 What	Translation Quality Assessment.t
23	les viii Permissions ix 1 Translation theory and translation quality assessment 1 What is translation? 2 Trans	Translation Quality Assessment.t
24	ecy and translation quality assessment 1 What is translation? 2 Translation as intercultural communication and social	Translation Quality Assessment.t
25	action quality assessment 1 What is translation? 2 Translation as intercultural communication and social action	Translation Quality Assessment.t
26	s intercultural communication and social action 3 Translation as a cognitive process 5 Translation and equivalence	Translation Quality Assessment.t
27	ial action 3 Translation as a cognitive process 5 Translation and equivalence 5 2 Different approaches to tran	Translation Quality Assessment.t
28	tion and equivalence 5 2 Different approaches to translation theory and translation quality assessment 8 Psych	Translation Quality Assessment.t
29	0 Different approaches to translation theory and translation quality assessment 8 Psycho-social approaches 8 R	Translation Quality Assessment.t
30	riented approaches 11 Some specific proposals for translation quality assessment 14 9 The original House model	Translation Quality Assessment.t
31	lity assessment 14 3 The original House model of translation quality assessment (1977) 21 Fundamental concepts	Translation Quality Assessment.t

Corpus Files

Translation Quality Assessment.txt

- Concordance
- Concordance Plot
- File View
- Clusters
- Collocates
- Word List
- Keyword List

HR	Kwic	File
1	TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Juliane House Past and present TRAN	Translation Quality Assessment.t
2	MENT Juliane House Past and present TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Translation quality assessment has bec	Translation Quality Assessment.t
3	essent TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Translation quality assessment has become one of the key issues in tr	Translation Quality Assessment.t
4	or of the worlds best known model of translation quality assessment, Juliane House, this book provides an	Translation Quality Assessment.t
5	newly revised and presented model of translation quality assessment which, like its predecessors, relies o	Translation Quality Assessment.t
6	nly on a simple and easy to understand less so. Translation Quality Assessment is an invaluable resource for students	Translation Quality Assessment.t
7	of Communication. Her key titles include Translation Quality Assessment: A Model Revisited (1997), Translation	Translation Quality Assessment.t
8	Quality Assessment (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
9	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
10	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
11	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
12	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
13	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
14	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
15	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
16	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
17	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
18	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
19	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
20	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
21	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
22	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
23	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
24	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
25	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
26	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
27	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
28	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
29	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
30	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t
31	Model Revisited (1997), Translation Quality Assessment: Past and Present (2003), Translation Quality Assessment: A	Translation Quality Assessment.t

Total No. 1

Files Processed



Search Term Words Case Regex Concordance Hits Search Window Size

quality Advanced 168 50

Start Stop Sort

Kwic Sort

Level1 Level2 Level3

Save Window

Exit

Corpus Files

Translation Quality Assessment.txt

- Concordance
- Concordance Plot
- File View
- Clusters
- Collocates
- Word List
- Keyword List

HR	KWIC	File
1	TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Juliane House Past and present TRANSLATION QUAL	Translation Quality Assessment.t
2	liane House Past and present TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Translation quality assessment has become one of	Translation Quality Assessment.t
3	RANSLATION QUALITY ASSESSMENT Translation quality assessment has become one of the key issues in translation s	Translation Quality Assessment.t
4	e worlds best known model of translation quality assessment, Juliane House, this book provides an overview of	Translation Quality Assessment.t
5	vised and presented model of translation quality assessment which, like its predecessors, relies on detailed	Translation Quality Assessment.t
6	sy, to understand less so. Translation Quality Assessment is an invaluable resource for students and resear	Translation Quality Assessment.t
7	ation. Her key titles include Translation Quality Assessment: A Model Revisited (1997), Translation (2009), Tr	Translation Quality Assessment.t
8	page intentionally left blank TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT Past and present Juliane House 13 Routledge Taylo	Translation Quality Assessment.t
9	lication Data House, Juliane. Translation quality assessment: past and present / Juliane House. pages cm Inclu	Translation Quality Assessment.t
10	ix 1 Translation theory and translation quality assessment 1 What is translation? 2 Translation as intercultur	Translation Quality Assessment.t
11	hes to translation theory and translation quality assessment 8 Psycho-social approaches 8 Response-based appro	Translation Quality Assessment.t
12	2 Some specific proposals for translation quality assessment 14 3 The original House model of translation qua	Translation Quality Assessment.t
13	The original House model of translation quality assessment (1977) 21 Fundamental concepts 21 Functions of la	Translation Quality Assessment.t
14	sign of the original model of translation quality assessment 26 Operation of the original model 31 Original me	Translation Quality Assessment.t
15	6 The revised House model of translation quality assessment (1997) 63 Overt and covert translation 65 The cul	Translation Quality Assessment.t
16	mce for cultural filtering in translation quality assessment 85 Contrastive pragmatics 85 As an example: contr	Translation Quality Assessment.t
17	mce for cultural filtering in translation quality assessment 97 98 Globalization of discourse 10 Corpus stud	Translation Quality Assessment.t
18	ction of Genre in a model for translation quality assessment 107 Analysis of the translation relation 113 11	Translation Quality Assessment.t
19	research and its relevance for translation quality assessment 116 12 Towards a new integrative model of transl	Translation Quality Assessment.t
20	ds a new integrative model of translation quality assessment 124 Excerpt from Unilever Annual Report (2000) 12	Translation Quality Assessment.t
21	lank 1 TRANSLATION THEORY AND TRANSLATION QUALITY ASSESSMENT In this introductory chapter I will briefly expla	Translation Quality Assessment.t
22	the quality of a translation. Translation quality assessment can thus be said to be at the heart of any theory	Translation Quality Assessment.t
23	is book is a new treatment of translation quality assessment designed to update my two previous versions of a	Translation Quality Assessment.t
24	vious versions of a model for translation quality assessment (House 1977, 1997). Since to my knowledge this mo	Translation Quality Assessment.t
25	plinary conceived approach to translation quality assessment of its kind, I believe it is now time to present	Translation Quality Assessment.t
26	well as a soaring interest in translation quality assessment in the translation profession and the translation	Translation Quality Assessment.t
27	s the strength of my model of translation quality assessment. And in my view translation quality assessment me	Translation Quality Assessment.t
28	ty assessment. And in my view translation quality assessment means both retrospectively assessing the worth of	Translation Quality Assessment.t
29	for any practicable model of translation quality assessment to take into account all of these factors, much 1	Translation Quality Assessment.t
30	on in translation studies emerges from a critical assessment of the validity and reliability of introspective	Translation Quality Assessment.t
31	, and the conceptual basis of translation quality assessment. However, strange as this may seem, equivalence h	Translation Quality Assessment.t

Search Term Words Case Regex Concordance Hits Search Window Size

assessment 125

Kwic Sort

Level 1 Level 2 Level 3

Total No.

Files Processed